



Carina de Mello Souza dos Santos

**Elementos para uma teoria do Outro de Jacques Lacan:
sujeito e alteridade**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro,
Setembro de 2021



Carina de Mello Souza dos Santos

**Elementos para uma teoria do Outro de Jacques Lacan:
sujeito e alteridade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Marcus André Vieira

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Núria Malajovich Muñoz

UFRJ

Prof. Fábio Malcher Martins de Oliveira

UFRJ

Rio de Janeiro, 03 de setembro de 2021.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Carina de Mello Souza dos Santos

Graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2017. Especializou-se Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2020. Busca sustentar, em sua atuação clínica, uma escuta ética do sujeito em sua busca de um lugar para si nas configurações culturais da atualidade.

Ficha Catalográfica

Santos, Carina de Mello Souza dos

Elementos para uma teoria do Outro de Jacques Lacan : sujeito e alteridade / Carina de Mello Souza dos Santos ; orientador: Marcus André Vieira. – 2021.

124 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Alteridade. 3. Linguagem. 4. Sujeito. 5. Inconsciente. 6. Tratamento. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para minha família, a quem espero transmitir as possibilidades singulares de
invenção da existência.

Para meus mestres, de quem ecoa a inspiração para apostar na escuta dos
diferentes modos de construção de um existir.

Agradecimentos

Neste momento, gostaria de expressar minha profunda gratidão às muitas pessoas que tornaram possível este percurso possível.

A Deus, por sua providência que, por trilhas inapreensíveis, suportou encontros e auxílios para a continuidade de um caminho de pesquisa acadêmica tão desejado. Pelas sementes de coragem deixadas nas palavras transmitidas por seu humano filho, as quais endereçam momentos de paz e fé por tantos anos na terra, através de múltiplas vias.

A Marcus Vieira, orientador deste percurso, minha sincera e profunda gratidão pelo acolhimento e acompanhamento neste “barco”, pelas orientações singulares e pelo tempo dedicado nesta construção. Agradeço muitíssimo pelas pontuações sábias, esclarecedoras e pela transmissão da psicanálise lacaniana a um modo simples e compreensível. Apesar das dificuldades e desencontros, registro aqui minha inesgotável gratidão pela paciência e serenidade com a qual recebeu meus excessos, bem como meu profundo reconhecimento pelo saber acessível que busca construir em sua prática.

A minha família, especialmente a minha mãe Cristiane Conceição, a quem tenho profunda gratidão pelo suporte incondicional dispensado durante toda minha vida, pela paciência e acolhimento em conhecer as abstrações que chamam a minha escuta e me levam a escrever, pelo encorajamento nos momentos de maior dificuldade e cansaço, pela inspiração a continuar caminhada, pela transmissão da importância da formação de saberes e pensamentos ao longo das construções da vida. Por tudo que não consigo colocar em palavras, pois não são suficientes, mas de vocês recebi gratuitamente, minha inesgotável gratidão.

A Chen Xuewu, Natália e Rodolfo Rodrigues, minha gratidão por estarmos lado a lado e partilharmos as alegrias, por contar com a presença de vocês ainda que em lugares distantes, pelo mesmo carinho e acolhimento de sempre quando nos encontramos, pelo abrigo, escuta e conselhos durante este percurso da vida, por podermos dividir os pensamentos e construir perspectivas, sempre os carrego comigo em cada passo dado.

A Vanuza Postigo, por tantos momentos de escuta, pela ajuda em sustentar meu próprio dizer e o manejo das escolhas que aprendo ainda a fazer, por todas as indicações e sinalizações que introduziu nesta via, por me orientar de maneira

generosa e solidária neste percurso, meus sinceros agradecimentos. Por suas indicações precisas nos momentos de angústia, chego até aqui.

A Fábio Malcher, minha profunda gratidão pela paciência, compreensão e acolhimento neste duplo caminho em que percorro a jornada deste momento da vida acadêmica, pela disponibilidade em avaliar uma via e orientar outra, por sua grande sabedoria e generosas intervenções na qualificação, ao introduzir elementos para a sustentação de dizeres e afirmações de modo coerente e autêntico. Agradeço por estar presente aqui e continuar a conduzir um outro momento.

A Marcelina Andrade, secretária do Programa de Pós-graduação da PUC-Rio no qual este trabalho foi construído, pela escuta e orientação em diversos momentos dessa construção, por toda a delicadeza e cuidado na instrução de diferentes procedimentos, pelo zelo e atenção com o corpo discente da instituição, pela disponibilidade e apoio e pelas indicações precisas para alcançar a conclusão desta pesquisa. Com o seu suporte generoso, este caminho tornou-se muito mais fácil.

Aos professores que marcaram meu percurso inicial com a psicanálise, Carlos Alberto Costa, Pedro Cattapan, Daniela Bursztyń, Núria Muñoz, Issa Damous, bem como outros a quem tenho profunda admiração, pela inspiração para seguir nesse trabalho de escuta e aposta no sujeito. As palavras são raras para descrever o quanto suas vozes ecoam em minhas leituras, escrita e em meus encontros com as conjunturas da clínica. Minha eterna gratidão pela transmissão de saberes que buscam continuamente construir a cada dia e por compartilharem por seus escritos essas construções.

Aos colegas doutorandos, mestrandos e graduandos do grupo de pesquisa Geringonça, pelo convívio e trocas ao longo dos encontros, pelo acolhimento amigável e descontraído, pelo suporte e escuta em momentos de busca por referências e construção conjunta, pelos conselhos e apoio na novidade que foi este percurso para mim, por toda a generosidade, sabedoria, reflexões e bom humor, os momentos em que estivemos juntos foram de grande leveza.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), meu profundo reconhecimento pela excelência das atividades de ensino e pesquisa e minha imensa gratidão pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia

ter sido realizado. Agradeço pela confiança nesta pesquisa e nos efeitos que se esperam dela.

Finalmente, a você, caro leitor! Agradeço pelo seu interesse neste tema. Espero que as construções neste trabalho possam ser uma ponte para reflexões e indicações da importância do sustento de diferentes modo de relação com a alteridade e elaborações de um existir.

Resumo

Santos, Carina de Mello Souza; Vieira, Marcus André. **Elementos para uma teoria do Outro de Jacques Lacan: sujeito e alteridade**. Rio de Janeiro, 2021. 124p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O conceito de grande Outro, em Jacques Lacan, refere-se ao lugar da cultura e da linguagem por onde o sujeito é formado. Ele surgiu da aproximação lacaniana com a noção freudiana de inconsciente, quando este autor identifica o modo linguageiro do inconsciente operar. Tal conceito possui um aspecto de alteridade radical, isto é, um ponto de impossível significação completa da existência, devido à insuficiência das palavras e símbolos. Dessa forma, o sujeito responde por modos de existência particulares diante de sua vida, a fim de lidar com a alteridade. Neste material, questionamos que diferentes configurações o lugar do Outro pode assumir tendo em vista as respostas que o sujeito busca construir a partir do que recebe de sua cultura. Tal questão nos ajuda a pensar suportes ao tratamento deste lugar para o auxílio das construções subjetivas. Partimos do desenvolvimento lacaniano da noção de Outro em três momentos de seu pensamento, relacionados às duas estruturas subjetivas da neurose e psicose (paranóica e esquizofrênica). Observando a pluralidade de formações sociais em torno de diferentes saberes e fazeres entre sujeitos, entendemos que o conceito de Outro, ao final da obra lacaniana, torna-se “Outros” - diversos lugares simbólicos, diferentes linguagens inventadas nos laços sociais. Por essa via, chegamos ao entendimento de que a alteridade do Outro o torna instrumental. Isto é, sua relação com o sujeito não dada a priori, mas construída por meio da atribuição de uma função subjetiva. Tecer considerações sobre os artifícios de lida com a linguagem e sobre a concepção de Outro auxilia a apreender, na escuta analítica, a emergência de elementos que se apresentam como recursos singulares na clínica, arranjados pelo sujeito para formular modos sustentáveis de existir.

Palavras-chave

alteridade, linguagem, sujeito, inconsciente, tratamento.

Abstract

Santos, Carina de Mello Souza; Vieira, Marcus André (Advisor). **Elements for a theory of the Other by Jacques Lacan: subject and alterity.** Rio de Janeiro, 2021. 124p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The concept of the big Other, in Jacques Lacan, refers to the place of culture and language where the subject is formed. It arose from the Lacanian approach to the Freudian notion of the unconscious, when this author identifies the linguistic way of the unconscious to operate. Such a concept has an aspect of radical alterity, that is, a point of impossible complete meaning of existence, due to the insufficiency of words and symbols. Thus, the subject responds for particular modes of existence in front of his life, in order to deal with alterity. In this material, we question what different configurations the place of the Other can take in view of the responses that the subject seeks to build from what he receives from his culture. This question helps us to think about support for the treatment of this place to help subjective constructions. We start from the Lacanian development of the notion of the Other in three moments of his thought, related to the two subjective structures of neurosis and psychosis (paranoid and schizophrenic). Observing the plurality of social formations around different knowledge and practices between subjects, we understand that the concept of the Other, at the end of the Lacanian work, becomes “Others” - several symbolic places, different languages invented in social ties. In this way, we come to the understanding that the Other’s alterity makes it instrumental. That is, its relationship with the subject is not given a priori, but constructed through the attribution of a subjective function. Contemplating the artifices of dealing with language and the conception of the Other helps to apprehend, in analytical listening, the emergence of elements that present themselves as unique resources in the clinic, arranged by the subject to formulate sustainable ways of existing.

Key-words

alterity, language, subject, unconscious, treatment.

Sumário

Introdução	11
-------------------------	-----------

Capítulo 1: As estruturas neurótica e psicótica em relação ao lugar do Outro na perspectiva lacaniana	21
--	-----------

1.1 O Outro como dimensão de alteridade e lugar da linguagem	22
--	----

1.2 Aproximações acerca da constituição do sujeito na relação com o Outro – a estruturação neurótica	31
--	----

1.2.1 A metáfora paterna como marca da alteridade no Outro	31
--	----

1.2.2 Da relação dual ao ternário simbólico: a introdução de um terceiro na relação mãe-criança.....	35
--	----

1.2.3 A imposição de uma escolha e a consistência do Outro	38
--	----

1.3 Aproximações acerca da constituição do sujeito na relação com o Outro – a estruturação psicótica.....	40
---	----

1.3.1 Sobre a intervenção materna na psicose e a presença invasiva do Outro	41
---	----

1.3.2 A emergência de um novo código para além da língua materna e o Outro “super consistente”	43
--	----

Capítulo 2: Articulações da psicose paranoica no lugar Outro.....	46
--	-----------

2.1 Breve aproximação do quadro da “paranoia” na elaboração psicanalítica freudiana	48
---	----

2.2 Relações entre a paranoia, o Outro e a formação delirante.....	51
--	----

2.2.1 Aproximações da formação delirante como função da personalidade	51
---	----

2.2.2 Sobre o mecanismo delirante como uma tentativa de cura	52
--	----

2.2.3 Da consideração patológica da paranoia ao questionamento da possibilidade de não ser louco.....	54
---	----

2.2.4 Sobre os níveis de conformação do delírio paranoico.....	56
--	----

2.3 Aproximações do cenário contemporâneo: o “tom paranoico” dos dias atuais	59
--	----

Capítulo 3: Articulações entre o Outro e a esquizofrenia	64
---	-----------

3.1 Breve aproximação do quadro da “esquizofrenia” na elaboração psicanalítica freudiana	65
--	----

3.2 Aproximações entre a esquizofrenia e a linguagem — o encontro com o real e a inexistência de um Outro.....	67
--	----

3.2.1 A problemática fundamental da construção de um corpo para habitar	69
3.2.2 A experiência do estádio do espelho como suporte para a constituição de um corpo.....	71
3.2.3 Da linguagem do órgão ao órgão linguagem — a “diz-mensão de um impossível”.....	73
3.2.4 Sobre o órgão linguagem entre outros órgãos do esquizofrênico	76
3.2.5 Aproximações da noção de Outro como uma invenção	77
3.3 O Outro inexistente e o bricoleiro.....	79
3.3.1 Sobre a ironia do esquizofrênico.....	80
3.3.2 Para além do enlace subjetivo pelo simbólico ou imaginário: aproximações de outras possibilidades a partir da noção de sinthoma e de nós	82
3.3.3 Sobre a noção de estabilização e de construções com os dejetos.....	86
3.3.4 O fazer antes do saber: efeitos da bricolagem.....	89
3.4 Construções por meio dos objetos: casos clínicos e modos de organização concretos	93
3.4.1 Endereçamentos a um CAPS e construções de uma proteção social	94
3.4.2 O homem dos papéis e a construção de um Outro	102
Considerações finais	110
Referências bibliográficas.....	119

Introdução

Esta pesquisa é constituída em torno do tema da alteridade, no qual buscamos investigar os desdobramentos conceituais da noção de Outro, com maiúscula, presentes na obra lacaniana. A partir destes, buscamos observar os modos de leitura desta concepção no interior de uma escuta clínica analítica. A psicanálise, em seus momentos primordiais, constituiu-se como uma prática clínica pautada na aposta de um outro tipo de escuta a alguns conflitos emergentes no campo das patologias de sua época, trazendo à sua consideração um elemento fundamental de alteridade à instância consciente do Eu no tratamento do sujeito. Com base nessa aposta, Freud desenvolveu formulações acerca da constituição subjetiva e de sua dinâmica psíquica, no interior da incidência da cultura sobre as formas de subjetivação e produção de sintomas.

A importância do âmbito cultural sobre a formação do sujeito foi de tal modo sustentada pelos psicanalistas de uma era seguinte que, em 1953, em suas considerações em *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan (1953/1998) formula que deve recusar à posição de analista todo aquele que não conseguir alcançar o horizonte da subjetividade de sua época. Ao longo de sua obra, como veremos, Lacan concebeu a noção de Outro como intimamente relacionada à noção de cultura e linguagem onde o sujeito é constituído ao longo de um período histórico. Desde o tempo freudiano, as vertentes culturais que sustentavam certas formas de subjetivação deslocaram-se em diferentes medidas e, certamente, junto a elas, as produções sintomáticas. Assim, buscamos pensar a dimensão da alteridade e a proposta de um tratamento do Outro, tendo em vista as diferentes maneiras de articulação desta instância em tempos recentes.

Na época freudiana, a noção de alteridade relacionada ao Eu formou a pedra angular de toda sua teoria clínica, dando-lhe bases para o desenvolvimento conceitual de inconsciente. Inerente às próprias formulações culturais, esta noção foi possível pela observação do funcionamento do mecanismo do recalque na vida psíquica, cujos efeitos de divisão nesta dimensão foram atribuídos à incidência da representação do pai nas relações primordiais do sujeito. Ao longo dos desdobramentos da obra lacaniana, a estruturação da vida psíquica apoiada na exclusão do operador paterno foi enormemente explorada e aclarada, o que

promove a observação dos diferentes modos de construção de um lugar para si na cultura para além daquele relacionado à referência paterna. Deste modo, no âmbito da clínica, o deslocamento de uma escuta que suporte tais construções faz-se necessário a fim de precisar contornos à dimensão da alteridade com a qual o sujeito lida na formação de suas subjetivações desde sua entrada na linguagem.

Desde as primeiras elaborações freudianas acerca do campo da psicanálise, o paradigma dos processos mentais e do âmbito da vida psíquica no meio médico e psicológico da época sofreu uma variação, devido à indicação de um fator neste âmbito o qual até então não havia sido formulado conceitualmente para além de uma noção metafísica. Tal fator consiste na divisão da vida psíquica, que provoca nesta a instauração de dois modos de funcionamento distintos, articulados entre si, sendo um consciente, reconhecido pelo sujeito e passível de ser afetado e manipulado a partir da realidade externa, e outro inconsciente, também proveniente das afetações que tal realidade provoca — das relações com os sujeitos ao redor e com o próprio corpo —, porém operando com base naquilo que é inapreensível simbolicamente, que causa falhas no discurso do sujeito, produzindo assim seus efeitos sensivelmente.

Este segundo modo de funcionamento, operando efeitos na vida cotidiana do sujeito em suas escolhas, atos e sintomas, emerge como algo perceptível para ele — em determinadas condições estruturais — apenas através de lapsos e “falhas” do funcionamento consciente, de modo vacilante, vindo a apresentar seu conteúdo de modo parcial, o qual reúne algumas “chaves” para incongruências que constituem o próprio sujeito. Na perspectiva freudiana, é a divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente que permite compreender os processos patológicos da vida mental, assim como os ditos normais, sendo isto refletido na atenção particular e pormenorizada dispensada por Freud (1915/1976) sobre o tema em seu artigo *O inconsciente*.

A interposição da noção de inconsciente foi introduzida na obra freudiana à medida que o autor lidava com questões emergidas nas falas e manifestações subjetivas ininteligíveis de seus pacientes, o que requisitou de Freud, segundo seu editor inglês, a observação da linguagem dos processos mentais, isto é, o modo como tais processos funcionam e se expressam. No *capítulo VII* da obra *A*

interpretação dos sonhos, ao tratar da psicologia dos processos oníricos, Freud (1900/1976) buscou delinear o modo de funcionamento do inconsciente e suas diferenciações e relações com outras partes de *seele* – o que pode ser traduzido por alma, mente ou *self*. Na concepção freudiana, este conceito refere-se à noção de algo que se entende como próprio e que causa afetações, porém que constitui algo igualmente estranho ao sujeito, como não lhe pertencendo. Tal noção promoveu o desenvolvimento do conceito de inconsciente para além da ideia filosófica de uma entidade metafísica. O autor buscou aprofundar suas investigações, inicialmente, nas manifestações dessa instância psíquica, com a qual se deparava em sintomas clínicos, lapsos e sonhos, a partir do material onírico que aparecia na comunicação de seus pacientes.

Freud tratava de “ler” o que aparecia no material onírico, de modo que os matizes de expressão linguística apresentaram-se como indicadores do funcionamento subjetivo inconsciente. O meio para se acessar este material consistia no processo de associação livre dos pensamentos comuns provenientes da vida cotidiana. Por meio desse processo, saberes até então desconhecidos emergiam. No entanto, em relação ao inconsciente, observou-se que este funcionamento psíquico passa por censuras e distorções de valores, na medida em que não se adequa de modo coerente ao que ocorre na dimensão consciente. Porquanto esse material é recalcado desta dimensão, ele se torna determinado por outra cadeia de pensamentos, continuando a operar seus efeitos no sujeito, ainda que de modo distante das intenções imediatas dele.

Por meio dessa perspectiva, observou-se também que, aquilo que não possui sentido em um primeiro olhar e não conforma uma coerência na leitura dos relatos do material onírico, como também nas enunciações cotidianas interrompidas por lapsos, piadas e nos sintomas ilegíveis a determinados modos de concepção do funcionamento corpóreo dos seres falantes, constitui parte de uma cadeia de pensamentos subjetiva, determinada por uma gramática específica na vida inconsciente, estruturada com base na dimensão subjetiva do desejo do sujeito (FREUD, 1900/1976).

Os dois modos de funcionamento da vida psíquica são indicados na ótica freudiana como articulados em uma relação de forças entre si. Essa relação baseia-

se no delineamento da função primitiva do aparelho psíquico formulada por Freud (1915/1976), segundo a qual suas atividades são reguladas pelo esforço de evitar um acúmulo de excitação sobre ele. Para além desta dimensão, o autor posteriormente também elaborou a noção do movimento contrário a este, na qual o acúmulo de tensão não encontra possibilidade de escoamento e realiza um movimento de tendência destrutiva no aparelho psíquico, ao romper sua regulação (FREUD, 1920/1976). Sobre isso, exige-se um mecanismo de ligação, que transforme a excitação em energia organizada no aparelho mental, a qual se encontra relacionada aos processos de significação deste acúmulo. Tais processos adiam a realização da descarga dos investimentos nas representações da vida mental, porquanto se inserem no âmbito da recusa de uma certa parcela de satisfação necessária à sustentação do laço social que promovem.

Segundo a ótica freudiana, é o inconsciente que forma a base geral da vida psíquica, constituindo uma função que compreende uma linguagem particular do sujeito acerca das representações na vida mental veiculadas em função de seu desejo. Dessa forma, na medida em que o âmbito do desejo envolve impasses da existência do sujeito em sua relação com a cultura na estrutura do laço social, o que daí é separado como a dimensão inconsciente tem seus representantes significantes que o “camuflam” conscientemente, como elementos irracionais. Em torno disto, a psicanálise, reconhecendo a linguagem da dimensão inconsciente da vida psíquica e com base na experiência clínica, consolidou-se como “método de verdade e de desmistificação das camuflagens subjetivas” (LACAN, 1953/1998, p. 242).

Ao recuperarmos o termo “linguagem” que aparece na obra freudiana, encontramos sua correspondência nas proposições lacanianas, quando Lacan (1964/1973) formula a máxima de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p.25). Tendo essa perspectiva em vista, este autor aponta que a linguística pode servir-nos de guia neste ponto, indicando que “o sintoma se resolve por inteiro numa análise languageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” (*idem*, p.270).

Segundo a perspectiva lacaniana, os conceitos da psicanálise só podem ser captados no campo da linguagem, estando seu domínio em torno daquilo que,

como uma miragem da consciência ou um fenômeno social, serve como material significativo para o que o sujeito inconsciente tem a expressar. Assim, entende-se que a ordem essencial em que se situa a psicanálise e o sujeito é a ordem dos símbolos, a ordem simbólica, sendo sua dimensão própria o campo da fala. Em sua formação, Lacan entrou em contato com o campo da linguística, da antropologia e da filosofia, os quais constituíram um suporte à singularidade de suas elaborações. Para Lacan (1953/1998), o homem é um “ser simbólico”, constituído e atravessado pela linguagem, bem como é submetido à mesma, de modo que o inconsciente aponta para uma estrutura de significantes anterior ao mundo das coisas.

Este autor entende que o postulado freudiano acerca do inconsciente, bem como seu estatuto simbólico, o configuram como um lugar Outro, com maiúscula, o qual buscaremos abordar ao longo do trabalho. Lacan (1953/1998) entende que a estrutura formada por determinados significantes em um plano discursivo constitui o plano por meio do qual o trabalho psíquico é possível ao sujeito, bem como o plano por onde se apresenta a realidade. Nesse sentido, a estrutura significativa inserida no discurso paterno tradicional, proveniente da formulação freudiana acerca do complexo de Édipo, é a responsável pela representação da interdição e da cultura inicialmente (o que passa por reformulações na obra lacaniana, como veremos).

O autor indica, referenciando o âmbito do inconsciente pela via onírica, que o sonho tem a estrutura de uma frase, a qual expressa simbolicamente, por meio das diferentes figuras da linguagem, a dimensão de um desejo. Esta dimensão é evidenciada por meio da estrutura da linguagem, como encontrando seu sentido no desejo do outro, sendo seu primeiro objeto o reconhecimento do outro, o que buscaremos abordar. Assim, os sonhos, atos falhos, lapsos, ao ultrapassarem as coerências e mecanismos racionais com os quais a normalidade da sociedade se consolida e ao deixarem entrever a estrutura inconsciente subjetiva, tornam-se, na verdade, partes de um discurso bem-sucedido. Na perspectiva lacaniana, portanto, esses fatores se resolvem na análise linguageira.

“O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem” (LACAN, 1953/1998, p.278), sendo o símbolo, na ótica lacaniana, o mesmo que pacto de um

significado. O sujeito, como veremos, é constituído com base em uma rede de significantes que antecedem sua existência. Conforme a perspectiva lacaniana, o mundo das palavras cria o mundo das coisas, o que aponta para o seu conceito de Outro, conceito relacionado às configurações da linguagem atualizado a cada época e cada cultura. Este consiste o nosso tema central deste trabalho. Como mencionamos, a partir da formulação freudiana do complexo de Édipo, Lacan entende em sua obra, inicialmente, que é no Nome-do-pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica, como veremos, sendo este nome identificado com o lugar da lei. Na perspectiva lacaniana, a inscrição deste nome no âmbito da constituição psíquica, assim como sua exclusão, culminam em diferentes configurações desta dimensão, implicando-se assim diferentes estruturas subjetivas – neurose e psicose – e configurações do lugar do Outro.

A função paterna, por meio da operação da metáfora, ou seja, da substituição de um significante por outro (produzindo assim o efeito de significação, conforme abordaremos) permite ao sujeito organizar-se no mundo simbólico e habitar a linguagem de maneira neurótica. Ausente tal traço, o sujeito organiza-se subjetivamente ao modo psicótico. Tendo em vista os diferentes modos de relação dos sujeitos com a linguagem e com a determinação de fenômenos impostos por ela na ausência do significante paterno, constroem-se indagações acerca de que recursos tornam possível a instauração de um manejo subjetivo sustentável da relação com esta dimensão.

A partir da reformulação das concepções lacanianas a datar do final de sua obra, o que buscaremos abordar, observamos que há uma incompletude inerente ao registro simbólico que retorna para ambas as estruturas subjetivas como questão – ou seja, que há algo que resta sem sentido no âmbito da existência relacionado à alteridade que aí emerge –, e da perspectiva da ausência de um sentido comum para todos. Mediante as novas e variadas formas de existência em tempos recentes, percebemos que, partindo da observação de que há algo impossível de significar nesse registro, outras apostas e modos de configurar esse lugar são construídos, o que retorna efeitos às conformações subjetivas. Tal entendimento é esclarecido através das concepções de “forclusão generalizada” (MILLER, 1998), sob a qual se percebe que algo retorna sem a inscrição no

âmbito simbólico em todos, e de “sinthoma”, como veremos, que afirma ser necessária a invenção de um artifício particular a cada sujeito que lhe suporte o sustento da relação com a linguagem e a cultura em sua estruturação subjetiva, tecido a partir de seu saber-fazer em um discurso apropriado ou inventado. Por meio disto, pode-se entrever a maneira como cada sujeito constrói o seu próprio existir.

Miller (2003), em *A invenção psicótica*, indica que o Outro, conceito relacionado à dimensão da linguagem, é um campo ficcional, estando o sujeito condicionado a se inventar. “Ele é particularmente levado a instrumentalizar a linguagem” (*idem*, p.13), como abordaremos. Partindo da observação da pluralização de formas de organizar este âmbito e de formações sociais, entendemos que o Outro hegemônico marcado pelo operador paterno torna-se “Outros”, diferentes linguagens que se inventam. Portanto, diferentes formas de instrumentalizar/saber-fazer com a linguagem. Dentre essas diferentes formas, podemos localizar o modo de estruturação da paranoia e da esquizofrenia na relação com o Outro, em contraposição a estruturação neurótica mencionada anteriormente.

Visto tudo isso, indagações acerca do Outro e de suas particularidades, mediante a invenção de cada sujeito, emergem. Propõe-se, nesse material, o questionamento referente aos e modos de existência, possibilitados a partir da particularidade específica de alteridade radical do lugar do Outro, isto é, de uma incompletude inerente ao registro simbólico da linguagem. Destarte, indaga-se: *Como é possível ponderar o lugar da linguagem, na construção de um tratamento do Outro, tendo em vista seu aspecto de alteridade radical, a fim de suportar os arranjos do sujeito para habitar essa dimensão?*

Esclarecer as ponderações referentes à concepção de Outro e de invenções do existir na atualidade auxilia a apreender, na clínica, a emergência de elementos que se desvelam como recursos singulares arranjados pelo sujeito para formular possibilidades de organização da linguagem e elaboração de modos sustentáveis de estar em uma época e uma cultura. Acredita-se que a promoção de situações sustentáveis para o sujeito em seu contato com a realidade e com o outro é bem-sucedida apenas através de práticas de um tratamento que alcance sua forma de

estruturação subjetiva, entendida como a dimensão do sujeito que envolve a função da fala, da linguagem e do significante, campo onde o sujeito circula para lidar com os efeitos da falta de sentido e daquilo de inefável com o qual ele é confrontado na vida, como veremos.

Desse modo, este estudo contribui, por meio de suas elaborações, para os campos de trabalho da área clínica e outras que lidem com a relação do sujeito com sua realidade, na qual estejam contidas formas diversas de sofrimento e de produção de existências para além do âmbito estrutural neurótico. A partir do entendimento lacaniano de que é preciso, ao analista, alcançar a subjetividade de sua época, apostamos na investigação e na indagação propostas a fim de alojar breves encaminhamentos à observação das diferentes possibilidades de enlace dos registros da linguagem que suportam a existência subjetiva, os quais culminam em diferentes modos de posicionamento do sujeito frente sua realidade cotidiana.

Tendo isso em vista, buscaremos desenvolver o conceito de Outro no ensino lacaniano, lugar no qual o sujeito se constitui, de acordo com suas modalidades específicas no interior das estruturas neurótica e psicótica. Na dimensão desta última, buscaremos acompanhar as invenções realizadas pelo sujeito a fim de habitar a linguagem e se constituir nesse âmbito. A fim de investigar a concepção citada, realizaremos um percurso teórico dividido em três partes, nas quais articularemos perspectivas do arcabouço da presente pesquisa.

Em um primeiro momento, abordaremos o modo como a concepção de Outro, construída a partir da aproximação das noções de inconsciente e linguagem, na perspectiva lacaniana, encontra-se atrelada ao campo no qual o sujeito é determinado. Aproximaremos-nos desse conceito a fim de delineá-lo como a dimensão da linguagem onde se faz possível que as coisas da realidade se distingam e um sistema possa ser formado a partir de uma marca, de um nome ou artifício. Ainda, no interior desta noção, que apresenta um sistema de trocas regido por uma lei, a qual sobredetermina as escolhas dos sujeitos, investigaremos a função do Nome-do-pai, visto durante um período da teorização lacaniana como o principal operador de ordenação dos sentidos do sujeito no campo simbólico. Tal função, enquanto lei, designa de maneira arbitrária a localização da alteridade vivenciada no lugar do Outro, o que promove o posicionamento indireto do

sujeito no universo simbólico, na estrutura da neurose. Acompanharemos, a partir daí, a configuração desse lugar desde a ausência deste operador, de modo a introduzir a estrutura da psicose e a vivência dos fenômenos de linguagem nesta. Com isto, buscaremos construir um suporte para a entrada em um segundo momento.

No segundo capítulo, ao voltarmos nossa atenção de forma mais aprofundada à estrutura da psicose, buscaremos observar como o lugar da linguagem tem sua dinâmica configurada na estrutura da psicose paranoica. A ausência do operador paterno nesta configuração do Outro dá lugar ao artifício do delírio como modo de se localizar na linguagem por recursos imaginários, como veremos, como um artifício de defesa frente ao vazio relacionado à alteridade que o Outro compreende. Esse artifício, considerado por muito tempo como um mecanismo patológico, é concebido pela psicanálise como uma “tentativa de cura” frente à incidência do Outro sobre o sujeito, de modo que o mesmo também se encontra presente nos desdobramentos psíquicos presentes em sujeitos considerados “normais”.

Em um terceiro momento, buscaremos abordar a relação entre a estrutura psicótica da esquizofrenia e o lugar da linguagem, de forma a observar o modo de construção de um Outro por meio do real dos objetos. Se na psicose paranoica a forclusão do Nome-do-pai dá lugar ao artifício delirante de organização da linguagem, de modo que o Outro ainda se encontra delineado na experiência subjetiva, na experiência esquizofrênica existe um trabalho de construção de um Outro por se realizar, o qual se encontra submetido a um fazer, em nível concreto, com objetos ou palavras. É a partir da invenção de um fazer dessa ordem que se torna possível ao sujeito a construção de um corpo para habitar e a construção de uma realidade. Tendo em vista as construções empreendidas pelas experiências psicóticas, observamos que o Nome-do-pai torna-se uma das possíveis formas de organização da linguagem, como veremos, que, ao instaurar a lei, promove o suporte à estruturação subjetiva, o que pode ser realizado por outros artifícios. Por conseguinte, buscaremos explorar o conceito de *sinthoma* e sua relação com o caráter instrumental e ficcional do Outro, bem como a noção de *bricolagem*,

proposta por Lévi-Strauss (1962/1989), as quais se vinculam à observação das diferentes possibilidades de saber-fazer com a linguagem.

A fim de reunir os caminhos articulados durante o trabalho, buscaremos trazer ao fim deste material considerações acerca de dois casos da clínica das psicoses que se constroem em torno da concepção de tratamento do Outro e da dimensão particular deste considerada em cada caso. Nosso objetivo consiste em que, por meio das observações dos mesmos após o levantamento das relações entre o âmbito das estruturas subjetivas e a dimensão da linguagem, seja possível apreender a leitura da concepção de Outro e de seu tratamento tecida por analistas em seu trabalho clínico, bem como que efeitos tais modos de condução na clínica com psicóticos puderam produzir aos sujeitos em acompanhamento. Baseados na noção de que é preciso, a cada sujeito, uma aposta ou invenção particular no Outro para sua existência, será possível delinear que repercussões são geradas por determinadas leituras da alteridade na tecedura de acompanhamentos psicanalíticos de pacientes psicóticos e verificar como os mesmos utilizam de diferentes recursos na construção de modos de existência específicos.. Tendo em vista esse percurso, torna-se possível a nós ponderar encaminhamentos acerca do questionamento proposto sobre o suporte ao sujeito em seus arranjos para habitar a dimensão da linguagem e lidar com o Outro.

Capítulo 1

As estruturas neurótica e psicótica em relação ao lugar do Outro na perspectiva lacaniana

*Ninguém compreende o outro.
[...] Corre entre nós o mar que nos define e separa.
Por mais que uma alma se esforce por saber o que é outra alma
Não saberá senão o que lhe diga uma palavra
– Sombra disforme no chão do seu entendimento.*

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego (1982)

Os processos de estruturação subjetiva ocorridos na relação entre o ser e o Outro constituem movimentos singulares que correspondem, fundamentalmente, à cultura e à época em que se encontram. O conceito de Outro, na obra lacaniana, teve sua emergência a partir da aproximação entre a noção freudiana de inconsciente e a estrutura da linguagem, sendo esta última considerada como inerente ao funcionamento e às expressões do inconsciente (LACAN, 1957-58/1999). Tal conceito é composto a partir dos diferentes níveis do simbólico, imaginário e real, como abordaremos, e é entendido como o lugar da linguagem (*idem*). As referências à dimensão do Outro comportam, tanto na obra freudiana, com seu “umbigo do sonho” (FREUD, 1900/1976; DERRIDA, 1967/2005), quanto na obra lacaniana, a partir da instância inacessível do “real” (LACAN, 1958-59/2002), um aspecto de alteridade que se apresenta como um ponto irreduzível à significação. Isto é, um nível que, por constituir um buraco perante os processos de significação, permite entrever a impossibilidade de completude da vida e do ser falante, o qual responde por um modo de existência particular e de estruturação psíquica diante disso.

Nosso interesse ao abordar tal noção, em um momento inicial, coloca-se em pensar quais distinções podem ser sublinhadas, com relação a essa concepção, ao pensarmos nas estruturas neurótica e psicótica. Na neurose, o Outro encontra-se marcado pelo operador simbólico do Nome-do-pai, como veremos, o que traz ao âmbito social regido por esse nome uma unificação na lida com a alteridade inscrita como falta. No âmbito da psicose, contudo, o Outro não encontra-se marcado por este significante primordial, o que abre vias para diferentes modos de manejo da linguagem e de configurações deste lugar. Nosso esforço se justifica ao

considerarmos a dimensão da prática clínica nos dias atuais, tendo em vista o encontro da escuta e do saber-fazer da psicanálise com uma cultura em que a dimensão do Outro apresenta-se mais fragmentada que outrora (KALLAS, 2016, p.58). Isto traz a necessidade de modos outros de suporte ao sujeito, tendo em vista o saber-fazer daqueles que chegam à clínica em busca de auxílio com seus manejos próprios diante da alteridade radical do Outro. Pensamos: que lugar e tratamento são destinados à alteridade na atualidade? E, como é possível falar de diferentes “Outros”, ou, dito de outra forma, diferentes encontros com essa dimensão de alteridade que promova a estruturação do sujeito por diferentes vias? De que Outro falamos?

1.1 O Outro como dimensão de alteridade e lugar da linguagem

No interior das apresentações de pacientes promovidas por Lacan (2000), onde realizava-se a escuta das articulações com a linguagem em fenômenos psicóticos trazidos por esses sujeitos, o autor entendia que se fazia necessária uma abordagem coerente acerca do que lhe era apresentado, em uma busca pelo entendimento de seus processos subjetivos. Lacan (2000) entendia que, para abordar tais fenômenos que lhe apareciam, a partir do método freudiano da “atenção flutuante” (FREUD, 1912/1976, p.126), o único modo coerente de acesso seria o de pôr tais fenômenos em questão no registro em que eles faziam-se presentes, ou seja, no registro da fala. Segundo sua perspectiva, o registro da fala cria a riqueza da fenomenologia da estrutura psicótica, sendo a alucinação verbal um dos fenômenos mais complexos desse registro. Foi pela via da fala e pela observação de que tanto neuróticos como psicóticos encontram-se nesse registro ao seu modo próprio que, na ótica lacaniana, foi possível aclarar a intrínseca relação entre o modo de uso da linguagem e a estruturação psíquica do sujeito, sendo por isso que consideramos importante retomar este registro no escopo de nosso estudo nesse momento.

Lacan (1955-56/1988) propôs uma análise conceitual do registro da fala ao afirmar que, antes de mais nada, falar é sempre falar a outros. Nesse sentido, ele especifica o que é a palavra enquanto falar ao outro, indicando ser seu aspecto fundamental o seu valor fundador, tanto do sujeito quanto do outro, afirmando

também que se implica nesta noção o fazer falar o outro enquanto tal. Nesse momento de sua obra, o autor propõe que se escreva o outro com inicial maiúscula, justificando tal proposição por aspectos singulares desse Outro com quem se fala e por onde se introduz a dimensão da linguagem. Para Lacan (1955-56/1988), o valor fundador da fala está relacionado ao que é visado na mensagem e que aponta para a questão, em última instância, sobre de quem ou de quê se trata o Outro. Isto é, ele é reconhecido, porém não conhecido. Este é o “Outro absoluto” (LACAN, 1955-56/1988, p.49), aquele pelo qual o sujeito constitui-se a partir de sua fala. A dimensão do Outro encontra-se presente desde que o sujeito começa a falar¹ e de onde vem a se estruturar em suas relações. O autor expõe, com alguns exemplos, este entendimento.

Você é minha mulher — afinal, o que sabem vocês disso? Você é meu mestre — de fato, estão vocês certos disso? É essencialmente essa incógnita na alteridade do Outro que caracteriza a ligação da palavra no nível em que ela é falada ao outro (LACAN, 1955-56/1988, p.49, grifos do autor).

Na perspectiva lacaniana, para além da dimensão da comunicação que a fala comporta, o que se encontra no centro de sua função trata-se do valor fundador da palavra falada, uma vez que ao falar ao Outro, o sujeito se constitui. Este Outro ao qual o sujeito se dirige não é passível de conhecimento, devido a uma dimensão de alteridade radical ele comporta, incógnita inacessível ao sujeito a partir de onde o mesmo é fundado, como uma resposta a essa questão. Isto é, ao falar e pensar, o sujeito não alcança a totalidade de seu ser por meio do Outro. Por conseguinte, ao endereçar sua fala, com base em determinado lugar social e por meio de significantes do Outro, torna-se possível ao sujeito definir-se parcialmente.

Nesse momento de sua obra, a perspectiva lacaniana desenvolve a concepção de Outro como marcada por uma incógnita fundamental, concepção que ele vai diferir quando em relação com a experiência da neurose e a experiência da psicose. Há uma diferença fundamental entre esse Outro, com um A maiúsculo (*Autre*, em francês), que constitui o Outro enquanto não é conhecido

¹ Lacan (1955-56/1988) indica que essa parte que fala no sujeito é uma parte desconhecida, o próprio inconsciente freudiano: “[...] esse inconsciente é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais do que crê” (LACAN, 1955-56/1988, p.50).

— a “sede da fala” (LACAN, 1957-58/1999, p.14), o Outro simbólico, lugar dos significantes que funda o sujeito e em relação ao qual não é possível alcançar um significante último, sendo marcado por uma falta, portanto, a qual aponta para seu aspecto de alteridade radical (LACAN, 1958-59/2002, p.393) —, e o outro com a inicial minúscula (*autre*) — que, na obra lacaniana, consiste em uma dimensão imaginária, sendo “aquele diante de quem o sujeito se encontra como sendo sua própria imagem” (LACAN, 1957-58/1999, p.14), onde o sujeito se reconhece e se vê, a parte do outro que serve para definir o sujeito no âmbito do significado. Este é o “pequeno a” do espelho (*autre*), o qual é a referência da relação imaginária, onde se concebe o próprio sujeito e o outro como iguais e onde se promove o sentido (LACAN, 1949/1998).

Ao elaborar a experiência do estágio do espelho, a qual aprofundaremos no terceiro capítulo ao tratar da experiência psicótica esquizofrênica, Lacan (1949/1998) indica que a relação imaginária corresponde a uma circunstância que situa o eu como um outro, sendo uma relação dual, fundamentalmente, em que eu e outro tendem a se igualar e onde a incidência do diferente é perturbadora para o reconhecimento e sustentação da imagem própria. É a partir da introdução de um terceiro termo, operador de um corte nessa relação, que se dá a ordenação simbólica da própria subjetividade e distinção entre os termos, sendo a dimensão simbólica a dimensão que viabiliza a passagem de uma relação dual e imediata para uma relação de três elementos, dentre os quais um consiste em um mediador, ao qual o sujeito se submete na relação com o outro. O Outro simbólico, com seu aspecto de alteridade, configura-se como aquele que torna possível a experiência dialética, apaziguando as relações imaginárias. De modo contrário, o outro diferente é tomado como invasor do eu na relação imaginária que busca o semelhante e um sentido fixo.

É nesse âmbito que se torna possível apreender a proposição de que o sujeito emerge do cruzamento do Outro, da linguagem, com o indivíduo, sendo nesse lugar que ele virá a existir pela alienação a significantes primordiais e em relação ao qual se faz possível alguma separação pelo deslizamento dos significantes. Podemos observar que, na perspectiva lacaniana desta época, o Outro, como lugar da linguagem, torna-se sinônimo do lugar da cultura e da

ordem simbólica, onde são desenvolvidas determinadas possibilidades de relação significante. É nesse lugar que o sujeito vem a se fundar em condições de cadeia de significantes, digamos, sendo ele aquilo que um significante representa para outro significante (LACAN, 1964/1998)². No âmbito da fala, podemos dizer, de modo breve, que o Outro divide-se nas dimensões de um Outro imaginário, grifado na obra lacaniana como outro (*autre*, pequeno a), isto é, a dimensão onde a pessoa se encontra em relação ao seu semelhante e se reconhece, bem como onde se promove o sentido; de um Outro simbólico, na qual ocorre a fundação de si por meio da fala e da articulação entre significantes, a qual permite uma relação com o diferente mediada; e, a dimensão de um Outro como aquilo que é impossível de se apreender, qual constitui a dimensão do real, aspecto de alteridade radical, inapreensível.

Na perspectiva lacaniana, o essencial a se considerar na análise da relação entre sujeitos é o que não está ali, o que consiste justamente no que a estrutura. O elemento de alteridade inapreensível estrutura a relação entre eles, sendo por essa via que ocorrem os desdobramentos no plano simbólico e, anteriormente à constituição subjetiva, o que se interpõe na dimensão primordial das relações desde o início, ainda que não de modo perceptível. Isto sucede porque a própria possibilidade de que haja relação pressupõe dois fatores que se articulam, quais sejam uma hiância, a qual leva ao endereçamento a outro pelo símbolo, e uma lei, instaurada com base em tal simbolização. Em si mesmo, o próprio plano simbólico presente desde o início contém em si essa falta (LACAN, 1954/1986).

Lacan (1954/1986) afirma que o símbolo — isto é, elemento significante —, presentifica-se na realidade desde o início, inclusive na estrutura mesma do pensamento. Desenvolvendo esta afirmação, de acordo com a sua perspectiva, “o símbolo só vale se se organiza num mundo de símbolos” (*idem*, p.257). Ou seja, a

2 Acerca da composição da estrutura significante, Lacan (1957/1998) indica que constitui uma propriedade do significante a necessidade de um “substrato topológico”, o qual pode ser apreendido a partir da imagem de “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (p.505). Para o autor, os elos em cadeia de elementos significantes é o que permite a estabilidade de um processo de significação, o qual tem como marca o fato de estar sempre inacabado pela própria inerência do significante de não fechar um processo de significação totalitariamente. Podemos tomar como exemplo a imagem de um dicionário, onde uma significação encontra-se sempre remetida à outra. A isto, Lacan (1957/1998) nomeia “cadeia significante”, indicando que, a cada novo significante, uma nova significação pode advir, fundamentalmente provisória e mais ou menos estável.

representação de algo só adquire algum valor de significação quando imerso numa cadeia com sua posição entre outras representações. Segundo Lacan (1954/1986), nesse âmbito do símbolo, a palavra introduz o “oco do ser na textura do real”, sendo que tanto um quanto outro se mantêm e oscilam, sendo correlativos. Ou seja, é somente através da palavra que é possível apreender que há coisas que são e coisas que não são. “É com a dimensão da palavra que se cava no real a verdade. Não há nem verdadeiro nem falso antes da palavra. Com ela se introduz a verdade e a mentira também, e outros registros ainda” (*idem*, p.261). A palavra, portanto, é destinada à ambiguidade, ela introduz a dúvida, sendo que, no momento em que é emitida pela criança, ela ainda consiste em uma palavra desengajada. Assim, ao longo da constituição do sujeito, trata-se de ligá-lo às suas contradições, segundo Lacan (1954/1986), e de fazê-lo assinalar o que diz, o que traz como efeito o engajamento dessa palavra numa dialética.

Entendemos, portanto, que nossa condição de sujeito encontra-se atrelada à dependência da relação com o Outro, lugar da linguagem em que se articula a fala e história subjetivas, bem como lugar definido pela cultura com base em modos de uso da linguagem, o que configura formas de discurso³ social, sendo a condição de sujeito determinada pelo que se desenrola a partir daí. Na obra lacaniana, sublinha-se que, quando o Outro fala, “não é pura e simplesmente a realidade diante da qual vocês estão, a saber, o indivíduo que articula. O Outro está além dessa realidade” (LACAN, 1955-56/1988, p.62). O autor explica, para além disto, que

[...] o Outro é aquilo diante do que vocês se fazem reconhecer. Mas vocês só podem se fazer reconhecer por ele porque ele é em primeiro lugar reconhecido. Ele deve ser reconhecido para que vocês possam se fazer reconhecer. [...] É no reconhecimento que vocês o instituem, e não como um elemento puro e simples da realidade, um pião, um

³ Aqui, podemos referenciar o que Coelho (2006) indica, de modo breve, como sendo o discurso: “um modo de relacionamento social representado por uma estrutura sem palavras”, de acordo com a formulação de Lacan (1969-70/1992). Segundo este autor, os discursos são modos de uso da linguagem por onde é possível a formação de um vínculo social. Eles são fundados na estrutura significante, sendo a articulação da cadeia significante o que funda sua dinâmica, composta pelos elementos: S1 (significante-mestre), S2 (significante do saber), S/ (sujeito barrado), *a* (causa do desejo). Tal estrutura foi refletida na concepção de quatro discursos na obra lacaniana (mestre, universitário, histórica, analista), a partir das diferentes distribuições de posição dos elementos significantes, sendo as posições elencadas como: agente/verdade → outro/produção. Baseados nessa estrutura — de um agente que organiza o discurso, o qual atua sobre um outro, para quem o discurso se dirige, tendo esse discurso o efeito de uma produção e sustentado por uma verdade semi-dita —, é possível a regulação da vida social entre os sujeitos (LACAN, 1969-70/1992; COELHO, 2006)

fantoches, mas um absoluto irredutível da existência, do qual como sujeito depende o valor mesmo da palavra na qual vocês se fazem reconhecer. Há alguma coisa que nasce. (LACAN, 1955-56/1988, p.63)

Acerca disto, faz-se importante atentar ao momento de encontro do sujeito em constituição com esse lugar Outro no âmbito da fala. O reconhecimento do Outro — não conhecido e tendo o seu lugar ocupado por atores sociais, como o pai, mãe, cuidadores, mestres — permite ao sujeito ser reconhecido por ele, assumir seu enigma como questão pela via de um sentido metafórico e, assim, poder manejar uma resposta que se configura como realidade, a qual vem a responder a questão *O que o Outro quer de mim?*, constituindo, o próprio Outro, uma entidade faltosa.

Esclarecendo esta dinâmica da relação com o Outro, podemos observar, junto ao desenvolvimento lacaniano, que para além da fala de um outro que se apresenta à criança, seja ele sua mãe ou pai, em um primeiro momento de constituição subjetiva, coloca-se também para ela, no interior de certas condições, uma falta que propulsiona o questionamento acerca do que o Outro quer dela, vindo daí seu reconhecimento. Aparece aí a dimensão da falta que propulsiona a formação do desejo e do sujeito. Isto é refletido, por exemplo, nos infundáveis “*por ques*” infantis. Podemos dizer que o âmbito do reconhecimento está intimamente ligado à insuficiência do conhecimento em relação ao outro semelhante e ao buraco de significação presente no laço social que, alojado pela metáfora paterna na estruturação neurótica, como veremos mais adiante, vem a dar uma impressão de completude sempre provisória do outro.

Vemos, portanto, que esse lugar Outro, com o qual Lacan (1957-58/1999) aponta a existência de algo primevo ao sujeito, que abarca as estruturas significantes metafórica e metonímica, as quais observaremos no tópico deste capítulo a seguir, constitui o lugar da linguagem e da cultura, portando em si a ordem dos símbolos. A perspectiva lacaniana sublinha que o Outro é um lugar, o qual consiste em filtro que organiza e cria obstáculos no que pode ser aceito e ouvido pelo sujeito. Trata-se de um lugar simbólico, “o lugar do tesouro, digamos, das frases sem as quais a tirada espirituosa⁴ não pode adquirir valor e alcance”

4 Tomando a palavra “*familiário*”, o mesmo ponto do qual Freud (1905/1995) partiu em sua obra sobre chiste (Witz), Lacan (1957-58/1999) afirma que essa palavra indica a estrutura denominada como “tirada espirituosa”, isto é, a formulação de um termo que veicula uma

(*idem*, p.122), sendo o “fiador da linguagem” (*idem*, p.145) e a submetendo à sua dialética. Assim, há coisas que podem ser ouvidas e outras não, bem como apenas torna-se possível criar, manejar e expressar processos de significação por meio do material e das funções presentes nesse lugar. Lacan (1957-58/1999) aponta que há coisas que não podem ser ouvidas e que a tirada espirituosa, em sua estrutura, cria um movimento para ser audível em algum ponto, como um eco, servindo-se daquilo que lhe cria obstáculos. Disso se trata a metáfora e, como o autor aponta, em seu interior alguma coisa resiste, feita de cristalizações imaginárias no sujeito.

Em relação ao Outro como um lugar, Quinet (2012) esclarece que o Outro não é um lugar localizável, mas de um lugar simbólico, onde as cadeias significantes do sujeito articulam-se determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age. Ele afirma que, na perspectiva lacaniana, nada do sujeito escapa ao Outro: “sua mente e seu corpo, seus movimentos e seus atos. Seus sonhos e sua vigília” (*idem*, p.11). O autor sublinha que o Outro consiste no tecido da linguagem cujo discurso constitui o inconsciente. Assim, a questão da existência subjetiva, sua sexuação e história depende do que se passa no campo do Outro, noção elaborada por Lacan a partir da proposição freudiana de outra cena, outro cenário da vida consciente que determina a história do sujeito, o inconsciente (QUINET, 2012). Como o inconsciente conhece apenas os elementos do âmbito significativo, o que possui de mais elementar, Lacan (1957/1998) afirma que o inconsciente é o discurso do Outro.

O autor explica que o sujeito, não tendo uma identidade própria (de forma diversa ao eu, portador de uma identidade que se define em âmbito imaginário, por intermédio da relação com os semelhantes) é apenas representado por significantes em representações não fixas. Isto porque o sujeito é indefinível, não é passível de ser apreendido de forma total. Conforme o exemplo que Quinet (2012) propõe: o sujeito pode ser representado pelo significante “homem” em relação ao significante “mulher”, “criança”, ou “marciano”; e pelo significante “médico” em relação ao “engenheiro” ou ao “paciente”. A aproximação do sujeito

mensagem inconsciente a partir de mecanismos da linguagem, sendo a tirada espirituosa uma formação dessa dimensão. O autor indica que Freud (1905/1995), no início de seu desenvolvimento, entende que as técnicas de linguagem devem ser concebida como técnicas de formações do inconsciente, as quais se manifestam na palavra. Ocorre, pois, a aproximação de ambos os campos, linguístico e inconsciente, por meio da aproximação dos mecanismos pelos quais cada um opera.

é apenas realizada por meio de seu deslizamento pelos significantes no campo da linguagem, campo do Outro (QUINET, 2012). Em um panorama, Vieira (2005) apresenta-nos o Outro como “aquele com quem se joga uma partida crucial [...] um parceiro, mas de uma partida essencial, decisiva” (p.103). Podemos dizer, a partida de elaborações significantes na qual se localiza a própria existência.

Acerca dos significantes abarcados no lugar do Outro, Quinet (2012) sublinha que alguns deles se impõem ao sujeito como uma obrigação para alguma definição ser possível à sua existência. Esses significantes podem ser lidos como os pontos de nó entre os quais se sustenta uma rede de forma rígida. São os significantes-mestres, sobre os quais Lacan (1964/1973) vem enfatizar em seu *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, onde apresenta os processos da alienação e separação do sujeito em relação ao lugar do Outro. O autor sublinha que

O sujeito não é aquilo que o Outro aponta para ele. O sujeito se encontra alienado a esses significantes que são do Outro, como lugar do inconsciente. Na análise o sujeito vai pouco a pouco descobrindo quais são esses significantes e se desalienando do Outro, abrindo a possibilidade de mais deslizamentos de sua experiência subjetiva. São “identidades” da ordem do semblante, um faz de conta. (QUINET, 2012, p.12)

Portanto, no que é da ordem do Outro, presentifica-se uma ambígua vivência: onde o sujeito é constituído e faz-se existente, é aí também revelado essa mesma existência como incompleta, já que o sujeito apenas o é por meio dos deslizamentos na cadeia significativa. Esses significantes sustentam as fantasias inconscientes e imaginárias que recobrem a dimensão real e sustentam a existência do sujeito. Diversamente da instância do eu, o sujeito é determinado e depende do que se estrutura no Outro do inconsciente, configurado como “heteronomia radical” (LACAN, 1957/1998, p.528), pela condição de que o significante, em âmbito inconsciente, não apreende toda a dimensão do sujeito, bem como pela condição do Outro não portar um significante último que responda pela existência subjetiva plenamente.

A alteridade presente na estrutura do Outro, entendido dessa maneira, não é acessível, a não ser em forma de tropeço, incursões, as quais foram primeiramente indicadas pela perspectiva freudiana por meio dos lapsos, chistes, sonhos e sintomas. Já as determinações simbólicas do Outro são condensadas e

articuladas constituindo o sujeito através de vivências anteriores ao mesmo, em seu meio social, não sendo suas escolhas centradas numa vontade interior. Os ditos dos arautos do Outro – pai, mãe, cuidadores, mestres, etc. – tornam possível ao que vem a ser o sujeito tomar alguma posição, a partir do momento em que, desde o lugar de onde o Outro o observa, o sujeito pode ser visto e constituído em determinada posição, existindo. Visto isso, o sujeito é determinado a se adequar àquele ponto de onde é visto em seu advento, se adequar aos significantes determinados pelo Outro, bem como transitar entre eles, em uma identificação simbólica a fim de advir (QUINET, 2012).

As amarras do ser, nas formulações de Lacan, são passíveis de serem modificadas na medida em que se toca na relação do homem com o significante. Baseado nesta relação, emerge o sujeito como sintoma da mesma e seu desejo como a falta a que o sujeito está sempre submetido e com base na qual ele arranja-se na transicionalidade das relações significantes a fim de existir, em determinadas condições. Tendo em vista os mecanismos da linguagem, metáfora e metonímia, os quais veremos a seguir, já podemos indicar, neste momento, que na perspectiva de Lacan (1957/1998), “o sintoma é uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso” (p.532).

Tendo em vista que esse Outro constitui o lugar onde o sujeito é pensado anteriormente mesmo à sua existência, onde tem de advir como sujeito e onde, então, o pensamento é possível, esse Outro com o qual o que vem a ser o sujeito entra em relação a partir da ocupação de um lugar de resposta à sua questão, buscamos entender como a relação desse Outro é constituída com o ser conforme as estruturas da neurose e da psicose, abrindo vias para a construção de diferentes realidades subjetivas em ambas estruturas. Para isto, conforme a perspectiva lacaniana aponta, retomaremos a função da metáfora no inconsciente que possibilita a entrada do sujeito no campo simbólico na experiência neurótica, inicialmente. Em tal experiência, este mecanismo é nomeado por Lacan (1957-58/1999) como a “metáfora paterna”, como veremos a seguir.

1.2 Aproximações acerca da constituição do sujeito na relação com o Outro – a estruturação neurótica

1.2.1 A metáfora paterna como marca da alteridade no Outro

Acerca da constituição do sujeito no lugar do Outro ao modo neurótico, podemos acompanhar, conforme as formulações lacanianas, que essa operação se dá por meio da relação do sujeito com o tecido da linguagem em que a alteridade aí implicada é alojada pela metáfora paterna. As funções da metáfora e da metonímia consistem em funções da linguagem que, na perspectiva laciana, constituem modos subjetivos de articulação significativa.

Lacan (1957/1998) indica, a partir da teoria saussureana da linguagem, que o deslizamento de significantes por meio da qual o sujeito é estruturado ocorre baseado na conformidade e direção de uma linearidade, o que o autor atribui à noção de constituição da cadeia do discurso em direção a uma significação (SAUSSURE, 1999). No entanto, Lacan (1957/1998) dá outro passo em sua reelaboração dessa teoria, afirmando que a linearidade da “emissão por uma só voz e na horizontal em que ela [a cadeia] se inscreve em nossa escrita” (p.506) não é suficiente para esse processo. Para a possibilidade de articular significações estáveis com base na configuração dos significantes em uma cadeia, ocorre a necessidade de que algo delimite essa direção, uma exigência para que o direcionamento da cadeia se dê.

Desse modo, o autor fala sobre a exigência de “pontos de basta” (LACAN, 1957/1998, p.506) neste esquema, como já havia referido em seu terceiro seminário acerca das psicoses. Segundo ele afirma, o ponto de basta consiste em um significante primordial no âmbito da linguagem em torno do qual outros significantes organizam-se e ganham sentido, sendo tal significante responsável pela estruturação de uma cadeia. Em torno dele, “tudo se irradia e tudo se organiza [...]”. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso” (LACAN, 1955-56/1988, p.303). O movimento do deslizamento das significações em uma direção horizontal é possível de se estruturar na direção deste ponto, para Lacan (1957/1998), bem como pode constituir uma cadeia que estabilize um sentido com base nele, o qual atua em um movimento vertical sobre a ordem dos significantes.

Por meio desses mecanismos, Lacan (1957/1998) indica que a linguagem opera no sujeito de modo que seu advento ocorre como efeito da estrutura significante, bem como é por meio deles que o sujeito estrutura sua própria fala e seu manejo da linguagem. O autor expressa a multiplicidade de sentidos que a estrutura significante pode comunicar. Como uma de suas funções, está a de que diferentes significações emergem desde um mesmo significante, pela via das pegadas no que chamamos coloquialmente de “entrelinhas” da locução. Esta função consiste na “parte tomada pelo todo [...]” (LACAN, 1957/1998, p.509). Trata-se da função da metonímia.

Remetendo ao exemplo do significante das “trinta velas” no contexto marítimo, Lacan (1957/1998) indica que a palavra “barco” ocultada nesse exemplo pode sugerir a multiplicação de sua presença, “por ter podido [...] assumir seu sentido figurado” (*idem*). Lacan (1957/1998) explica que a ligação do termo “barco” com a “vela” somente pode estar no significante, o que aponta para o aspecto fundamental dessa função, qual seja, o aspecto de se constituir “de palavra em palavra”, de significante em significante. Essa função é “a primeira vertente do campo efetivo que o significante constitui, para que nele tenha lugar o sentido” (LACAN, 1957/1998, p.510)⁵.

A segunda função da estrutura significante, relativa ao que apontamos acerca do ponto de basta, possibilita uma estabilização das significações e é apontada por Lacan (1957/1998) como a função da metáfora. De acordo com o autor, a poesia moderna e a escola surrealista contribuíram para a percepção dessa função, ao apresentarem a conjunção de duas imagens díspares para a “criação metafórica”. No entanto, Lacan (1957/1998) afirma que não é a presentificação de duas imagens que culmina na criação metafórica, mas a presentificação de dois significantes “dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (LACAN, 1957/1998, p.510). Assim, a fórmula da metáfora é configurada como “uma palavra por outra” (*idem*).

⁵ Lacan (1957-58/1999) ressalta nesta vertente a manutenção de uma barra de significação, a qual marca a irredutibilidade e resistência desse processo nas relações do significante com o significado.

Lacan (1957/1998) ressalta que esta função é o que constitui a significação da paternidade na constituição psíquica. Ou seja, o movimento de ocultação por um segundo significante (paterno) do significante originário da criança na relação com a mãe. Na metáfora, o significante substituto opera um corte na relação com o significante originário, de modo que aquele passa a substituir este. Assim, o novo significante opera uma mediação entre o significante oculto e outros relacionados a este, instituindo-se como significante referencial na instância simbólica e promovendo a organização das múltiplas significações por meio do encadeamento de elementos em uma direção. Por conseguinte, Lacan (1957/1998) afirma que “[...] a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso [...]” (p.512)⁶.

Para o autor, “a via metafórica preside [...] a criação e a evolução do sentido [...] na medida em que algo não apenas é percebido, mas no qual o sujeito se inclui, ou seja, na medida em que o sentido enriquece nossa vida” (LACAN, 1957-58/1999, p.37). Em sua perspectiva, na conjuntura dos processos de subjetivação da criança, este mecanismo aponta para a significação do desejo excessivo da mãe por uma instância simbólica – isto é, por uma instância da tradição que, no próprio lugar da mãe e ao barrar seu próprio desejo, viabiliza a inscrição de uma ordem simbólica para a criança. Tal conjuntura aponta para a inscrição de um primeiro significante nesta dimensão, a qual tem seus primórdios no Outro materno inicialmente. Este significante consiste em um operador, sobre o qual outros significantes podem se acumular, e que se trata do Nome-do-Pai (ou, dizendo de outra forma, sobrenome-do-pai) na obra lacaniana, “o Outro no Outro” (*idem*). Podemos dizer que o Nome-do-pai é uma marca, uma inscrição, que institui um lugar de alteridade dentro do Outro materno. Isto será revisto por Lacan ao final de sua obra.

O autor explica que a relação que a criança experimenta com a mãe pode ser considerada como a relação com um primeiro Outro. Segundo ele, a primeira relação de realidade para a criança é desenhada entre a mãe e o filho, sendo o primeiro contato com o meio vivo introduzido a partir daí. Lacan (1957-58/1999)

⁶ Na fórmula da vertente metafórica, segundo Lacan (1957-58/1999), em lugar de uma barra, ressalta-se a transposição desta, o que culmina na emergência da significação. Ou seja, expressa-se com isto a passagem do significante para o significado, que o autor aponta confundir-se provisoriamente com o lugar do sujeito na constituição subjetiva.

afirma que nesse âmbito, o pai como marca de alteridade dessa relação dual já é introduzido por meio da palavra da mãe, configurando-a de maneira objetiva, apesar de ele ainda não aparecer plenamente para a criança. O pai se encontra nessa situação em um âmbito real, diz Lacan (*idem*). Isto quer dizer que está aí por seu nome, ou melhor, como um nome, apenas na medida em que as instituições na cultura em que está inserido sustentam isto. Dessa forma, depende da sanção pelas pessoas que este significante possibilite a simbolização de que a mãe tenha um filho somente a partir do pai, mas isso em uma dimensão não da sequência de acontecimentos como um coito ou um parto, como indica o autor, mas no nível simbólico, que autentica o significante “pai”. A posição desse nome é o que propriamente introduz essa ordem na neurose (*idem*). Tal operador é exposto como essencial para a formação da subjetividade neurótica, na medida em que, ao se inscrever como referência significante na falta do Outro, introduz um enigma neste lugar, que promove o advento do sujeito e do desejo. A conjuntura da metáfora “facilita” ou dá alguma estabilidade, se assim podemos colocar, ao reconhecimento do Outro com seu âmbito inapreensível. Segundo Lacan (1957-58/1999), por meio dessa estrutura pode-se apreender certas ocorrências na lida do sujeito com a dimensão dos desejos, fantasia e realidade.

Entendemos que torna-se importante acompanhar as colocações lacanianas com cuidado nesse momento, a fim de delinear de maneira suficiente o nosso lugar na linguagem como um lugar que possibilita o acesso à realidade simbólica, estando tal acesso intrinsecamente relacionado às dimensões imaginária e real, como Lacan (1957-58/1999) demonstra. Ele afirma que a qualidade do pai como procriador é uma questão que se situa no nível simbólico, isto é, uma questão da posição do Nome-do-Pai. Observamos que, aqui, não se fala da significação do que está relacionado a este nome, mas falamos da dimensão do nome em si. Ao lermos o termo “qualidade do pai como procriador” (*idem*, p.187), talvez isso nos deixe alguma tendência a pensarmos em uma propriedade que determinaria uma certa “essência” do que poderia ser considerado como pai. No entanto, a propriedade que podemos entender a partir da afirmação de Lacan (1957-58/1999) refere-se a este âmbito em que estamos imersos e apenas através do qual podemos chamar o pai de pai, ou seja, o âmbito da linguagem, em referência ao nome, que

configura a posição de um significante e lhe torna passível de receber determinadas significações ou o que poderiam chamar, num sentido muito diverso do usual, de “essência” (*idem*).

A perspectiva lacaniana aponta que a posição do Nome-do-Pai pode materializar-se sob as diversas formas culturais apesar de sua dimensão não depender da forma cultural, por ser uma necessidade da cadeia significante. Segundo o autor,

[...] pelo simples fato de [haver] uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde ou não à função definida pelo Nome-do-Pai, e no interior dessa função vocês colocam significações que podem ser diferentes conforme os casos, mas que de modo algum dependem de outra necessidade que não a necessidade da função paterna, à qual corresponde o Nome-do-Pai na cadeia significante (LACAN, 1957-58/1999, p.187).

A função paterna, segundo o autor, encontra-se como que sobreposta ao simbólico, num lugar radicalmente alteritário que torna passível a transcendência das relações imaginárias e a inscrição de sua alteridade, nesse momento da obra lacaniana. Tal operação metafórica encontra-se passível de repercussões diversas desde a maneira como a mãe localizará esse nome em seu discurso na relação com a criança. Nesse sentido, portanto, Lacan (1957-58/1999) afirma que se constrói o chamado “triângulo simbólico” (p.187) nessa relação se este nome encontra-se inscrito, instituído no real por meio de uma estrutura significante metafórica..

1.2.2 Da relação dual ao ternário simbólico: a introdução de um terceiro na relação mãe-criança

Lacan (1957-58/1999) nos propõe, para entender a articulação da primeira significação da mãe pela criança nessa dimensão metafórica, a relação entre o ternário simbólico que envolve o pai, a mãe e a criança, e o ternário imaginário em que se encontram a mãe, a criança e o lugar do falo imaginário — lugar ao qual o desejo da mãe está referido. Tendo em vista a dinâmica do *Fort-Da*⁷ no movimento da mãe, Lacan (1957-58/1999) apresenta a relação entre ambos ternários para falar acerca da passagem do lugar de dependência do desejo da mãe

⁷ Conforme Lacan (1954/1986) retoma da obra freudiana, a brincadeira do *Fort-da* indica a possibilidade de simbolização para a criança, uma vez que, seguindo a dinâmica de aparição e desaparecimento do objeto, possibilita a manipulação e atuação sobre os elementos da aparição e desaparecimento da mãe, por meio de um brinquedo, fazendo-o sumir e voltar. “Nessa oposição [...], a criança transcende, introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e da ausência” (LACAN, 1954/1986, p.200).

em que a criança se encontra na relação imaginária, para a possibilidade de uma primeira simbolização da mãe como tal, para além desta relação, quando ela, ausentando-se, possibilita alguma subjetivação da falta para a criança com base na ruptura no âmbito imaginário. Acerca da subjetivação, esta se refere à instauração da mãe como ser primordial que pode ou não estar presente. Nesse sentido, essa primeira significação abre vias para o desejo da criança, que aponta para o desejo da mãe, conforme podemos acompanhar pelo ternário imaginário proposto por Lacan (1957-58/1999, p.189).

Ao apontar para o desejo da mãe, o autor afirma que se abre, a partir daí, uma dimensão pela qual se inscreve virtualmente o que a mãe deseja, na dimensão do mundo do símbolo em que está inserida. Em outras palavras, no mundo falante. Isto é, o que a mãe pode desejar de diferente na vivência da criança. O que entra nesse “desejar de diferente” (*idem*, p.188) constitui as possibilidades do desejo de Outra coisa, da alteridade do Outro, como aponta Lacan (1957-58/1999), que aparece nesse momento de forma virtual. Portanto, para a criança, em relação à mãe, “há nela o desejo de Outra coisa que não o satisfazer meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida” (*idem*, p.188).

Nesse momento, Lacan (1957-58/1999) questiona a possibilidade de se ler o desejo de Outro em um âmbito em que a criança se encontra em uma relação dual, ou seja, da imagem a imagem, uma “relação de miragem pela qual o ser primordial lê ou antecipa a satisfação de seus desejos nos movimentos esboçados pelo outro” (p.188), como ocorre nas primeiras formações imaginárias da criança. Acerca desse questionamento, o autor propõe que essa possibilidade de leitura efetua-se de maneira sempre falha e requer a existência da ordem simbólica que intervém já por detrás da presença-ausência da mãe e da significação disso. A ordem simbólica está presente desde o início, como afirma Lacan (1954/1986) em seu primeiro seminário, e é ela quem permite algum acesso ao objeto de desejo da mãe, o qual se institui com base na incógnita no Outro. Há uma necessidade de que este objeto ocupe certo lugar na ordem simbólica, o que permite ver que ele ocupa um lugar privilegiado para a sustentação dessa ordem. A significação dessa ordem, na experiência da estrutura subjetiva neurótica, se dá pela inscrição do significante paterno no mundo do símbolo (LACAN, 1957-58/1999).

A introdução desse significante institui a apreensão da ordem simbólica propriamente dita para a criança, consolidando os princípios de seu desejo por meio do desejo do Outro e introduzindo a necessidade de uma mediação para o alcance de alguma satisfação, a qual se dá pela posição do pai (LACAN, 1957-58/1999). Sendo sua posição o que consolida a inscrição da falta e do objeto de desejo para criança, Lacan (1957-58/1999) afirma que é a partir daí que pode ser desenvolvida uma relação do filho com o falo, objeto de desejo.

A posição do pai como aquele que priva a mãe do objeto de desejo (objeto fálico) desempenha papel fundamental que traz efeitos conformativos à estrutura citada, sendo o nível em que o pai atua o da privação. Nas palavras de Lacan (1957-58/1999), podemos constatar que, na neurose, “o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter falo” (p.191). Trata-se aí da privação da mãe de algo que ela não possui e que só tem existência como símbolo. Ou seja, é o plano do símbolo que traz existência ao lugar do desejo. Nessa direção, ele apresenta o ponto nodal do que Freud havia apresentado no complexo de Édipo.

[...] é no plano da privação da mãe que, num dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial. (LACAN, 1957-58/1999, p.191)

Trata-se de um ponto fundamental pelo qual se desenrolará o declínio do Édipo sobre a relação de identificação do filho com o pai. Por essa via, este se apresenta como aquele que castra a mãe. Ocorre a substituição do ternário imaginário “criança - falo - mãe” pelo ternário simbólico “criança - Nome-do-pai - mãe”, sendo na posição no Nome-do-pai onde se manifestam os efeitos da metáfora paterna (*idem*, p.165). Nesse sentido, o autor afirma que aceitar essa condição, ou seja, aceitar a privação do falo efetuada na mãe pelo pai, constitui uma condição para ultrapassar a identificação com o objeto da mãe e advir como sujeito. Caso essa aceitação não seja ultrapassada, a criança mantém a identificação com esse objeto (LACAN, 1957-58/1999).

A partir dessa condição que aparece na obra lacaniana como um ponto referencial, trata-se então de pensar, em cada caso, da localização do sujeito no

Outro, qual seria a configuração da relação com o significante materno, paterno e com o lugar do desejo, a fim de identificar o que suporta ou não a aceitação da criança perante a privação da mãe. Essa configuração, portanto, é nodal para o vem se constituir na neurose ou na psicose. “No plano imaginário, trata-se para o sujeito, de ser ou não ser o falo” (LACAN, 1957-58/1999, p.192). Há, desde então, uma escolha a ser feita.

1.2.3 A imposição de uma escolha e a consistência do Outro

Acerca do que podemos indicar como a escolha primordial e fundamental realizada pelo sujeito, podemos dizer que ela não constitui resposta a uma questão desde uma pretensa interioridade inata do sujeito, mas é algo que só pode ser pensado na dinâmica do contexto social e cultural onde ele se forma, qual seja o contexto simbólico no qual um discurso sobre si já teria sido elaborado anteriormente. Assim, Lacan (1957-58/1999) põe o termo escolha sob um novo sentido, restando ao sujeito uma posição de escolher ao mesmo tempo passiva e ativa: passiva por receber um discurso e ser colocado em uma posição no jogo da linguagem iniciado pelos seus antecessores; ativa por ter de efetuar um ato que só cabe a si, ato que, a partir das possibilidades ditas em Outro lugar, abrirá um modo específico de existência. Há apenas uma porta que possa ser aberta. Lacan (1957-58/1999) nos explica que, em relação ao sujeito “a frase foi começada antes dele, foi começada por seus pais” (p.192), sendo a forma de relação dos pais com a frase algo fundamental, bem como o é a maneira que convém que essa frase seja sustentada com base nisso.

Para esclarecimentos acerca da privação da mãe e da intervenção do pai como aquela portadora da lei e proibidora do objeto que é o desejo da mãe, há que se sublinhar um aspecto importante. De forma diversa a um impedimento que se interpõe contra a estruturação neurótica da criança, a possibilidade de advento do sujeito nessa estrutura só é possível pelo obstáculo que lhe propicia a saída de um assujeitamento que se estabelece mediante a relação imaginária com a mãe. Na medida em que a criança aceita a privação da mãe nessa escolha que lhe é imposta, ela é levada a sair da posição de assujeitamento ao desejo dela e tem condições propícias para o sustento do próprio desejo (LACAN, 1957-58/1999).

Para que a criança dê passos nos movimentos que se seguem no desfecho neurótico do Édipo, é preciso que haja a etapa da assunção do simbólico por meio da via paterna. A marca dessa etapa é justamente que “[...] a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal” (p.197). Nesse sentido, o Nome-do-Pai funciona como a enunciação da lei. Isto corre no momento em que o pai intervém efetivamente como privador da mãe no plano imaginário, acarretando como efeito o encaminhamento do endereçamento da demanda, da criança à mãe, a um segundo significante que faz sua aparição no plano do Outro, que Lacan (1957-58/1999) coloca como um “tribunal superior” (p.199). Este se situa como a lei do Outro, em outras palavras, “o Outro no Outro” (*idem*). Nesse nível, o autor indica que acontece a ruptura da identificação sustentada até então pela criança com o falo e a ligação deste ao aparecimento da lei, desta alteridade do Outro. Lacan (1957-58/1999) salienta que o que promove o caráter decisivo do desfecho do Édipo é a relação com a palavra do pai, nesse cenário em que o significante da relação materna remete a uma lei que é de Outro e que nos esclarece que o objeto de seu desejo é possuído por esse mesmo Outro.

Nesse sentido, Lacan (1957-58/1999) indica que faz-se importante que o pai ateste dar o falo em sua condição de portador ou suporte da lei, sendo dele que depende a posse ou não do falo pelo sujeito materno. O autor aponta que sua intervenção como aquele que tem o falo, não sendo ele mesmo, produz a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe que o pai pode transmitir. Assim, ele se situa na condição que vai do pai onipotente que priva, ao pai que pode dar o que se deseja, já que o possui (*idem*). Isto reflete o modo como a função da metáfora opera para o sujeito. Tendo a criança as condições de se servir dessa possibilidade de ter ou não o falo com base na identificação paterna, o que ocorre em sua experiência com o Outro trata-se justamente da “instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde” (*idem*, p.201).

Para Quinet (2012), “o Nome-do-Pai é um significante estruturador de todos os significantes que constituem o inconsciente como discurso do Outro” (p.13). Trata-se do significante que de algum modo põe um ponto final na cadeia

do tesouro dos significantes e que possibilita o sujeito se sustentar (de modo neurótico) mediante a alteridade do Outro, com base na inscrição de uma falta nesse lugar. A falta do Outro o torna consistente, suportando assim a elaboração de respostas pelo sujeito para a incógnita de sua existência. É importante sublinhar que a introdução do Nome-do-Pai é uma questão de fé na tradição deste nome. É uma questão de crença que alguém tem a verdade em algum lugar e que, por articulações significantes, pode-se buscá-la. De modo diverso à configuração do Outro como consistente baseado na metáfora paterna, quando este significante não é inscrito, falamos da estruturação subjetiva psicótica, a qual abordaremos a seguir.

1.3 Aproximações acerca da constituição do sujeito na relação com o Outro – a estruturação psicótica

A maneira como a marca do Nome-do-pai intervém no lugar da linguagem, segundo a perspectiva lacaniana, é algo de fundamental consideração para a fundação de diferentes estruturas psíquicas. De maneira diversa à estruturação neurótica — a qual se constrói por meio da operação da metáfora paterna no Outro —, na psicose, essa operação não existe e a perspectiva lacaniana indica que o Nome-do-Pai, como função simbólica, é forcluído — isto é, excluído do lugar da linguagem.

“Forclusão” é um termo que designa um mecanismo específico da psicose, o qual foi introduzido por Lacan (1955-56/1988) na teoria psicanalítica. Neste mecanismo, ocorre a “rejeição de um significante fundamental para fora do universo [da linguagem] do sujeito” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.245). Diz-se que este elemento significativo é “forcluído” quando rejeitado, não se integrando ao inconsciente. Após essa dinâmica, ele não mais possui vias de existência no registro simbólico, apenas retornando a partir de fora do mesmo, em modo alucinatório ou delirante, na dimensão do real do Outro (*idem*). Costa e Freire (2010) observam que o termo forclusão é originado da palavra francesa “forclusion”. Tal termo era utilizado na sociedade francesa dentro do âmbito jurídico, quando um processo prescrito era lançado para fora do âmbito jurídico devido a não ocorrência de seus trâmites nos prazos prescritos em lei. Sendo assim, legalmente o processo não mais existe (*idem*). Portanto, a “forclusão”

consiste em uma analogia desse cenário relativa ao contexto psíquico, explicitando a estrutura da psicose.

1.3.1 Sobre a intervenção materna na psicose e a presença invasiva do Outro

Para pensar nas outras possibilidades para além da estruturação neurótica, como a psicose, Lacan (1957-58/1999) afirma que é importante pensar, no que se refere à mãe, o que significa para ela a sua relação com o falo. Segundo o autor, “o falo, no nível da mãe, não é unicamente um objeto imaginário, mas é também uma coisa que cumpre sua função no nível instintivo, como instrumento normal do instinto” (*idem*, p.213). A isto, Lacan (1957-58/1999) denomina o “injetor” (*idem*), isto é, o falo como objeto que a mãe introduz em si. O injeto se contrapõe ao falo como “adjeto”, isto é, ao falo como “pertencimento imaginário de alguma coisa que, no nível imaginário, é-lhe dada ou não, que ela [a mãe] tem permissão de desejar como tal, e que lhe falta” (*idem*, p.213-14). Na existência do falo como adjeto, o autor afirma que toda a lida com a dialética do complexo de Édipo, o que inclui a travessia da “floresta do significante”, se dá por conta da falta e da busca a reunir-se aos objetos instintivamente primitivos. Esta vertente se dá como uma dentre as possíveis vias da relação da mãe com o falo. Nesse sentido, na neurose, Lacan (1957-58/1999) aponta então que a intervenção do falo se dará como falta, podendo também intervir como objeto que lhe foi dado porém em sua dimensão simbólica em que está.

Na estrutura da psicose, entretanto, a relação da mãe com o falo não acomoda essa falta que, na neurose, é alojada pela metáfora paterna. O falo se dá como injeto, introduzido na mãe. Castro (2015), ao apontar para a relação da mãe com o objeto de desejo e para o aparecimento do Nome-do-pai não inscrito, na fenomenologia das psicoses, indica que isso se traduz, na experiência do sujeito psicótico, como uma invasão pelo excesso de presença do Outro, o que ele afirma se tratar de um “excesso de gozo do Outro” (p.50), que a metáfora paterna não pôde conter. Ele explica que o efeito da presença invasora e excessiva do Outro, desde a forclusão do Nome-do-pai na psicose, é sentida tanto na incidência corporal quanto no mundo psíquico, experiência esta que inicialmente apresenta-se como insuportável. A partir disto, emergem mecanismos de alucinação na

experiência subjetiva com a linguagem, como veremos adiante, quando aquilo que não foi admitido no simbólico, retorna desde o real (LACAN, 1955-56/1988). De forma contrária à neurose onde ocorre o encontro com a falta na linguagem, a estruturação psicótica é vivida como uma invasão de algo exterior ao sujeito (CASTRO, 2015, p.51).

Nessa conjuntura, para além da neurose em que o pai dita a lei à mãe, aqui a mãe dita a lei ao pai. Isto é, em um momento decisivo para a estruturação subjetiva na relação com o Outro – a fase de dissolução da relação do sujeito com o objeto de desejo da mãe –, a intervenção da mãe mostra ter sido lei, suportando a identificação subjetiva com o objeto, o que inviabiliza a inscrição da falta pelo mecanismo metafórico. Nas palavras de Lacan (1957-58/1999),

[...] no tempo dialético em que a mãe deveria ser apreendida como privada do adjeto, [...] [o sujeito] depara com a segurança dela. Isso permite aguentar o tranco perfeitamente, por ele ter experimentado que é a mãe que é a chave da situação, e que ela não se deixa privar nem despojar. (LACAN, 1957-58/1999, p.215-16)

Apesar disso, o pai não deixa de entrar nessa dinâmica, segundo a perspectiva lacaniana. Ele entra, porém sua proibição fracassa, ou seja, essa função paterna não obtém êxito. Lacan (1957-58/1999) afirma que, nesse caso, o que deveria ser a mensagem da lei torna-se o contrário. A partir da forclusão do Nome-do-pai, aquilo mediante o qual o pai intervém como lei não existe, restando apenas a intervenção materna na linguagem que o autor configura como a mensagem pura do “não” da mãe para o filho, não havendo um operador terceiro para atar uma significação ao significante materno. Segundo ele, mesmo essa mensagem conformando-se como uma intervenção inteiramente bruta, é também “fonte de um código que está para além da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p.211).

Ao citar o caso do Presidente Schreber, presente na obra freudiana (FREUD 1911/1976), Lacan (1957-58/1999) indica que este paciente, em certo momento da vida na sua experiência subjetiva, ao ser confrontado com o Nome-do-Pai vindo de fora, foi instigado a realizar um “desvio vital essencial”, qual foi o de “fazer o Nome-do-Pai responder em seu lugar, isto é, ali de onde ele não pode responder porque nunca esteve” (p.211). Ou seja, do lugar do Outro, onde não ocorreu o reconhecimento da alteridade, manifestando-se o pai desde a dimensão do real, do não apreensível. Por efeito desta convocação, a perspectiva

lacaniana indica que Schreber viu surgir uma estrutura nesse lugar, a partir de uma língua desconhecida vinda do real e por meio das possibilidades de significação dessa conjuntura pela via imaginária.

1.3.2 A emergência de um novo código para além da língua materna e o Outro “super consistente”

Nesse sentido, Lacan (1955-56/1998) afirma que no lugar em que o indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir, pois é o elemento que aparece na experiência do psicótico no lugar daquilo que não tem nome, acompanhando o sujeito em sua intenção e sendo igualmente desligado dele. Tendo como base sua análise do caso Schreber, Lacan (1955-56/1998) afirma que uma distinção logo é estabelecida quanto aos fenômenos de código e fenômenos de mensagem presentes na linguagem psicótica, os quais o autor configura como tipos fundamentais de alucinação.

Acerca dos fenômenos de código, Lacan (1957-58/1999) indica que referem-se a vozes vindas de fora que falam na língua fundamental — isto é, a língua materna — e que tem como traço característico ensinar ao sujeito em que elas consistem em um novo código, ou seja, ensinar uma nova dimensão de formações significantes, por meio palavras neológicas ou não. Nas palavras de Lacan (1957-58/1999), isso constitui “uma primeira série de alucinações [...] feita de mensagens [...] que se apresentam como provenientes do Outro”, sendo isso “o que há de mais terrivelmente alucinatório” (p.212), já que esse Outro na psicose é excluído da relação com o outro materno diante do qual se encontra na realidade conhecida. Tudo se dá como se uma nova língua fosse imposta por um elemento desconhecido do real.

Segundo Lacan (1955-56/1998) afirma, tal fenômeno de código “trata-se de algo bastante próximo das mensagens que os linguistas chamam de autônomas, na medida em que é o próprio significante (e não o que ele significa) que é o objeto da comunicação” (LACAN, 1955-56/1998, p.544). De acordo com o autor, nesses fenômenos, o efeito de significação antecipa-se ao desenvolvimento desta, “na medida em que seu grau de certeza (significação de significação) adquire um

peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação [concernente ao psicótico]” (*idem*, p.545)⁸.

Os outros fenômenos apresentados na linguagem psicótica pela perspectiva lacaniana são os fenômenos de mensagem. Lacan (1955-56/1998) expõe que em tais fenômenos, a questão se coloca em torno de mensagens interrompidas que são dirigidas ao sujeito na forma de “*challenge*”. Tais mensagens apresentam a particularidade de se manterem no início da frase, nas quais torna-se ausente o complemento de sentido. Nessas provocações, Lacan (1955-56/1998) indica que a frase é interrompida no ponto onde termina o grupo de palavras que poderiam ser chamadas de “termos-índice” — isto é, termos que “[...] indicam a posição do sujeito a partir da própria mensagem” (p.546).

Lacan (1957-58/1999) indica que, nesse fenômeno, a mensagem interrompida configura-se como começos de ordens que vão até a axiomas em alguns casos. Por exemplo: “*Ele deve, especialmente..., Agora, quero... [...] Acabar uma coisa quando se começou..., e assim por diante.*” (*idem*, p.212). Tais frases, em sua perspectiva, apresentam-se como puras forças de indução no sujeito que são constituídas com base de ordens ou ordens interrompidas. Tratam-se de forças de indução sem um elemento último que complete seu sentido. A partir da forclusão do Nome-do-Pai e de ambos os tipos fundamentais de alucinação, o autor indica que é dessa maneira que o discurso paterno intervém quando é abolido desde a origem e nunca é integrado na vida do sujeito. Com base nisto podemos entender a célebre frase que indica o âmbito das experiências na psicose: “o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real” (Lacan, 1955-1956/1988, p.22).

Estando o sujeito requisitado a responder de algum lugar na relação com o Outro, o mecanismo do delírio⁹, na psicose paranoica, constitui uma tentativa constante de se constituir uma borda, ante o buraco do significado. Nesse momento, ao considerarmos a estrutura psicótica, aproximamo-nos de sua vertente

⁸ Lacan (1955-56/1998) propõe a essa dinâmica que, à medida que essa alta tensão significativa decresce, emerge a dinâmica de redução das alucinações a ritornelos — elementos repetitivos e autônomos, cantilenas que abarcam um vazio.

⁹ Como veremos, o delírio funda um modo de criação e de sustentação de uma realidade pelo psicótico com o auxílio do registro imaginário que realiza uma costura simbólica do real inapreensível. Para Lacan (1955-56/1998), “o psicótico encontra-se unido ao seu delírio como a algo que é ele próprio” (p.246).

paranoica, na qual o Outro, o lugar da linguagem e da cultura, toma uma forma onde não há falta, apresentando-se, assim, super consistente.

Capítulo 2

Articulações da psicose paranoica no lugar Outro

*As ideias de um doente já não são tão equivalentes
O que fazer de você? Não sei...
E ainda tem algo a falar, com certeza veio algo cobrar
E saiba que não fica assim, e pergunto:
O que querem de mim?*

Izidio Cunha, O que vocês querem de mim? (2012)

Neste capítulo, objetivamos dar continuidade à articulação da relação entre constituição da estrutura subjetiva e lugar do Outro, compreendendo-o como o lugar da linguagem e da cultura. Entendemos que este lugar é marcado por um aspecto ficcional (LACAN, 1956-57/1995)¹⁰, na medida em que, para que o sujeito faça sua entrada no mundo da linguagem e a articule sentidos, faz-se necessária a construção de um artifício que possibilite ao mesmo suportar sua existência. Uma das maneiras de realizar esta construção é a instituição de uma metáfora, a qual consiste na metáfora paterna na estrutura neurótica, como vimos, e da metáfora delirante — isto é, um modo de suplência ao Nome-do-pai ausente por meio de um termo que exerça função análoga de um ponto de basta (LACAN, 1957-58/1999) —, na psicose paranoica, como veremos. Isto possibilita alguma amarração da cadeia significante e elaboração da unidade de um corpo para a linguagem com a qual o sujeito se identifica, na medida em que ele devota uma crença a algum fator que funciona como organizador para seus processos de significação.

Neste momento, buscamos nos aprofundar no modo de estruturação psicótica paranoica na relação com o Outro, relação esta entendida fundamentalmente como uma relação invasiva, em momento anterior à possibilidade de instituição da metáfora delirante que lhe proporciona alguma experiência de estabilização — isto é, de apaziguamento da relação do sujeito com a dimensão da linguagem onde não há falta¹¹. Intentamos acompanhar, de modo mais próximo, as configurações do sujeito psicótico paranoico na sua relação com

¹⁰ Para Lacan, (1956-57/1995), a verdade, a qual impulsiona a dimensão dos significantes desse lugar Outro, tem uma estrutura de ficção, na medida em que, não podendo ser completamente apreensível, ela é apenas parcialmente dita pela linguagem, que depende da crença em algum elemento organizador da estrutura significante para formação de um corpo simbólico. Nesse sentido, também a linguagem tem uma estrutura de ficção.

a linguagem, o que delimita uma especificidade do campo da psicose que podemos configurar como “doença do Outro” (não barrado), de forma diversa à “doença da mentalidade” (LACAN, 1976/1993; MILLER, 1996a)¹², a qual consideramos próxima da esquizofrenia e à qual reservamos nossa atenção no próximo capítulo. Indicamos tais quadros com o termo “doença” por ser este termo que se encontra nas obras de referência. No entanto, diferente dessa nomenclatura, consideramos tais polos da psicose como modos particulares de relação com o âmbito da linguagem, bem como modos específicos de estar no mundo e construir laços e uma realidade, como o é o modo neurótico.

Tal acompanhamento permite a formulação de certas observações no manejo clínico com quadros paranoicos em relação a um Outro que se apresenta de maneira super consistente, sem falta, as quais possibilitam um suporte mais sensível ao sujeito na construção de possibilidades de arranjo para existir e construir uma realidade sustentável. Inicialmente, buscamos abordar, de modo breve, parte do percurso histórico acerca do quadro da paranoia no âmbito da psicanálise, a fim de encontrarmos o momento em que a perspectiva lacaniana introduziu modificações que puderam deslocar o paradigma de tratamento deste quadro sob a luz da escuta das influências do meio social e da conjuntura da linguagem e da cultura. Buscaremos dar continuidade a este percurso, posteriormente, privilegiando o aprofundamento nos momentos de delimitação dos elementos deste quadro, no que concerne às suas configurações referenciadas pelo funcionamento linguageiro. A partir daí, será possível ater-se às possibilidades delirantes do sujeito paranoico não como fenômenos patológicos a serem esquivos, mas como meios de encontrar um modo de relação com a linguagem que incide sobre si. Finalmente, observaremos alguns traços paranoicos que se manifestam no cenário atual.

11 Abordaremos a noção de estabilização de modo minucioso no terceiro capítulo, momento em que buscaremos caminhar em direção da visualização de alguns casos nos quais foram construídos modos particulares de construções subjetivas estabilizadoras no âmbito da esquizofrenia.

12 Ressaltamos a importância do Outro para se pensar a categoria do sujeito e do eu. Miller (1996a), ao abordar ambas dimensões de doença da mentalidade e doença do Outro, indica, acerca deste último, um caso onde o sujeito encontra apenas um mínimo lugar para si nesse Outro, qual seja o de dejetos, onde aquele se mostra sem falta e onde o sujeito padece de seu excesso; enquanto que, em relação à doença da mentalidade, o Outro se encontra em déficit, inconsistente, sem um artifício que promova unidade, o que pode ser visualizado no caso abordado pelo autor acerca de um sujeito que expressava viver como um vestido sem ter um corpo para habitá-lo (*idem*).

2.1 Breve aproximação do quadro da “paranoia” na elaboração psicanalítica freudiana

Ao observarmos alguns momentos do desenvolvimento freudiano acerca da paranoia, vemos que este autor foi impulsionado pelo estudo da histeria e da neurose obsessiva neste tema, sendo ao lado destes dois quadros que a paranoia era localizada inicialmente (FREUD, 1896/1976). Para ele, a especificidade da defesa paranoica estava atrelada ao mecanismo da projeção em um primeiro momento¹³. Segundo o autor, esse mecanismo opera como a expulsão, pelo sujeito, de conteúdos intoleráveis ao eu, localizados externamente a si mesmo e provenientes de uma cena primária. Para ele, nesse mecanismo há uma desapropriação de um conteúdo incompatível com a identidade que o eu atribui a si mesmo, de modo a resguardá-lo, e a atribuição a uma outra pessoa da responsabilidade pelo desprazer que este conteúdo gera.

Ao abordar o texto de Schreber (FREUD, 1911/1976), considerado como um caso de paranoia, observamos que a ótica freudiana desenvolveu ponderações acerca da temática do papel da fixação no eu como o eixo de desenvolvimento desse quadro, enquanto um modo de constituição de uma realidade. Freud (1911/1976) observou em sua clínica que o mecanismo da projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranoia, como também se manifesta em outras condições subjetivas, quando há a busca pelas causas e agentes de certas impressões direcionada ao mundo exterior. Assim, observando o movimento de fixação da libido no eu no quadro da paranoia, Freud (1911/1976) localiza esta dinâmica como o que promove a interrupção dos encaminhamentos objetais da libido para além dessa instância neste quadro, dando-lhe sua configuração¹⁴. Aqui, podemos entender o eu como aquilo que é semelhante, enquanto a dimensão do objeto se relacionaria à alteridade.

13 Para Freud (1896/1976), “as pessoas tornam-se paranoicas diante de coisas que não conseguem tolerar, desde que para isso tenham a predisposição psíquica característica” (p.155). Isto impulsiona o engendramento de defesas no aparato psíquico, como é a projeção.

14 Mesmo não constituindo o fundamento da dinâmica do quadro paranoico, os quatro tipos de funcionamento da projeção não deixam de operar efeitos neste mecanismo, no que concerne aos temas que aparecem nos tipos clínicos da paranoia: a perseguição, o ciúme, a erotomania e a megalomania (FREUD, 1911/1976).

Sobre o caso de Schreber, Freud (1911/1976) também propõe ponderações acerca do papel dos desejos homossexuais na gênese da paranoia. Este papel encontra-se vinculado a um estágio que a libido atravessa no curso de sua evolução do autoerotismo até o amor objetal, denominado de narcisismo ou “narcismo”. Em suas palavras,

o que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne suas pulsões sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades autoeróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Essa fase equidistante entre o autoerotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas pessoas demoram por tempo inusitadamente longo nesse estado e que muitas de suas características são por elas transportadas para os estágios posteriores de seu desenvolvimento. (FREUD, 1911/1976, p.37-38)

Nesse sentido, a etapa seguinte da escolha de um objeto é operada com base na semelhança a si mesmo, a partir de um mesmo corpo, sendo uma escolha homossexual de objeto, que poderá ser deslocada, em outro momento e por outros processos, a uma escolha heterossexual. É importante ressaltar, de modo diverso ao uso corrente do termo, que a noção de homossexualidade, para Freud nesse momento, está relacionada ao entendimento de que não existe uma sexualidade determinada para o sujeito, sendo ela polimorfa e estruturada ao longo da constituição subjetiva. A utilizar o termo “homossexual”, Freud se refere ao modo de direcionamento das pulsões sexuais ao âmbito do que é semelhante, narcísico, relativo ao momento de configuração pulsional do narcisismo. Nesse momento, desdobrando-se a configuração das satisfações sexuais autoeróticas, o indivíduo remete suas pulsões ao próprio corpo unificado como um objeto amoroso, sendo o ultrapassamento do narcisismo a via pela qual se torna possível o direcionamento da libido a objetos diferentes. Na ocorrência da fixação da libido em tempo prolongado no momento do narcisismo e posterior conflito psíquico por meio da introdução da defesa paranoica, a regressão da localização da libido àquele estágio de desenvolvimento é operada, quando a libido em alta intensidade não pôde encontrar um escoadouro.

É importante ressaltar que a libido identificada por Freud (1911/1976), em um momento posterior ao narcisismo, na estrutura psicosexual do sujeito na neurose, constitui uma libido direcionada ao objeto, que é visado pela pulsão. No

entanto, no âmbito da paranoia, na estrutura delirante, ocorre um rompimento com a realidade, o que podemos sublinhar como seu aspecto marcante e de fundamental importância, o qual observaremos à frente ao pensarmos acerca dos momentos de constituição da metáfora delirante. Por conseguinte, a libido sofre uma mudança de estatuto, que se direciona ao mundo próprio e não mais ao objeto, como na neurose.

A libido, fixada no estágio do narcisismo, retoma a direção de seu encaminhamento ao eu e, aquilo que foi “recalcado” anteriormente, não é identificado como se já estivesse sido presente em algum momento (FREUD, 1911/1976). A libido, não objetalizada e retomada em âmbito narcísico, impulsiona o sujeito em um gozo¹⁵ que marca a precariedade da relação com o outro. Freud (1911/1976) indica que “foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (p.44). Este torna-se um dos pontos os quais Lacan (1955-56/1988) busca retomar da ótica freudiana e desenvolver em sua elaboração sobre a psicose paranoica, articulando esta noção como a perspectiva de que aquilo que não é simbolizado na psicose, retorna no real.

À época em que Lacan (1932/1987) desenvolvia suas primeiras formulações sobre a paranoia no momento em que publicou sua tese *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, este autor constrói críticas no âmbito do mecanismo paranoico como um mecanismo patológico. Ao longo de seu retorno à Freud, Lacan segue seu desenvolvimento sobre a constituição do narcisismo, o que realiza à luz da teoria da linguística, assim como busca dedicar atenção, no campo da psicose, à organização psíquica que nela se encontra desfeita pela ruptura com a realidade, o que ocasiona a percepção de um esfacelamento do registro simbólico e dá lugar ao delírio como função de reconstrução de um mundo em que se possa habitar.

¹⁵ A perspectiva do gozo utilizada neste trabalho remete à tentativa de satisfação da pulsão, diversamente de suas elaborações por meio das trilhas da dimensão simbólica como desejo. Este gozo, portanto, não é dialético, mas estagnante e inerte, bem como indica a ruptura da cadeia simbólica.

2.2 Relações entre a paranoia, o Outro e a formação delirante

2.2.1 Aproximações da formação delirante como função da personalidade

Segundo Chaves (2010), os fenômenos da paranoia introduzem, para Lacan (1932/1987), esclarecimentos quanto ao funcionamento psíquico como um todo. Foi por meio da investigação do conhecimento paranoico que este autor concebeu a ponderação do mecanismo de alienação do eu como uma das condições prévias do conhecimento humano. Chaves (2010) aponta que, na obra lacaniana, as formações patológicas passam a ser coextensivas e homogêneas ao psiquismo normal.

Ao tomarmos a tese de Lacan (1932/1987), vemos que ele considera que há uma homologia entre o delírio e a personalidade. Ao afastar a paranoia da ponderação de um quadro deficitário, bem como tendo como critérios a relação do sujeito com o meio social e a observação da reversibilidade do quadro delirante, o autor concebe a ponderação do delírio como uma evolução de funções da personalidade perante a realidade de modo reacional, que se colocam em oposição à personalidade comum no meio social. Assim, o delírio constitui um fenômeno total, um fenômeno de conhecimento. O delírio permite ao sujeito uma constituição histórica com base nas relações que forma com seu meio, de modo que direciona questões de sua origem ao campo social (LACAN, 1932/1987). O autor afirma que a questão da psicose paranoica deve ser desenvolvida no campo do “desenvolvimento da personalidade do sujeito, isto é, aos acontecimentos de sua história, aos progressos de sua consciência, às suas reações no meio social” (*idem*, p.354).

Ao final de sua tese, Lacan (1932/1987) considera que uma causalidade específica da reação pela psicose paranoica, por meio do mecanismo do delírio, pode ser especificada em fatos concretos da história afetiva do sujeito, de seus progressos intencionais e de seus comportamentos sociais. Segundo ele afirma, o delírio relaciona-se com o estado anterior da personalidade, sendo esta considerada como um período de incubação. Assim, o delírio é a consequência de uma longa preparação das tendências antigas do caráter. Isto se reflete, em momento posterior da obra lacaniana, na forma de relacionamento com o outro

que o sujeito mantém em âmbito imaginário, até que apareça uma exigência de significação excepcional de um elemento de alteridade pela introdução de um terceiro.

A partir de tais formulações, o autor expõe as ligações entre os modos de relação com o meio social em tempo anterior à emergência do delírio e a apresentação do delírio em si, o que torna compreensível a configuração deste de determinada maneira e sua apresentação em circunstâncias específicas da vida. Pela via do entendimento do delírio com base na relação com a formação da personalidade concernida ao âmbito social, Lacan (1932/1987) privilegia a interpretação simbólica do material trazido pelo sujeito no âmbito da paranoia. O delírio, anteriormente ponderado como fenômeno patológico, tem vias abertas, nesse momento, para seu exame como um modo diverso de relação do sujeito com seu meio.

2.2.2 Sobre o mecanismo delirante como uma tentativa de cura

Elisabeth Roudinesco (1998) aponta que Lacan abordou o tema da loucura em toda sua obra, constituindo-se como um grande clínico da psicose e um ser fascinado pela lógica do discurso paranoico. Este é configurado, conforme ele recupera da tradição psiquiátrica francesa e alemã, como um “delírio sistematizado, pela predominância da interpretação e pela inexistência de deterioração intelectual. Nela se incluem o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de grandeza e o delírio de ciúme (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.572). Posteriormente, retomando a perspectiva freudiana sobre o tema, Lacan (1955-56/1988) adotou sua perspectiva de ser o delírio e a paranoia não mecanismos de uma doença mental no sentido da nosografia psiquiátrica, mas mecanismos relacionados à própria estrutura do conhecimento.

Tomando a via da relação do sujeito com a cultura e de sua própria constituição a partir da linguagem presente em seu meio, Lacan (1955-56/1988) apropriou-se do campo de investigações linguísticas para abordar a paranoia. Isto é refletido em sua colocação de que “o inconsciente é uma linguagem articulada” (LACAN, 1955-56/1988, p.20). Dando continuidade às suas elaborações pensadas na tese de 1932, Lacan (1955-56/1988) refere-se à paranoia, em seu mecanismo

delirante, como uma vertente psicótica que encontra um outro modo de relação com o âmbito das significações, em uma busca de unificação da vida psíquica por um modo de relação imaginária. Deste modo, diverso da concepção de doença, o delírio constitui uma tentativa de cura (*idem*).

Ao retomar a gramática delirante freudiana¹⁶, Lacan (1955-56/1988) propõe a concepção de metáfora delirante como uma tentativa de cura por parte do sujeito paranoico, na tentativa de uma significação de elementos exteriores que lhe invadem, de modo a operar alguma organização da linguagem e a localizar um lugar para si sustentável na relação com o Outro. Na conjuntura de formação do delírio, um fenômeno elementar dá início às questões que o paranoico sente como endereçadas a si mesmo e provenientes do outro, momento em que localiza a si mesmo no centro de um enigma¹⁷.

A concepção de fenômeno elementar é desenvolvida por Lacan (1955-56/1988) com base na referência de seu mestre Clérambault, o qual desenvolve o entendimento disto como um elemento parasitário e desconhecido da personalidade, em torno do qual o sujeito realiza uma construção subjetiva de modo a integrá-lo e reagir a ele a partir da dedução. De modo diverso a este autor, Lacan (1955-56/1988) entende que o fenômeno elementar é, ele mesmo, um modo de estrutura, entendida a noção de elemento como “uma estrutura diferenciada, irreduzível a outra coisa que não ela mesma” (p.29), isto é, algo primário que incide sobre o ser, diverso ao suporte de uma dedução secundária. O aspecto importante do fenômeno elementar para este autor, portanto, se trata deste fenômeno não poder ser redutível à simbolização.

Lacan (1955-56/1988) indica que o delírio constitui um fenômeno elementar. Em suas palavras, “o delírio não é deduzido, [mas] ele reproduz a sua

16 A gramática freudiana do delírio é indicada como as quatro reformulações que a sentença “eu (um homem) o amo (outro homem)” pode sofrer a partir do mecanismo fundamental da paranoia, o qual apontaria para a necessidade que o sujeito tem de se desvincular de uma tendência homossexual, imputando-o a outro. Freud (1911/1976) indica que as reformulações podem se referir, por meio do mecanismo de projeção, ao nível do 1. verbo, 2. objeto e 3. sujeito; e, ausente a projeção, 4. à própria sentença como um todo, o que corresponderia às seguintes frases: 1. “ele me odeia” (delírio de perseguição); 2. ela me ama (erotomania); 3. “ela o ama (ela me trai)” (delírio de ciúme); 4. “não amo de modo algum — não amo ninguém”/“eu só amo a mim mesmo” (delírio de grandeza) (FREUD, 1911/1976, p.38).

17 Isto é caracterizado como um fenômeno de uma intrusão do significante, isto é, momento em que o paranoico se sente preocupado a identificar, a partir de fora, aquilo que causa os destinos de seus atos (LACAN, 1932/1987).

própria força constituinte, é, ele também, um fenômeno elementar” (LACAN, 1955-56/1988, p.28). A relação entre a experiência com o elemento que o desencadeou e o próprio delírio poderia ser pensada como o que o autor indica sobre a relação entre uma folha e uma planta, sendo na “folha em que se poderá ver um certo detalhe do modo como as nervuras se imbricam e se inserem — há alguma coisa de comum a toda planta que se reproduz em certas formas que compõem sua totalidade” (*idem*, p.28). Isto é, há algo na experiência desencadeadora do delírio comum a todo o mecanismo delirante de significação que compõe o quadro da psicose paranoica.

Ao conter o deslizamento significante invasivo, como veremos, o mecanismo delirante torna viável alguma possibilidade de lidar com a experiência enigmática e de se aproximar da realidade compartilhada. Por conseguinte, o delírio pode ser considerado como um mecanismo de singular importância na psicose, devido à sua perseguição de alguma possibilidade de cura, no sentido de reconstruir uma função de referência na linguagem para o sujeito e permitir-lhe a possibilidade de habitação e participação em uma língua. Antes de continuarmos analisando o modo de relação com a dimensão da linguagem pela via do delírio, gostaríamos ainda de ponderar algumas considerações elaboradas por Miller (1996a), desde a perspectiva lacaniana, no que se refere a um deslocamento de perspectiva entre o normal e o patológico acerca da doença do Outro (não barrado).

2.2.3 Da consideração patológica da paranoia ao questionamento da possibilidade de não ser louco

Ao retomarmos a possibilidade de constituição do sujeito na relação com o Outro pela via paranoica, consideramos importante ressaltar, na busca por um manejo clínico profícuo que não tome o psicótico como deficitário, que, em certo sentido, é somente a partir da construção de um mecanismo ilusório que promove ao neurótico a sensação de um eu fala a um outro, bem como lhe possibilita a não escuta de sua própria fala enquanto a realiza (escuta que, de certo modo, se busca em análise), que esse pode se inserir em um meio social e compartilhar sua língua comum (MILLER, 1996a). Na clínica com a psicose, a questão se encontra no modo de organização da cadeia significante e no modo de uso da linguagem, por

meio da qual somos constituídos e construímos um corpo. A clínica psicótica, portanto, nos convida a recolher os elementos do sujeito em busca de uma organização, como uma “testemunha” ou um “secretário” (LACAN, 1955-56/1988), para que esta se torne sustentável em relação a possíveis modos de inserção no laço social.

Em sua obra, Miller (1996a) nos indica que, para Lacan, a concepção de automatismo mental tornou-se crucial para a construção da perspectiva sobre a psicose. O autor expõe que essa noção, de Clérambault, é um mecanismo *a-*temático e neutro de incidência significativa, sem significações correspondentes. Segundo ele, Lacan nomeia a teoria do automatismo como “a estrutura desnudada”, isto é, a incidência significativa sobre o ser falante em sua primeira configuração. Ela “se impõe [...] como um feito irreduzível do pensamento, um feito absoluto, a propósito do qual [...] se trata [...] dos fenômenos da enunciação” (MILLER, 1996a, p.161). Decorre do modo de relação com a linguagem por meio do qual o sujeito se inscreve nela, o estabelecimento das articulações significantes deste âmbito da enunciação com o enunciado. No entanto, na perturbação disto – a qual emancipa uma fonte parasitária, uma “enunciação pura independente” (*idem*, p.162) –, pode-se entrever o fenômeno positivo originário do automatismo mental na forma dos “fenômenos verbais”, os jogos significantes desordenados que tem seu desencadeamento no real e levam à vivência de um atravessamento por mensagens (*idem*).

De acordo com a exposição de Miller (1996a), em seu retorno a Lacan, a emergência desses fenômenos funda-se na estrutura significativa desnudada, sendo nesta estrutura onde se estabelece o Outro e onde toda palavra se forma. Se assim a língua é concebida, com tal defasagem tênue no âmbito da enunciação, Miller (1996a) desloca a questão relativa à constituição do louco para situá-la em torno de “como é possível não ser louco?”. Em suas palavras: “que inversão nos faz desconhecer que somos marionetes de um discurso cuja sintaxe preexiste a toda inscrição subjetiva?” (*idem*, p.163).

Tendo em vista esse deslocamento, o autor concebe que a normalidade é a estrutura desnudada, a qual indica um sujeito para quem o Outro já não está velado pelo significante paterno. Ausente este véu, torna-se impossível ao sujeito

reconhecer-se como enunciador, ainda que as palavras que impõe-se a ele o assinalem como sujeito de seu enunciado (MILLER, 1996a). Ao referenciar a apresentação de pacientes exercida por Lacan, Miller (1996a) traz este aspecto ao localizar em um paciente o que ele identificou como o surgimento do discurso do Outro para o mesmo, porém, sob uma forma direta e sem a inversão que nos possibilita a crença de criação e autoria da fala, quando na verdade, a estrutura da linguagem indica que somos falados. Segundo a perspectiva lacaniana, os significantes dos quais dependemos nos são, de algum modo, impostos. Ou seja, o ser humano padece da linguagem, é presa da mesma, para que sua existência possa advir (*idem*). O modo como cada um padece, entretanto, é singular, conforme sua entrada neste campo e sua relação com o Outro.

Destarte, a perspectiva lacaniana indica que não há um uso correto da palavra. Ou seja, não há uma única maneira de ser capturado pelo simbólico (MILLER, 1996a). “[...] A norma é social, a loucura de um não é a loucura de outro, o normal é louco e o louco, lógico” (*idem*, p.164). Por esta via, antes de referenciar-se a um ponto de basta que possibilita a articulação significativa em determinado sentido e a enunciação pelo próprio sujeito, o mesmo é capturado desde fora por este lugar da linguagem. A isto se devem seus atos, as palavras que lhe afetam, as mensagens que lhe são impostas; sobre esses elementos, ele constrói uma estrutura, um modo de existência e uma personalidade.

Assim, em última instância, a psicose paranoica indica, pelo viés da perspectiva estrutural, o sofrer pela linguagem, o padecer de um “Outro não barrado” (MILLER, 1996a, p.168), um Outro a quem nada falta e onde o saber e o sentido são inflados. Diante disso, o paranoico chega ao seu limite ao se colocar como aquele que falta, como a causa de um desejo infinito.

2.2.4 Sobre os níveis de conformação do delírio paranoico

No âmbito psicótico, diferentes estruturas de funcionamento da linguagem podem ser implicadas com base na forclusão do Nome-do-pai, as quais indicam a experiência da psicose paranoica e a esquizofrenia. Apesar de ambas provirem do mesmo mecanismo, em seu nível estrutural, eles se afastam. Observando a dinâmica da linguagem acerca de ambas ramificações, Quinet (2002) indica que

os distúrbios de associação são hegemônicos na esquizofrenia, em que transparece a dificuldade de se deixar representar por um significante, ao passo que, na paranoia, fazem-se presentes variações no âmbito da interpretação, onde está presente a fixação e retenção, pelo sujeito, da posição do significante-mestre que propulsiona o sentido¹⁸, como veremos. Devido a estes fatores, o autor indica “a preponderância das imagens de corpo despedaçado e do estilhaçamento do sentido” (Quinet, 2002, p.11) na esquizofrenia, enquanto que, na paranoia, insiste de modo mais fundamental “o congelamento do sentido e a enfatuação do eu que chega à megalomania” (*idem*).

Maleval (1998), ao pensar sobre a lógica do delírio, propõe uma lógica quaternária de seu desenvolvimento, conferindo-lhe quatro momentos que acompanham o desdobramento da relação do sujeito no campo da linguagem. Há que se sublinhar que a evolução até o momento de uma metáfora delirante depende do manejo que o sujeito consegue criar com os significantes de que dispõe, bem como, nos casos de difícil manejo, dos recursos que encontra junto ao modo de tratamento que um suporte clínico pode oferecer a partir da consideração do lugar do Outro

Segundo Maleval (1998), o estágio inicial da construção delirante é denominado como Incubação (Po), quando o psicótico, ao se deparar com uma alteração na ordem de sentido da realidade ao seu redor, é afetado por um impasse intransponível entre o seu eu e a realidade. Tal afeto traduz-se como perplexidade e concernimento de si próprio, como mencionamos. Destarte, o paranoico, não dispondo de recursos simbólicos para localizar a alteridade do Outro, encontra-se em uma experiência de invasão pelo mesmo (MALEVAL, 1998).

O segundo estágio (P1), com conotação paranoide, é marcado pelo incessante deslizamento de significantes em busca de uma significação para os fenômenos enigmáticos relativos ao Outro. Nesse momento, ao acompanharmos Maleval (1998), podemos entender que o sujeito tenta contornar este buraco de significado com o qual se depara na realidade por meio de um trabalho de mobilização do significante. É nesse momento onde se inicia a construção do

¹⁸ Isto é, o paranoico permanece identificado à resposta do significante enigmático do desejo materno. Nas palavras de Quinet, “ele é o Um ao qual tudo e todos se referem” (QUINET, 2002, p.17).

delírio, o qual evolui para um terceiro momento, quando o delírio se apoia no significante do gozo do Outro a fim de alcançar alguma sustentação (*idem*).

O terceiro estágio (P2), para o autor, apresenta o momento em que se realiza a identificação com o gozo do Outro. A partir dessa identificação, emerge a possibilidade de uma referência para o delírio, o que lhe promove uma amarração fixa. Se por um lado o delírio aqui ganha sustentação e sentido, por outro, ainda guarda o aspecto violento do movimento de invasão do Outro. Isto é, podemos entender que o sujeito, por exemplo, continua a ser perseguido, no entanto, a partir deste estágio, entende o sentido da perseguição e até mesmo localiza seu perseguidor, o que lhe traz possibilidades mais estáveis e alguma previsibilidade em lidar com isto. A partir disto, ele inicia a construção de uma metáfora delirante (MALEVAL, 1998).

O quarto estágio (P3) é caracterizado por Maleval (1998) como o momento em que ocorre um apaziguamento do delírio devido a elaboração de uma metáfora delirante.. O autor explica que, nesse momento, há o consentimento do gozo do Outro, concebido por uma comunhão com o mesmo e a satisfação ao seu chamado, sendo o sujeito a parte que completa o Outro. Nesse sentido, podemos dizer que a megalomania do paranoico é bem-sucedida, transformando-se, ele mesmo, em uma entidade superior que constitui o significante de referência a todos outros, apesar de, na experiência paranoico, ser impossível aos outros chegar ao mesmo conhecimento de que o paranoico dispõe (MALEVAL, 1998).

Tendo em vista estes quatro estágios da formação delirante, consideramos que faz-se importante, na dimensão de um suporte clínico para isto, o modo de tratamento do lugar do Outro na busca pela sustentabilidade da construção delirante. Com isto, queremos dizer que, estando o clínico envolvido na dinâmica de construção do delírio paranoico — na medida em que este lhe endereça testemunhos quanto às suas vivências relativas aos fenômenos psicóticos —, bem como estando o clínico na posição de Outro para o paciente — como alguém desconhecido —, faz-se importante que ele não encarne a posição de Outro perseguidor do sujeito em sua relação com o delírio, mas o auxilie no tratamento deste Outro. Isto se torna possível pelo suporte ao sujeito por meio da escuta, recolhimento e organização dos elementos que o mesmo traz acerca do Outro, de

modo a viabilizar a construção de uma localização deste e de um sentido na relação que lhe corresponde. Isto depende da observação da relação que se estabelece entre clínico e paciente psicótico. Estando o clínico da posição de Outro para o paciente, faz-se importante considerar o tratamento deste lugar de modo a promover intervenções que apontem para a instituição de uma barreira no Outro, a inscrição de uma falta no Outro, na qual o sujeito possa encontrar um espaço para sua constituição por meio da construção delirante.

2.3 Aproximações do cenário contemporâneo: o “tom paranoico” dos dias atuais

Na contemporaneidade, o avanço crescente do neoliberalismo bem como um movimento de colonização dos corpos advindo de sua dinâmica promovem uma apreensão objetificante do ser, produzindo restos vivos a partir daquilo que não pode ser apreendido dessa forma, restos considerados como o âmbito da realidade que não funciona para o mundo. De modo diverso ao funcionamento social tradicional em que, o que a psicanálise considera como ponto de impossível, de real, aquilo que não funciona no discurso do mestre¹⁹, encontra-se negativizado em contraposição ao lugar do mestre — o Outro sob a significação da metáfora paterna —, na atualidade, é possível encontrar este ponto como agitado e excluído a cada movimento colonizador neoliberal. A conjuntura deste cenário faz emergir grupos de resistência conformados sob uma dinâmica imaginária, na medida em que se produz afetações nas maneiras de manejar o impasse inerente ao ser falante e os modos possíveis de constituição psíquica e laço social. O impossível da vida, nesse cenário, é visto como relegado à exclusão, à forclusão, assim como aquelas partes do ser que não são possíveis de serem objetificadas.

Acerca do cenário atual, o autor Mbembe (2018) identifica na ordem neoliberal um explícito parentesco entre as formas contemporâneas de apropriação de recursos no âmbito dos sujeitos e a escravidão moderna e predação colonial. Ele também expõe um aspecto crucial dos dias atuais, qual constitui a escalada tecnológica que incide sobre o corpo humano e as matérias da terra. Apesar deste

¹⁹ O discurso do mestre consiste no modo que Lacan (1969-70/1992) utiliza para caracterizar o funcionamento patriarcal de maneira logificada, a partir da inscrição de um significante-mestre primordial.

alvo, o autor entende que a dominação e a exploração toma um caráter cada vez mais abstrato e reticular, ao incidir sobre os interesses e formas de lidar com o sofrimento e o vazio de sentido da linguagem e da vida.

Nessa perspectiva, Mbembe (2018) afirma que os modos de individuação e as formas de subjetivação na contemporaneidade não são mais as mesmas que no final do século XX. Ele afirma que o enredamento completo entre o humano e o tecnológico transformou profundamente as maneiras com a qual o processo cognitivo se dá, como as pessoas sonham e com o que elas sonham. A partir disso, Mbembe (2018) busca sublinhar que é notável a mudança aparente da política da razão para a política da experiência nos dias atuais. Ou seja, em suas palavras, “a experiência pessoal se transformou na nova maneira de se estar em casa no mundo” (MBEMBE, 2018). O autor afirma que a experiência, hoje em dia, supera a razão.

Somos levados a acreditar que a sensibilidade, emoções, afetos, percepções e sentimentos são a matéria real que forma a subjetividade, e, portanto, a agência radical. Paradoxalmente, no tom paranóico dos nossos tempos, essa percepção está afinada com as estruturas dominantes do individualismo neoliberal. (MBEMBE, 2018)

Ao falar sobre uma política da razão em contraposição a uma política da experiência, associamos a colocação de Mbembe (2018) às formulações lacanianas acerca do modo de relação social mediado pelo âmbito simbólico e o funcionamento da relação imaginária em meio social, como vimos anteriormente. Mbembe (2018) indica uma íntima relação entre a política da experiência e o “tom paranoico” de nossos tempos. Buscaremos utilizar esta expressão do autor, pois ela nos parece apreender, de modo efetivo, os efeitos de uma ordem liberal, descrita por ele (MBEMBE, 2018), sobre alguns modos de relação social atuais descritos como paranoicos, perspectiva apresentada também por alguns psicanalistas.

Para Mbembe (2018), a política da experiência abriu espaço para formas ambíguas de mobilização coletiva, as quais escondem um aspecto de radicalismo e uma profunda ambivalência no discurso político. Tal ambiguidade aponta para reações à experiência da alteridade e ao controle hegemônico baseados em uma microsfera íntima da experiência, transformando importantes mobilizações em uma “competição sobre quem sofreu mais em uma escalada espiral de

vitimização” (MBEMBE, 2018), reproduzindo-se, assim, lógicas sectárias de cerceamento. Neste âmbito, é possível afirmar que a ausência de mecanismo produtor de significações que possa contornar a instância real das diferenças em jogo impulsiona a eliminação desta instância em uma situação imaginária, sendo a alteridade não subjetivada pela experiência pessoal configurada como um elemento ameaçador, como no funcionamento paranoico.

Acerca do “tom paranoico” identificado por Mbembe (2018) em nossos tempos, Vieira (2019) o relaciona ao abalo sofrido pelo falocentrismo — isto é, pelo Outro marcado pela metáfora paterna — que outrora se impunha como hegemônico na divisão e estabilização das relações sociais, as quais são observadas como instáveis desde esse abalo. Vieira (2019) afirma que a ressurgência de discursos radicais que visam o poder fálico na atualidade parecem desmentir este abalo. No entanto, referenciando o psicanalista Eric Laurent, é possível interpretar tais discursos como um atestado da reação ao abalo do falocentrismo. Por este entendimento, a onda violenta e reacionária de grupos sociais que emergem como vitimizados por uma ameaça encontra, na exigência reacionária, um modo de tentativa de restauração da ordem fálica pela reivindicação de uma posição de potência. “Nesse caso, as identidades e suas novas composições precisarão contar com contratos e acordos para coexistirem e para definirem consensos ou hegemonias, pois fundam uniões mais instáveis que estáveis” (VIEIRA, 2019).

É nesse contexto que identificamos a eclosão de uma conjuntura imaginária que abre espaço para a emergência de mecanismos paranoides. Vieira (2019) ressalta, acerca do que podemos chamar de imaginarização da relação com o outro, de tom paranoico, na qual se instala a diferença como elemento eliminável, que

Diz-se que se trata de uma recusa da diferença. [Ainda] é dizer pouco, pois seria preciso dizer qual diferença é recusada. Melhor afirmar que é uma recusa de tudo o que não for inteligível, tudo o que é não-lugar, que é sem utilidade direta. Não se trata de excluir alguém, de jogá-lo no lixo de um regime universal, de um “Nós, o Todo, menos ele”. Trata-se mais de um “Tudo o que não seja nós, não existe”. Nesse sentido, não é uma recusa, mas uma decisão de eliminação, de extermínio. (VIEIRA, 2019)

Com base nisto, ponderamos que os mecanismos produtores das expressões violentas de massa extremistas na atualidade – na conjuntura em que

estes se formam diante do ininteligível que, tomado como ameaça, persegue o sujeito –, abrem espaço às culturas, marcadas por um aspecto radical, do “cancelamento”, da “branquitude”, da “negritude” e mesmo do “perigo amarelo” que avança sobre o ocidente. Isto é, culturas fundamentalistas que, na busca pela afirmação própria e própria segurança, tendem à eliminação daquilo que lhes aparece como ameaçador.

Mbembe (2018) explica que o projeto consiste em tornar supérfluo o maior número de pessoas possível, sendo a novidade a produção em escala massiva de corpos descontáveis, uma humanidade residual. Trata-se de uma economia que torna desnecessária a presença de todos nós como sujeitos, mas apenas de alguns de nós como corpos. Diante disto, Mbembe (2018) afirma que o político não pode ser reduzido ao meticuloso gerenciamento de espaços emocionalmente seguros, mas está relacionado à ideia de “descolonização [que] é, por definição, uma empresa global, uma abertura radical do e para o mundo, um alargamento do mundo em oposição ao isolamento” (MBEMBE, 2018). Isto visa a superação da perspectiva do projeto neoliberal, onde aqueles, cuja a mera existência não parece necessária e aqueles cuja existência ou proximidade é considerada a representação de uma ameaça física ou biológica, podem ser descartados.

Na contemporaneidade, segundo Mbembe (2018), está implícita a ideia de que o mundo é uma questão de números e que a tarefa do conhecimento consiste em lidar com quantidades. Para ele, há uma crescente crença de que a melhor maneira de gerir a informação é por meio dos computadores, sendo o que for além do armazenamento de dados algo inexistente. Nesse sentido, ele afirma que descolonizar é algo que deve partir da suposição de que o conhecimento não pode ser reduzido ao processamento computacional de informação, sendo necessário, urgentemente, a recuperação da capacidade de pensar e significar. Mbembe (2018) explica que nem o cálculo, nem a matemática, nem a computação são suficientes para explicar a vida. “Uma vez que garantimos que a matemática está correta, ainda precisamos determinar o que esse exercício significa para a vida dos seres” (MBEMBE, 2018).

Identificamos neste “para além do funcionamento de dados”, se podemos colocar nesses termos, junto ao pensar, aquilo que não funciona no âmbito simbólico e que Lacan (1953) situou na dimensão do real, do impossível de ser apreendido. Acreditamos ser importante sublinhar que promover um sentido à vida e à possibilidade da dialética no meio social aponta, igualmente, para um alojamento, em algum espaço, do ponto irreduzível de significação que a vida comporta, de modo diverso à sua exclusão. A busca por esta, no cenário descrito por Mbembe (2018) em tempos recentes, parece estar intimamente ligada ao tom paranoico de nossos tempos e a algumas manifestações violentas de massa, o que requisita um outro espaço de delicada discussão sobre o tema.

Capítulo 3

Articulações entre o Outro e a esquizofrenia

*Meu corpo não é meu corpo
É ilusão de outro ser
Sabe a arte de esconder-me
E é de tal modo sagaz
Que a mim de mim ele oculta.*

Carlos Drummond de Andrade, As contradições do corpo (1984)

Neste capítulo, aproximamo-nos da estruturação psicótica no lugar do Outro a partir da dinâmica presente no quadro da esquizofrenia. Se antes falávamos de “doença do Outro” (MILLER, 1996a), agora buscamos recuperar o âmbito da “doença da mentalidade”, isto é, do âmbito da necessidade de se fazer arranjos com a linguagem na existência pelo fato de se ter uma mentalidade. Poderíamos dizer, do âmbito do padecer por se ter uma mentalidade (*idem*)²⁰. Enquanto a paranoia é apreendida como uma regressão ao estágio do narcisismo, conforme elaborado pela perspectiva freudiana, a esquizofrenia, por sua vez, caracteriza um movimento regressivo até o estágio do autoerotismo. Isto é retomado pela perspectiva lacaniana, a qual indica que o funcionamento do mecanismo da esquizofrenia atua sobre o próprio nível em que a imagem de um corpo é configurada.

Essa imagem é construída através da atribuição de uma função à linguagem, unificando-a como um corpo simbólico, como veremos (LACAN, 1953/1998; MILLER, 2003). Na esquizofrenia, encontrando-se o âmbito da linguagem como elementos dispersos inicialmente, como pura diferença desde o real, esta unidade encontra-se em vias de despedaçamento. Tal dinâmica é refletida nos fenômenos psicóticos de fragmentação corporal presentificados na clínica da psicose, quando, ao paciente esquizofrênico, faz-se importante o recolhimento de seus pedaços e suporte às tentativas de amarração destes em uma unidade corporal e linguística, a fim de possibilitar a construção de um lugar Outro, inexistente para ele (VIEIRA, 2008). A partir de tal recolhimento, torna-se viável o suporte ao sujeito para a invenção de um artifício que possibilite a

20 Podemos sublinhar que todos nós padecemos, enquanto seres faltantes afetados pela linguagem e, portanto, incompletos, buscando responder a isto por diferentes vias.

construção de saberes em um segundo momento. Por meio de construções concretas com objetos no real que lhe sirvam para inventar e se relacionar com um Outro, compõem-se suportes para a invenção de um lugar e uma função para si.

Neste momento, apesar das críticas freudianas e lacanianas acerca do termo “esquizofrenia”²¹, tendo em vista a cisão constitutiva do psiquismo desde os momentos iniciais da incidência da linguagem sobre o ser e a concepção do funcionamento do inconsciente como um segundo núcleo de atividade mental (FREUD, 1915/1976), buscaremos manter seu uso em alguns momentos. Posteriormente, o deslocaremos para a concepção de “loucura” ou “doença da mentalidade”, de acordo com as indicações de Lacan e de Miller, tendo em vista a conjuntura de funcionamento da esquizofrenia quanto à sua relação com a linguagem e com o discurso, nas vias da constituição de um sujeito.

3.1 Breve aproximação do quadro da esquizofrenia” na elaboração psicanalítica freudiana

No campo da psicanálise, o ponto nodal acerca dos desenvolvimentos do conceito de esquizofrenia deu-se no momento citado do ano de 1911. Por meio das correspondências trocadas com Jung, identifica-se que Freud, à época, demonstrava que sua preocupação principal tratava-se da diferença entre paranoia e demência precoce (denominada por Bleuler como esquizofrenia). Freud entendia que o erotismo é o que seria a essência da demência precoce. Nesse momento, este autor também direciona a Bleuler a teoria correspondente à libido e aos seus deslocamentos na formação da demência precoce e na paranoia como conjunturas diversas (MILLER, 1982, p.15).

Miller (1982) indica que na perspectiva freudiana de 1908, é desenvolvida uma pequena síntese que expõe a repressão pela retirada da libido como um conceito essencial na explicação tanto da paranoia como da esquizofrenia. No entanto, esclarece-se que, se há êxito da repressão pela retirada da libido do

21 Segundo D’Agord (2005), o conceito de “esquizofrenia” foi elaborado por Eugen Bleuler (1857-1939), e aparece no título da sua obra *Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien*, publicada em 1911. Segundo a autora, a palavra esquizo-frenia é composta pelo verbo grego *schízo*, que significa fender, separar, clivar; e pelo substantivo grego *phrén*, que significa espírito, inteligência. Ela afirma que, com este neologismo, Bleuler (1911) queria transmitir que o traço fundamental desta condição mental é a dissociação do psiquismo, e não uma crescente deterioração psíquica.

mundo exterior, emerge o movimento de regressão em direção ao autoerotismo e, a partir da fixação neste estágio, neste momento, fala-se em demência precoce. Por outro lado, se este êxito da repressão pela retirada da libido do mundo exterior é seguido de um restabelecimento das cargas libidinais, de modo que estas se transformam e são projetadas no mundo, emerge, então, um caso de paranoia, com certa conservação do sentimento de realidade (MILLER, 1982).

Em 1911, ao abordar o caso Schreber, Freud (1911/1976) desenvolve três momentos fundamentais da constituição subjetiva, correspondentes às três formas de organização libidinal. Estas são as organizações do autoerotismo, narcisismo e investimento libidinal em um primeiro objeto de amor (*idem*). Destacamos, neste capítulo, a organização do autoerotismo, a qual se constitui como a configuração do funcionamento subjetivo que propicia os fenômenos do quadro da esquizofrenia. No autoerotismo, podemos observar — diversamente do narcisismo em que o eu é um primeiro objeto rudimentar de investimento libidinal — a ausência de investimento de objeto, estágio localizado como uma organização em que a libido desloca-se de modo a suportar satisfações aos órgãos do corpo que funcionam sem uma articulação entre si. Nesse momento arcaico e primordial da vida psíquica, não existem representações correspondentes aos objetos de desejo aos quais a libido direciona-se (*idem*).

Freud (1911/1976) indica este mecanismo libidinal como a conjuntura de um completo abandono objetal. Assim, sem a mediação de um objeto de desejo, a satisfação ocorre, aproximadamente, de modo direto em relação ao local, o órgão, do qual emergiu a excitação correspondente. Isto é, o órgão que é a fonte da excitação originária constituirá o órgão a ser usado para a descarga da quantidade de energia excedente. Nas palavras de Freud (1911/1976): “as pulsões sexuais comportam-se autoeroticamente a princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade” (p.138).

Ao observar as formulações freudianas, Miller (1982) aponta que, o que se encontra como questão capital é o que está em causa no fenômeno psicótico, ou seja, é justamente a causalidade deste quadro e não simplesmente a interpretação. O nível da causalidade, na visão de Miller (1982), é sublinhado como o que lhe

parece essencial no empreendimento da leitura também da obra lacaniana na atualidade, para além da redução de seus desdobramentos às noções de metáfora e de metonímia, como vimos anteriormente, como o que propicia a formação e interpretação dos sintomas. Em outras palavras, trata-se de pensar o mecanismo psíquico do transtorno, ou seja, a causalidade psíquica.

3.2 Aproximações entre a esquizofrenia e a linguagem — o encontro com o real e a inexistência de um Outro

Neste trabalho, ao tratarmos das relações das estruturas psíquicas, especialmente a estrutura psicótica, com o lugar do Outro, âmbito da linguagem e da cultura onde o sujeito advém e se articula como ser falante, buscaremos nos aprofundar, neste momento, no desenvolvimento da constituição esquizofrênica, a partir da dimensão da linguagem não suportada por um discurso, conforme as elaborações indicadas por Lacan (1972/2003).

Na vertente específica da esquizofrenia, de modo diverso à paranoia — funcionamento em que há a retenção da posição do significante-mestre —, ocorre a impossibilidade de constituir algo que possa vir a ocupar a posição deste significante na linguagem e constituir a organização da cadeia simbólica, o que traz para o esquizofrênico a experiência de um vazio radical e um fazer com a linguagem de modo totalmente concreto e inédito. Isso o insere em uma vivência de confronto direto com o âmbito real da linguagem e com a dimensão dos significantes desarticulados, sem alguma articulação imaginária ou mediação simbólica.

A dimensão do real passa por diferentes concepções ao longo da obra lacaniana. Para o escopo de nosso estudo, tomaremos dois momentos. Em seu primeiro seminário, ao tratar do tema da repetição, Lacan (1964/1973) indica que a dimensão do real consiste naquilo que retorna sempre no mesmo lugar, sendo isto impossível de ser apreendido. Podemos entender este âmbito real como aquilo a partir do qual nenhuma dedução é possível, sendo pura repetição da incessante impossibilidade de se deduzir. Nesse momento de sua obra, Lacan (1964/1973) ressalta o aspecto do real como o impossível de se dizer, sendo a partir disso que é possível a conformação do sujeito e seu sintoma — tomaremos este termo aqui como um modo de junção dos elementos significantes da linguagem — como

resposta a essa instância a qual possibilita um sentido. Bernard (2018), indica a esse respeito que

Passado o instante de angústia ou de espanto, o ser falante logo terá feito recobrir o advento do real pelo registro do sentido (Lacan, 2005, p.65). [...] o sujeito constituirá para si muito rapidamente uma visão de mundo capaz de esconder essas aparições enigmáticas. Há, assim, em cada um de nós [...] um (pequeno) “filósofo” (Lacan, 1973/2003, p.534), que folheia as páginas de seu mundo sem se comover, senão vagamente, certo de ser capaz de se defender da menor notícia por um pensamento pronto [prêt-à-penser]. (BERNARD, 2018, p.39).

Nessa dinâmica, o real é aquilo que retorna sempre no mesmo lugar como o que não é totalmente apreendido pelo sentido promovido pelo sujeito, mas que suporta a contínua repetição desse sentido como alguma resposta, retornando sempre como ponto irreduzível. No entanto, quando este real aparece como notícia incontornável, utilizando o termo de Bernard (2018), quando não é possível a ele responder, uma outra faceta de sua concepção se apresenta. Esta indica a noção de Lacan (1973/2003), ao tratar das vertentes da linguagem em que o inconsciente se implica, do real como “o que permite desatar efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes” (p.515). Por esse viés, o real se apresenta como a lei do desatamento, da impossibilidade de sentido a qual situa o sujeito em uma constante perplexidade, tratando-se daquilo que, na obra freudiana, é pensado pela via de Tanatos, como a dimensão de onde provém a pulsão de morte. Se por um lado ele desata amarrações que permitam contornar esse ponto irreduzível, por outro, ele abre vias para invenções e fazeres outros.

Tendo isso em vista, podemos entender a experiência do esquizofrênico de radical falta de sentido frente ao âmbito da linguagem, na qual o confronto com os significantes, com as relações sociais e com o próprio corpo produz constante espanto. Observando as três instâncias da linguagem, Vieira (2011) afirma que “um real deve ser articulado a uma imagem para que haja vida”. Ou seja, é o registro psíquico imaginário — registro de onde se produzem as possibilidades de relação e de construção de laço social, onde existe a imagem do semelhante, das propriedades, classificações, explicações, enfim, da representabilidade —, no contato entre o real e o simbólico, que possibilita à linguagem e ao sujeito alguma produção de uma amarração e de um saber, bem como de significação no confronto do sujeito com a instância real. Destarte, no desencadeamento da

esquizofrenia, torna-se aparente a ausência de um artifício que realize a organização entre os registros da linguagem, o que se traduz pela inexistência deste lugar como um corpo simbólico unificado. Isto pode ser concebido como uma experiência em que o “Outro não existe” (VIEIRA, 2008, p.103), o que Vieira (2008) explica como não correspondendo ao fim do Outro, mas existência virtual sem contornos definidos (p.33). Assim, não há a possibilidade de inscrição em um Outro, sob a qual são possíveis os desenvolvimentos da elaboração de um corpo.

3.2.1 A problemática fundamental da construção de um corpo para habitar

Ribeiro & Rocha (2015), ao tratarem do tema das invenções na esquizofrenia, indicam que há uma sensação difusa no meio social de obviedade quanto à perspectiva comumente aceita de que todo ser humano possui um corpo *a priori*. Apesar desta difusão, para a psicanálise lacaniana, faz-se preciso esclarecer que a experiência de ter um corpo trata-se de um efeito da linguagem, advindo das relações com o Outro primordial, lugar comumente ocupado pela mãe. A dimensão da linguagem, na ótica lacaniana, realiza uma distinção fundamental entre o organismo tal como concebido funcionalmente por uma parte do âmbito científico, e o corpo do ser falante, marcado na carne pela ação do significante. Ribeiro & Rocha (2015) elucidam que é o Outro materno que dá corpo ao organismo da criança, consistindo o corpo no lugar do Outro. “Um Outro que nos inscreve [...] [na linguagem] através de seu desejo não anônimo” (RIBEIRO & ROCHA, 2015).

O corpo, na concepção lacaniana, corresponde ao real sobre o qual a incidência da linguagem produz um furo e, a partir da articulação significativa neste lugar — sustentada por um discurso — ao sujeito é possível a apropriação de um “corpo simbólico” (MILLER, 2003) e a experiência de habitar o âmbito da linguagem. A incidência da linguagem ocasiona a composição de um enigma sobre o qual o sujeito coloca para si o questionamento da função dos órgãos de seu corpo, sendo pela via do discurso social que responde a isso. No entanto, a configuração da esquizofrenia aponta para uma experiência de ser apanhado por órgãos sem a ajuda de nenhum discurso estabelecido (LACAN, 1972/2003).

Desse modo, a linguagem, que permite acesso aos órgãos do corpo, não se encontra implicada pelo laço social mais amplo na esquizofrenia, configurando-se como pura dispersão de elementos.

Miller (2003), ao retomar a afirmação lacaniana presente em *O aturrito*, a qual se refere a ser a função de cada um dos órgãos um problema para o ser falante — por ser marcado pela linguagem —, explica que para a esquizofrenia, o termo “invenção” denomina com precisão a criação de mecanismos para se ligar ao corpo e mesmo criar um, que, neste âmbito da psicose, se encontra esfacelado. Miller (2003) sublinha a perspectiva lacaniana a esse respeito recuperando seu convite a pensar a esquizofrenia como uma propriedade de enigmatizar a presença no corpo. “[...] é o que Lacan aponta como sendo o particular do esquizofrênico, que se caracteriza por não poder resolver seus problemas de ser falante como todo mundo, apelando para discursos estabelecidos, discursos típicos” (MILLER, 2003, p.7).

Miller (2003) afirma que é o campo dos discursos o que diz o que é preciso fazer com seu corpo, o que constitui o campo da educação. Segundo ele afirma, a boa educação é, em grande parte, a aprendizagem de soluções típicas e de soluções sociais que realizam a delimitação de direcionamentos para a questão do bom uso do corpo e do que constitui as partes do corpo próprio do ser falante. Isto se reflete em enunciados como os que indicam o que fazer com essa ou aquela parte do corpo, bem como o que não pode ser feito. O autor elucida que esta repartição de soluções não opera no esquizofrênico. Ele chega ainda a reafirmar a tese lacaniana que concebe a visão de que somos todos esquizofrênicos, já que o corpo e os órgãos do corpo constituem problemas para nós. A diferença está em que, enquanto por meio de soluções típicas, o neurótico consegue lidar com o corpo desde a garantia do Nome-do-pai, o esquizofrênico, por sua vez, lida com o problema do corpo por via diversa, de modo que, na dificuldade de delimitar um corpo para si, um certo número de seus órgãos passa fora do corpo (MILLER, 2003).

De uma certa maneira, todo o seu corpo passa fora do corpo. [...] os órgãos passam fora do corpo no sentido de que eles ganham vida, têm vida própria, e cumprem seus papéis sozinhos. O próprio sujeito pode passar fora do corpo [...]" (MILLER, 2003, p.8).

Na perspectiva lacaniana, podemos ver que uma disjunção entre o corpo e o ser é operada pela incidência da linguagem sobre este, de modo que o homem não se identifica com o seu corpo e precisa significar o mesmo. A imagem corporal é construída ao longo dos desdobramentos subjetivos nas relações de significação em que a criança se insere. Lacan (1949/1998) descreve essa construção inicialmente em sua obra intitulada “*O estádio do espelho como formador da função eu*”. Antes deste estádio, o corpo é entendido como um corpo fragmentado e despedaçado. Mesmo a construção de uma unidade corporal configurada como totalidade, desde a experiência do espelho, não é suficiente para eliminar o caráter de estranheza por meio do qual o corpo se apresenta ao sujeito. Podemos enfatizar que a experiência de estranheza sempre resta nele, como, por exemplo, quando se manifestam determinadas formas sintomáticas.

3.2.2 A experiência do estádio do espelho como suporte para a constituição de um corpo

A formulação elaborada por Lacan (1949/1998) acerca da experiência do espelho situa-se em período anterior à formulação do registro simbólico por este autor, que se dá em 1953. Tal experiência vem a delinear a construção de um eu e da representação de si pelo ser. Esta representação está ligada à necessidade de fazer uma unidade com os elementos disjuntos dele e, nesta produção marcada pela alienação, a representação do eu, do corpo, bem como dos elementos ao seu redor, é construída a partir do lugar do Outro.

Na obra mencionada, percebemos a centralidade da concepção de imagem como uma antecipação psíquica que articula movimentos de organização corporal. Tal antecipação se relaciona à forma total do corpo, na qual a maturação da potência é precipitada numa miragem exterior. Dessa maneira, destacamos o caráter constituinte da imagem como fator que promove possíveis articulações e ordenamento. É possível perceber que, nesta época, somente por esse laço imagético, por esse contorno imaginário, é exequível ao sujeito uma experiência de unidade, a qual necessariamente tem como suporte o elemento da alienação, isto é, do reconhecimento de uma imagem apontada pelo outro e dele como sua própria.

Essa apreensão significativa da “inabilidade” da imagem, como diz Lacan (1949/1998), constitui o suporte sobre o qual outras repercussões ocorrem. O autor explica que a imagem é colocada, nesse ponto, como uma função que coordena a multiplicidade de fenômenos dos membros e partes do corpo, vindo assim a ter uma função de mediação com a realidade. Iniciam-se, desse modo, encaminhamentos à necessidade de fazer um, dada a precocidade da biologia humana no nascimento e a desarticulação inerente ao ser falante, percebidas na impotência motora (LACAN, 1949/1998).

A fixação da imagem especular demonstra constituir-se, assim como explica o autor, como “a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (*idem*, p.97). Lacan (1949/1998) indica que isto simboliza “a permanência mental do eu” (Lacan, 1949/1998, p.98), bem como é repleta das “correspondências que unem o eu à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam [...]” (*idem*). Disso podemos sublinhar dois aspectos do surgimento da imagem. O primeiro aponta para uma estabilidade ilusória por meio da qual o eu tem condições de organizar suas relações com o mundo — o estabelecimento da unidade de um corpo, função do estádio do espelho —, o que tem como fundamento um eu alienado que, em última instância, não alcança a totalidade de si e que abarca desconhecimentos que são elididos. E, o segundo, aponta para as relações/mediações cujo suporte constitui a imagem, onde, inseridas nelas estão toda a experiência de totalidade e coerência e, deixadas de fora, os fantasmas das sensações de despedaçamento e o corpo desarticulado em si mesmo.

Nesse momento da obra lacaniana, o eu e o corpo assumem a concepção de uma função imaginária. Tendo isso em vista, os fenômenos da psicose são considerados, sob a dinâmica desse registro, como uma intensificação dessa dinâmica no quadro da paranoia, quando o centramento na dimensão do eu e do sentido encontra-se intensificado, ou como um esfacelamento da dinâmica do registro imaginário, como ocorre no quadro da esquizofrenia, quando há efeitos de despedaçamento do corpo e uma delimitação precária da imagem própria. Em momento posterior do desenvolvimento deste autor, as ponderações acerca das

psicoses, para além de serem referenciadas pelo registro imaginário, passaram a uma elaboração também a partir da formulação do registro simbólico, a qual Lacan (1954/1986) realizou como uma consequência das relações imaginárias.

Desse modo, a esquizofrenia recebeu um outro modo de abordagem, que se reflete já nos primeiros seminários de Lacan (1954/1986), quando este autor indica que “para o esquizofrênico todo o simbólico é real” (p.394). Ao indicar o estatuto diverso que o registro simbólico possui na estrutura da psicose, Lacan (1954/1986) indica que o significante, nesta estrutura, se realiza no real do organismo, sem a mediação de uma imagem unificadora, de modo que no corpo do esquizofrênico os significantes se colam e dão origem à concepção de *linguagem de órgão*, tecida por Freud (FREUD, 1915/1976) e recuperada por Lacan.

3.2.3 Da linguagem do órgão ao órgão linguagem — a “dimensão de um impossível”

Ao observar o âmbito dos fenômenos da esquizofrenia, encontramos na obra freudiana a perspectiva de que as palavras remetem a uma relação direta com as sensações corporais, como uma referência imediata ao corpo. Em sua obra *O inconsciente*, o autor busca descrever isto como a linguagem de órgão do esquizofrênico. O autor observa que as representações de coisa no esquizofrênico

— ou seja, representações que não são associadas às palavras no âmbito consciente devido à sua permanência no sistema inconsciente — encontram-se ausentes nele, tendo as palavras peso em si mesmas e não sendo referidas a outros elementos advindos do inconsciente. Isto porque, na ótica freudiana, haveria um desinvestimento das representações de objeto conscientes e pré-conscientes e das representações de coisa inconscientes na dimensão de seu modo de linguagem. Em contraposição, haveria um superinvestimento nas representações de palavra como uma tentativa de alcançar novamente as outras representações desinvestidas.

Nessa tentativa, Freud (1915/1976) propõe que se construiria uma referência inicial aos órgãos do corpo e às suas sensações como objetos primeiros, sob o princípio de funcionamento psíquico primário²² do esquizofrênico.

²² Para Freud (1915/1976), o funcionamento psíquico primário se refere aos processos neste aparato que obedecem o princípio do prazer, em uma conjuntura em que a realidade externa cede espaço à primazia da economia pulsional. Neste contexto, a questão principal do funcionamento é

Buscaremos articular esta concepção freudiana de “linguagem do órgão” ao que corresponde à perspectiva da linguagem como um órgão desde a ótica lacaniana, mais à frente. Para isto, consideramos importante retomar anteriormente a noção de que o ser falante tem como seu “habitat” a dimensão da linguagem, sendo a partir do saber-fazer com ela que ele existe e sendo por ela que é determinado.

A ideia de que a função da linguagem determina o ser falante é uma tese constantemente afirmada na obra lacaniana. O que é acrescentado em um segundo momento da obra deste autor é que o sujeito tem que encontrar a função do órgão linguagem para que ela o determine. Miller (2003) afirma que todo ser falante se descobre como habitando a linguagem, o que se pode entrever pela representação do mundo por palavras e escritos que sustentam a vida de alguém ao mundo. No entanto, ele enfatiza que a linguagem não passa de um envoltório. Em suas palavras: “é como se enxertássemos esse órgão fora do corpo no ser falante, e para cada um se coloca a questão de encontrar a função do órgão linguagem, o que fazer dele” (MILLER, 2003, p.10). Este autor recupera a coletânea *La stylistique des psychoses* a fim de exemplificar diversos sujeitos que estão às voltas com o órgão da linguagem e não sabem o que fazer dele, ou seja, eles não chegam a fazer deste órgão um instrumento perante outros órgãos. A questão, nesse sentido, trata-se de como fazer do órgão linguagem um instrumento que signifique a experiência com o corpo e com a realidade. O autor atualiza o convite de Lacan (1972/2003) para pensar a linguagem como um órgão fora do corpo. Segundo a ótica lacaniana, a linguagem seria mesmo um órgão fora do corpo — “[...] é a linguagem, por abitalo [labiter] que para seu corpo cria um órgão” (*idem*, p.475).

Miller (2003) busca elucidar que a perspectiva lacaniana convida-nos a ver a linguagem como um órgão que ex-siste²³ no corpo e que produz efeitos de desestabilização sobre os outros órgãos do mesmo, ao mesmo tempo em que insere neles enigmas que provocam o questionamento sobre as suas funções e os significa a partir de um discurso. O órgão linguagem do sujeito, segundo o autor indica, atribui ao corpo um ser, ao mesmo tempo em que lhe confere um ter. Este

a regulação prazer-desprazer, em uma busca de descarga da energia livre (FREUD, 1915/1976).

²³ Miller (2003) afirma que a noção de ex-sistência foi cunhada na perspectiva lacaniana a fim de designar um elemento que permanece ligado ao sujeito apesar de não encontrar-se precisamente em seu âmbito. Ele explica que “ex-sistere” é “ser colocado fora de, ex alguma coisa”. Corresponde à posição de estar fora, permanecendo ligado.

“ter essencial que é o corpo” (MILLER, 2003, p.11). Isto se refere à tese lacaniana de que a linguagem, inserida na dinâmica de um discurso, incorpora-se no organismo e, por esta via, torna possível a emergência de um corpo. Nesse sentido, a relação com o Outro, lugar da linguagem, é anterior à construção de um corpo, visto que, primeiramente, torna-se condição um saber-fazer específico com a linguagem para se ter um corpo (MILLER, 2003). Como consequência deste saber-fazer, torna-se viável a sustentação corporal.

Nesta conjuntura, o confronto com os órgãos do corpo, dentre eles o órgão linguagem, torna-se uma problemática na existência do ser, sendo a função a ser direcionada para cada um deles da ordem de um impossível sem precedentes. É justamente isto que Lacan (1972/2003) especifica ao expressar que o esquizofrênico “fica reduzido a descobrir que seu corpo não é sem outros órgãos, e que a função de cada um deles lhe cria problemas — coisa pela qual se especifica o dito esquizofrênico ao ser apanhado sem a ajuda de nenhum discurso estabelecido” (p.475).

Na perspectiva lacaniana, é pela via do discurso que o sujeito assume as características e modalidades de uma época e de uma cultura que o institui e na qual se encontra inserido por laços sociais. Isto porque, no âmbito humano, há a presença de um ponto irreduzível de simbolização que se configura para os seres, o qual é remediado, até certo ponto, pela dinâmica discursiva. O âmbito do discurso de uma época destina uma localização a este ponto que faz funcionar a relação entre os sujeitos de algum modo. O discurso aloja (e oculta, somente aparecendo no discurso analítico) este âmbito de vazio por meio de rituais e da produção de bordas que possibilitam aos sujeitos alguma estabilização das relações marcadas pelo impedimento da instância do real (LACAN, 1972/2003).

Segundo a perspectiva lacaniana, o dizer presente no discurso é análogo ao real e ocultado nos ditos produzidos no discurso. Isto é, é no dizer do discurso que se encontra o ato por onde emerge uma palavra do real, sendo a partir do saber acerca desta onde se encontram os ditos e a emergência de uma cadeia significante. Isto faz com que o órgão linguagem, ex-sistindo ao corpo, opere neste de modo exterior. A dimensão do real indicada por Lacan (1972/2003) é denominada por ele como a “diz-mensão de um impossível”. Isto porque, ao se

fechar sob o âmbito da significação dos discursos, essa dimensão real se revela como ex-sistente (*idem*). Isto é, ex-sistindo, ele torna possível que os outros discursos funcionem até certa medida, visto que este real permanece em determinada ponto da estrutura subjetiva e é ele mesmo que permite o sujeito e o sentido. Destarte, é pela via discursiva, ou seja, de um modo sumário, pela alocação em uma determinada configuração dos elementos significantes e do elemento irreduzível do real, que é possível a cada época o laço social e a constituição subjetiva a partir de uma organização e função da dimensão da linguagem.

3.2.4 Sobre o órgão linguagem entre outros órgãos do esquizofrênico

Ao longo de seu seminário sobre as psicoses, Lacan (1955-56/1988) explica que na estrutura da psicose, ocorrem fenômenos em que se habita uma linguagem desconhecida pelo próprio ser falante, experiência na qual a apropriação da mesma é destinada a ocorrer por meio de um discurso inédito. Lacan (1955-56/1988) afirma que “a se supor que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que fala” (p.20). Por outro ângulo, é possível recuperarmos aqui também a perspectiva lacaniana de que na psicose, o sujeito não habita a linguagem mas, de modo contrário, é habitado por ela.

Se para o neurótico a apropriação da linguagem se dá por meio de discursos típicos presentes no meio social, os quais lhe permitem utilizá-la como o instrumento que designa a função de outros órgãos corporais e de um corpo, para o esquizofrênico a linguagem é um órgão enigmático que “não é sem outros órgãos” (MILLER, 2003), segundo a perspectiva lacaniana. Como um dentre os outros órgãos do corpo, ela não possibilita uma referência aos outros, aparecendo junto aos mesmos no âmbito real. É nesse sentido que o esquizofrênico tem problemas no confronto com a função de seus órgãos.

A experiência clínica lacaniana demonstra que é a partir do fato de que o ser falante passa por afetações pelo órgão da linguagem que ele é levado a acreditar que seu corpo não é sem outros órgãos e que o órgão da linguagem não é o único. Nas palavras de Miller (2003): “o sujeito é forçado a perceber que ele não

é somente ser de linguagem, que se relaciona apenas com o órgão linguagem, mas que tem outros” (p.10). O autor precisa que a expressão lacaniana de que a experiência “não é sem outros órgãos” não é da mesma coisa que dizer “com outros órgãos”, visto que, no primeiro caso, ocorre uma pequena passagem pela negação entre os dois. Para Miller (2003), evoca-se que o sujeito poderia bem fazer uso da linguagem sem os outros órgãos. Nisto se reflete a perspectiva de que ele poderia ser um sujeito sem corpo, podendo ele ser levado a se tomar como um ser de linguagem (MILLER, 2003). Nesse sentido, ele é concebido a partir dos movimentos do significante. “O que determina as coisas é o simbólico, e o corpo arrasta um pouco a pata. Esta é sua inércia, as inércias imaginárias. Tudo isso não passa de 'sombras e reflexos” (MILLER, 2003, p.10). Baseados nestes termos, podemos entrever que o simbólico, como registro onde o sujeito é tecido, pode compor o corpo por funções muito diversas desde suas possibilidades significantes.

Miller (2004) indica que, se por um lado a dimensão biológica do corpo se oferece ao significante e se transforma no mesmo, por outro lado, o significante se materializa no corpo, dissociando corpo e organismo, o que o autor expressa pelo entendimento de “significantização do corpo” e “corporização do significante” (MILLER, 2004, p.65). Destarte, o corpo, na perspectiva lacaniana, aproxima-se de um efeito da linguagem. Miller (2003) sublinha que o estatuto e a unificação do corpo não são dados de início, o que nos leva a fomentar experiência do esquizofrênico com o corpo como suplência a uma articulação simbólica, a qual a estrutura da psicose esquizofrênica constrói por meio de invenções.

3.2.5 Aproximações da noção de Outro como uma invenção

Em relação ao dito esquizofrênico, a perspectiva lacaniana o localiza pelo impasse fundamental de que, na sua experiência, o problema do uso dos órgãos é especialmente agudo. Ponderamos que a experiência esquizofrênica transcorre por meio de esforços singulares requisitados ao ser falante a fim de manejar problemas que o campo da linguagem impõe a ele, situações em que lidar com uma parte do corpo ou com atos simples, os quais requerem do ser falante um posicionamento subjetivo, constituem um problema para os quais uma solução

ainda exige a produção de uma invenção, sendo neste momento em que a psicose vem a se desencadear. Retomando o caso Schreber, Miller (2003) demonstra que o ato de defecar, de andar e de olhar são atos que fazem emergir e põem em circulação conflitos para os quais não há resolução. Por conseguinte, o psicótico esquizofrênico é levado a abandonar-se ou mesmo abandonar seu corpo, ou senti-lo como autônomo e fora de si.

Na relação com Outro, o esquizofrênico depara-se com o significante puro, que não se encadeia e que propicia uma experiência de trauma em si mesmo (MILLER, 2003). Trata-se do significante do gozo que, sem a vinculação de uma cadeia mais ampla, condiciona o sujeito a uma posição objetual em relação à qual, para que ele possa se relacionar com outro, lhe é requerido a produção de um artifício ou invenção – termo cunhado por Miller (2003) para indicar as produções da esquizofrenia por meio de fazeres com recursos em seu âmbito real, concreto. Ou, como Lacan (1975-76/2008) desenvolve ao final de sua obra, algo que possa fazer nó entre as instâncias do real, simbólico e imaginário. De modo diverso à experiência suportada pelo discurso do mestre onde não há enigmas, mas respostas, Miller (2003) expõe que o encontro com o lugar do Outro na experiência esquizofrênica permanece na dimensão traumática, o que caracteriza sua relação com a linguagem em estado incipiente.

Na perspectiva lacaniana, o traumatismo da incidência do significante e seu gozo produzem um sujeito que foi localizado por Lacan (1975-76/2008), como o núcleo do inconsciente. Miller (2003) busca sublinhar que, quando se procura na clínica, é isto que se encontra como núcleo. Trata-se do traumatismo que obriga a uma invenção subjetiva e que pode suceder por diferentes meios, dentre eles as invenções que possibilitam delimitar alguma amarração subjetiva. Nesse sentido, o próprio Outro é uma invenção que Miller (2003) menciona estar atrelada à função do órgão linguagem, seja ele suportado pelo mecanismo metafórico em um discurso ou delírio ou por invenções a partir de elementos reais, como se vislumbra na experiência singular dos escritos de Joyce, quem inventou para o órgão linguagem, no lugar do Outro, uma função absolutamente inédita por meio de seu uso singular dos significantes, artifício criado por ele, que se afasta da comunicação comumente estabelecida (LACAN, 1975-76/2008).

Miller (2003) desenvolve a tese de que, na atualidade, o termo invenção situa para todos nós o que ele indica como a perspectiva de que o Outro não existe, sendo o Outro fruto de uma construção. Podemos dizer que, a partir das diferentes construções da neurose e da psicose apontadas na obra lacaniana, existem diversos Outros. Na relação do neurótico com o Outro, formula-se a aparência de uma relação em que o Outro simbólico está dado e que o sujeito é efeito do significante, sendo o Outro que inventa. Isto se reflete no paradigma neurótico de que o sujeito movimenta-se e articula-se na linguagem para se comunicar com seus semelhantes. Isto corresponde a um cenário em que a existência do órgão linguagem não está mais em questão para o sujeito, mas existe como órgão exterior que estabelece as possibilidades entre os seres de comunicação. No entanto, para a experiência esquizofrênica da relação com o Outro, este não está dado de partida, não existe, e a ênfase é deslocada de efeito de comunicação para a questão do uso da palavra que primeiramente delimita o próprio sujeito, o inventa, este sujeito que não é invenção de um Outro existente, mas que vem inventar o Outro (MILLER, 2003).

3.3 O Outro inexistente e o bricoleiro

Ao longo do percurso realizado neste trabalho, observamos que este lugar Outro, no qual o sujeito é constituído, após um primeiro momento em que é concebido na obra lacaniana como marcado pelo Nome-do-pai, posteriormente é pensado como portador de um vazio em que diferentes particularidades do funcionamento discursivo podem operar. Nesse sentido, o Nome-do-pai, como operador e normatizador do lugar Outro, torna-se um dos modos de organização da linguagem a partir da instância simbólica, sendo entrevistas para além dele outras possibilidades tanto pelo registro imaginário como pela dimensão do real. Isto leva à perspectiva do Outro como uma construção por meio de diferentes manejos acerca da linguagem.

Em tal construção, na qual o que está em jogo é a defesa contra o real, a saída neurótica ocorre pela via de uma aposta de que alguém sabe o verdadeiro sentido das coisas (LACAN, 1968-69/2008, p.115). No entanto, para a psicose, especialmente para a dimensão da esquizofrenia, não há defesa contra o real,

sendo o próprio simbólico tomado como real. Nessa conjuntura, torna-se possível pensar possibilidades de construção de um trabalho psíquico na clínica a partir das concepções de bricolagem e de amarração vinculada àquela (LÉVI-STRAUSS, 1962/1989), como veremos mais adiante, o que possibilita um caminho de estabilização para a psicose.

Tendo em vista o escopo deste trabalho, buscamos, nesse momento, nos aproximar das proposições da noção de inexistência do Outro com base na instância real do encontro com a linguagem, que se encontra presente em estruturas próximas da esquizofrenia (MILLER, 1996a), bem como da noção de estabilização com base na concepção de bricolagem (SARMENTO, 2006; VIEIRA, 2011). Tendo isso em vista, buscamos correlacionar esta perspectiva à discussão de dois casos apresentados por integrantes do grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Marcus André Vieira, vinculado ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio, a fim de pensar os efeitos da proposta de um tratamento do Outro do âmbito das psicoses.

3.3.1 Sobre a ironia do esquizofrênico

Em sua obra “Clínica irônica”, Miller (1996b) expõe, a partir do desenvolvimento lacaniano da noção de discurso registrado no *Seminário 17* (LACAN, 1969-70/1992), a perspectiva de que “todos os nossos discursos não passam de defesas contra o real” (p.190). Com esta tese, o autor busca fomentar a proposição lacaniana de que ao campo da linguagem e dos laços sociais, os quais são possíveis por meio de pactos ou contratos nas relações entre os sujeitos, falta um elemento último que permita a consolidação de uma plenitude ou completude do sujeito e de tais relações, o que impulsiona mesmo a dinâmica dos pactos para que seja possível algum modo de coexistência. Assim, os discursos configuram dinâmicas que permitem um modo de defesa contra esse ponto de impossível da vida (MILLER, 1996b, p.190).

Ao pensar acerca do âmbito da esquizofrenia, entretanto, o autor indica que o sujeito aí “se especifica por não ser apreendido em nenhum discurso, em nenhum laço social” (MILLERb, 1996, p.190), o que remete à proposição lacaniana contida em *O aturrito* (1972/2003), como vimos anteriormente. A partir

dessa definição, Miller (1996b) busca sublinhar que o sujeito esquizofrênico é o único que não se defende contra o real por meio do simbólico, já que o simbólico para ele é real. Isto implica o que este autor define como “a ironia infernal do esquizofrênico” (*idem*).

A ironia do esquizofrênico, conforme propõe Miller (1996b), de modo diverso à estrutura do humor²⁴, tem sua estrutura inscrita no próprio sujeito e vai contra o Outro. Isto traz como efeito o relevo da inconsistência do Outro, trazendo ao primeiro plano a instância real em seu lugar, sendo esta o eixo em torno do qual um modo discursivo pode ser organizado. A estrutura da ironia escancara a dimensão de semblante²⁵ que constitui a construção discursiva e o próprio lugar do Outro, levando à vivência de inexistência dele (MILLER, 1996b). Dizer que o Outro não existe trata-se de dizer que o Outro, “como Outro do saber, não é nada”, conforme a perspectiva de Miller (1996b, p.191). Nesta conjuntura, a instância real encontra-se diante do sujeito, o qual arranja outros modos de delimitação de um corpo, de um eu e de relação com outro sujeito por vias que não a do saber, inexistindo o Outro como defesa contra o real.

De modo diverso às formulações lacanianas em momentos iniciais de sua obra, acerca da palavra no funcionamento psíquico neurótico frente ao Outro por uma dinâmica dialética, sendo a palavra “o assassinato da Coisa” (LACAN, 1953/1998, p.319) e sendo a Coisa aquilo “que do real padece do significante” (LACAN, 1959-60/1991, p.153), para o esquizofrênico, Miller (1996b) sublinha que a palavra é a coisa. Isto quer dizer que, se o Outro não existe em sua vivência, é porque o psicótico está certo da Coisa, do real do gozo atrelado a este âmbito, de modo diverso ao lugar do Outro na neurose em que o real ex-siste. Nesse sentido, quando o significante está relacionado a outro significante no âmbito do Outro, em cadeia, ele assume uma função de irrealização, irrealizando o mundo. No entanto, quando a relação significante-significante é interrompida e a cadeia é quebrada, o significante alcança o real de modo a não deixar lugar à ambiguidade

24 A qual remete à vertente cômica do supereu, na perspectiva freudiana, e está inscrita no lugar do Outro como vislumbre de sua impotência e seu conhecimento.

25 Quinet (2018) indica que a noção de semblante foi transformada, pela elaboração laciana, em um “conceito que indica aparência, representação e parecer, porém não se opõe ao verdadeiro” (p.392), de modo contrário aos ditos populares. No seminário sobre o tema, Lacan (1971-72/2009) afirma que a dimensão significante é o próprio “semblante por excelência” (p.114), isto porque constitui ruptura e dissolve o que constituía forma.

própria do âmbito simbólico, sendo ele mesmo a Coisa real. Por conseguinte, ocorre a irrupção do real a partir do simbólico, o que consiste na experiência psicótica (MILLER, 1996b, p.193).

O Outro, conforme expõe Miller (1996b), constitui um lugar que é preciso fazer existir para que não seja real, como atesta a experiência neurótica da transferência na análise, que constrói este Outro a fim de que possa ser endereçado a ele “a carga da consistência lógica do objeto *a*” (p.197), o qual é da ordem do semblante. “Fazer existir o Outro para lhe enviar o objeto *a*²⁶ faz desse objeto a causa do desejo” (*idem*). A respeito deste movimento, o autor localiza aí o fundamento de todo discurso, na medida em que aloja no semblante do objeto *a* a renúncia e restituição parcial do real do gozo.

Demandar ao Outro o objeto que ele acolhe, fazer com que o Outro nos demande o acerto da dívida é, em todo caso, situar a consistência lógica no campo do Outro, é o fundamento de todo discurso, o princípio mesmo do laço social. (MILLER, 1996b, p.196)

Conforme Miller (1996b) retoma da obra lacaniana, o real é definido como aquilo que é impossível de suportar, até para o esquizofrênico, sujeito que aparece sem defesa diante dessa instância. De modo diverso às experiências do neurótico e do paranoico, onde o Outro possibilita alguma localização da instância real do gozo para o sujeito, a experiência esquizofrênica traz indicações de possibilidades diversas para o manejo dessa localização, ao lidar com esse Outro que inexistente, mas que, ainda assim, produz efeitos. Se o Outro, existindo nas experiências citadas, aparece como um corpo simbólico, na esquizofrenia, a partir da inexistência do Outro, o real do gozo pulsional permanece fragmentado no corpo libidinal, o qual não é o corpo regulado pelo prazer no âmbito da linguagem, mas um corpo fragmentado que tem o gozo como finalidade última para além da finalidade vital.

3.3.2 Para além do enlace subjetivo pelo simbólico ou imaginário: aproximações de outras possibilidades a partir da noção de sinthoma e de nós

Por via diversa do sentido, desse Outro que, para o esquizofrênico, não existe, o dito esquizofrênico traz ao primeiro plano recursos da ordem do real na

²⁶ O objeto *a* corresponde ao objeto que causa o desejo para Lacan (1962-63/2005), como um condensador de uma parcela de gozo que, quando renunciado pelo sujeito, suporta o desejo.

delimitação de sua existência, os quais possibilitam arranjos que podem ser identificados pela noção de “sinthoma”. Este conceito é forjado por Lacan (1974-75) para remeter à construção de um arranjo que possibilita a junção dos diferentes elementos provenientes da incidência da dimensão significante como pura diferença desde o real. Diferente do sintoma como expressão da divisão subjetiva na estrutura da neurose, a noção de sinthoma, concebida por Lacan (1974-75) em seu *Seminário 22 – R.S.I.*, remete à articulação entre a dimensão real do gozo e a de um furo que se coloca na dimensão significante do inconsciente. Por ser o que não cessa de se escrever, isto possui a função de fixação de uma amarração que “supre o que não cessa de não se escrever” (QUINET, 2016, p.250), isto é a instância real.

Observando os fenômenos de corpo próprios da estrutura psicótica, Miller (2012) considera que eles podem ser considerados como modos de amarração dos elementos disjuntos da incidência da dimensão significante no real do corpo, de modo a possibilitar uma construção corporal ao esquizofrênico. Segundo o autor, diferentes elementos podem apresentar essa função de amarração para o sujeito, o que

[...] solicita que se veja uma forma de sinthoma no próprio Nome-do-pai. O raciocínio de Lacan é que se o Nome-do-pai pode ser substituído por um tal 'fenômeno de corpo', por um sinthoma, então, um não vale mais que outro. O que interessa [...] é uma busca muito pontual: qual é a articulação significante que produz o fenômeno do corpo? (MILLER, 2012, p.110).

Vieira (2011) indica que ela pode passar pelo fora de sentido, no desconectado, na angústia ou em um pânico insustentável, assim como nos tropeços característicos do neurótico. Este autor afirma que o modo de amarração por meio do sinthoma se dá pelo nível do nó borromeano, o qual é apresentado por Lacan (1971-72) no seminário sobre *O saber do analista*, a fim de demonstrar o espaço relacional do ser falante (VIEIRA, 2011, p.2).

Vieira (2011) propõe a ideia geral do nó como sendo “a reunião de duas ou mais cordas que ao serem entrecruzadas algumas vezes (ao menos duas) passam a ter uma relação fixa e indissociável entre elas” (p.2). Para o autor, a contingência do entrecruzamento de dois laços traz a esta amarração a vacilação deste nó, o que é respondido pela ótica lacaniana com o nó borromeano. Este tipo de nó é

articulado e composto por três elementos que, pelo seu modo específico de amarração apenas a partir dos três, possibilita a consolidação de uma união entre eles. Vieira (2011) sublinha que este modo de enlace borromeano se mantém pelo modo de trança pelo qual se entrelaça, que o desencadeamento de uma corda leva à separação de todos os três elementos. Isto traz a cada elemento uma independência, sendo “a sequência dos atravessamentos que os mantém unidos, o que define a propriedade borromeana” (p.2).

A partir desse enodamento, Vieira (2011) indica que esse mecanismo de enlace possibilitou à perspectiva lacaniana a formulação da junção entre os registros do real, simbólico e imaginário. Segundo o autor, tais registros foram introduzidos na obra lacaniana como modo de ordenar a abordagem da experiência analítica, de forma a operar uma decomposição dos fenômenos que aí aparecem. Vieira (2011) sumariza que a decomposição do que se manifesta nessa experiência se dá entre o âmbito da carne, isto é, do real; o âmbito de sua forma essencial, qual seja o registro do imaginário; e, o lugar de um sistema de oposições, o qual aponta para o registro simbólico. Tais âmbitos são apontados por Vieira (2011) como as dimensões da espessura, textura e estrutura, conforme apresentado por Lacan (1953).

Tomemos como exemplo uma relação imediatamente acessível. Um real deve ser articulado a uma imagem para que haja vida. É o que delineia o clássico exemplo de Lorenz, retomado por Lacan [...] No caso humano, no entanto, [...] será preciso que algo mais entre em cena e que virá ligar a mãe ao bebê e à sua fome. É o que realiza o “simbólico”. Deste modo serão sempre três e não dois. O Simbólico interpõe-se entre “R” e “I” estabelecendo o laço necessário à vida. (VIEIRA, 2011, p.3)

O autor busca esclarecer que o registro simbólico indicado na obra lacaniana não corresponde à noção de “simbolismo” ou “significações abstratas”, mas aparece como algo que apenas constitui uma marca sem sentido, sendo este último da ordem do simbólico, como é o símbolo de um nome próprio, por exemplo, ou as marcas dos números (*idem*). A partir do *Seminário 23 – O sinthoma*, de Lacan (1975-76/2008), ocorre uma diferenciação entre dois tipos de nó, os quais correspondem aos nós de três e de quatro elementos, o que produz o efeito de modos de apresentação do simbólico distintos.

Ao observar o caso Joyce, a perspectiva lacaniana apresenta que, por uma falha nesse registro, teria sido necessário a Joyce a invenção de um quarto

elemento que possibilitasse o enlaçamento entre os três registros, o qual constituiu o *sinthoma* presentificado no modo de uso da escrita e de existência subjetiva naquele caso. A partir desta falha no registro simbólico, a ótica lacaniana apresenta a psicose como um déficit na normalidade borromeana (LACAN, 1975-76/2008, p.85). No entanto, tendo em vista o desenvolvimento de Miller (1998) na *Conversação de Arcachon*, Vieira (2011) aponta a tese deste autor conhecida como a “forclusão generalizada” ou “teoria do *sinthoma* generalizado”, a qual apresenta o paradigma acerca dos nós como só sendo possível a partir de quatro elementos, seja ela na constituição subjetiva psicótica ou neurótica.

O quarto elemento que torna possível o enodamento borromeano, de modo a diferenciar e delimitar os registros entre si, constitui, justamente, do elemento que faz *sinthoma*, como vimos, por meio da qual o sujeito cria uma organização para a língua própria. Vieira (2011) nos chama a atenção, na demonstração dos nós, por exemplo, que a única forma de diferenciar os aros a partir dos quais se constrói o nó borromeano é por meio das letras representantes dos registros de cada aro, ou mesmo por cores que designem cada registro de modo diferenciado. Tal artifício seria a marca como *sinthoma*, o qual “sustenta a amarração borromeana de três registros díspares, pois sem ele, eles se confundiram” (VIEIRA, 2011, p.4).

Ao que é da ordem do *sinthoma*, portanto, corresponde a invenção²⁷ de um artifício que faça laço, seja ele pouco menos recente e dado pelo meio social a partir de um discurso estabelecido, como o operador do Nome-do-pai, seja ele mais inédito e criativo, como o são as bricolagens, concepção que veremos posteriormente, emergidas a partir da articulação com diferentes objetos (obras de arte, por exemplo) ou modos de uso da linguagem e de artefatos (como construções poéticas).

Segundo Vieira (2011),

O *sinthoma*, agora, longe de ser pensado como patologia, será tomado como esteio do laço social, fundamento da conexão entre o gozo singular de cada um e uma imagem, uma significação, do Outro. Alguns se conectarão a partir de uma imagem extremamente

²⁷ Para Vieira (2011), a invenção não se dá a partir de um ideal específico a ser alcançado, porém é mais próximo de um trabalho artesanal que desenvolve uma produção no próprio fazer a partir dos recursos disponíveis. Isto é, como Miller (2003) indica, uma montagem com “materiais preexistentes”, o que é esclarecido por Vieira (2011) como “restos, pedaços, fragmentos de discurso” (p.4) que juntos tornam possível a construção de algo.

reduzida – limitadamente social, tal como uma droga ou um modo de gozo predeterminado. Estes sintomas poderão ser tidos como “autoeróticos” por conta do Outro limitado a que se referem, mas serão sempre necessariamente conectores com o social por incluírem um tanto de gozo. Uma análise busca localizar o *sinthoma* como traço que abre o sujeito ao uso do gozo singular por ele localizado e que mantém amarrado o saco de gatos que costumamos chamar uma história [...]. (VIEIRA, 2011, p.4-5)

Uma intervenção clínica que possa ser guiada pela concepção de *sinthoma*, isto é, pelas possibilidades de amarração dos registros da língua e pelas invenções particulares de cada sujeito, por menores ou mais simples que sejam, pode funcionar como suporte que permite recolher os materiais preexistentes, como objetos ou fragmentos enunciados constituintes da existência do sujeito, a fim de privilegiar a construção de modos sustentáveis de delimitação do real do gozo e uma conexão possível com o âmbito social. A partir disso, torna-se viável, em níveis diferentes de um discurso totalitário em nível industrial, mas na dimensão de acolhimento de trabalhos artesanais com a língua — dimensão que tendemos a apontar como privilegiada em termos de deixar entrever o mais singular do humano —, o alcance de uma autonomia subjetiva quanto à relação social, entendendo tal autonomia como uma possibilidade de estabilização da existência e conexão social.

3.3.3 Sobre a noção de estabilização e de construções com os dejetos

Ao tratar na noção de autonomia no âmbito da saúde mental e aproximá-la da noção de estabilização, Sarmiento (2006) nos indica que esta última noção está intrinsecamente relacionada à ideia de fazer *suplência*, já que tanto “estabilização” quanto “*suplência*” relacionam-se ao sentido de oferecer uma possibilidade de apaziguamento para o sujeito na vivência em relação ao real do gozo excessivo. As duas noções guardam, entretanto, diferenças no que diz respeito ao paradigma sobre a psicose em que estão inseridas em diferentes momentos de desenvolvimento a partir da obra lacaniana. Enquanto *suplência* está atrelada, nesta obra, ao paradigma da psicose como fruto de um *déficit*, a noção de estabilização corresponde a um outro momento, onde, a partir da tese do *sinthoma* generalizado de Miller (1998), faz-se necessário a todos a constituição de uma invenção com o âmbito da língua a fim de se estabilizar na existência diante do real do gozo.

Por esta via, é possível entender que a estabilização constitui igualmente a produção de um modo amarração da instância dos significantes, o que tem como efeito a organização e abertura de um lugar para o sujeito em relação à linguagem na medida em que possibilita o encadeamento do nó borromeano e a distinção entre os elos. Desse modo, é suportada a sustentação de um nome próprio que torna-se a marca do sujeito. Deste modo, como aponta Sarmento (2006), a obtenção de uma nomeação possibilita alguma limitação para o real do gozo que invade o corpo na estrutura psicótica. Para cada sujeito, conforme é possível observar em âmbito clínico da psicose, cada caso traz um modo de solução diferenciada, conforme o que é possível ao ser falante na dimensão dos recursos à sua disposição.

Ao se questionar acerca de ser a estabilização um objetivo digno para o tratamento de sujeitos acometidos pela loucura, Vieira (2011) indica que esta é de uma interrogação pertinente para aqueles que se dedicam a acolher o trabalho dos psicóticos a fim de promover um lugar ao que os invade e devasta. Como podemos acompanhar a partir das reflexões propostas por este autor, entende-se que a noção de estabilização abarca maiores apreensões para além do que Vieira (2011) aponta estar presente no senso comum, como “algo a meio-termo entre a inércia (da estabilidade dos sinais vitais em um CTI, por exemplo) e a adaptação (estabilidade no emprego, por exemplo)” (p.1).

Nos casos para além da estruturação neurótica, a estabilização pelo simbólico supõe a produção artesanal de um significante que dê suporte a uma ancoragem entre as significações, segundo Vieira (2011, p.2), não sendo este mesmo significante suposto. Tal significante possibilita uma nomeação na medida em que representa o sujeito para um Outro, já que “sem este Outro ele é apenas um bloco opaco de identificação que petrifica” (*idem*), bem como com este Outro institui-se “um lugar de sujeito, a partir de um nome que pode ser referência” (*idem*). A perspectiva de estabilização pela real só foi tornada possível, como Vieira (2011) expõem, por meio das mudanças sobre concepção da instância do real presentificadas no *Seminário 23* acerca do sinthoma, bem como da noção do nó borromeano como sendo possível baseado em quatro elementos.

O artifício sinthomático, segundo Miller (2010), tem sua construção constituída a partir de materiais preexistentes e restos, como mencionado, dejetos que, em âmbito oposto a uma dimensão ideal com uma finalidade predisposta a priori, são utilizados como recursos por meio dos quais são construídos saberes que tornam o artifício um modo de amarração subjetiva e um modo de expressão de uma língua particular. Tomando de Paul Valéry a citação sobre “a salvação pelos dejetos”, Miller (2010) expõe, em sua obra de mesmo nome, que esta via constitui uma maneira do sujeito se colocar no “curso do mundo que é discurso”.

Acerca da expressão “salvar-se”, Miller (2010) afirma que este significante permite vislumbrar a questão de verdade que está em jogo no movimento apreendido por essa expressão, para além do âmbito da saúde ou da cura. O âmbito da verdade trata-se de “uma revelação de saber que carrega com ela a realização de uma satisfação e [...] o desenvolvimento durável de uma satisfação superior” (p.2). Sobre o significante “dejeito”, tendo em vista o ensino lacaniano, o autor traz a definição de que é aquilo que é rejeitado, sendo

[...] o que cai, é o que tomba quando por outro lado algo se eleva. É o que se evacua, ou que se faz desaparecer enquanto que o ideal resplandece. O que resplandece tem forma. Pode-se dizer que o ideal é a glória da forma, enquanto o dejeito é informe. Ele prevalece sobre uma totalidade da qual ele é só um pedaço, uma peça avulsa. (MILLER, 2010, p.2)

Isto que é o dejeito, o que é configurado como resto, o objeto *a* que na psicanálise torna possível, a partir de sua queda, localizar o real do gozo, quando é submetido à dinâmica da sublimação, é elevado à dignidade de Coisa, como pontua Miller (2010). Isto é, por meio da redução da instância real do gozo à falta, por meio da castração, o gozo se torna passível de ser idealizado, e aí já se encontra no âmbito dos ideais de uma sociedade. O gozo do Outro, nesse sentido, constitui uma abstração ou uma ficção. No entanto, segundo Miller (2010), a apreensão desse gozo do Outro, ao ganhar corpo a partir de sua instância real, produz o efeito de persuasão que aparece desde um Outro que goza do sujeito, o que é configurado com a posição da paranoia (*idem*).

O autor pontua que “sem essa paranoia o eu não seria mais que um *bric-à-brac* de identificações imaginárias” (*idem*), termo que traz à nossa percepção luzes no que diz respeito aos casos que buscamos pensar mais a frente. Os

momentos anteriores às invenções no âmbito das esquizofrenias encontram em tal termo “*bric-à-brac*” um esclarecedor suporte que indica o próprio caráter material, indistinto, sem uma função significante específica, em nível real dos artefatos com que os objetos podem ser tomados durante uma construção artesanal. Com base nessa construção, algum modo de socialização, e portanto, alguma suposição no Outro de uma vontade de gozo, como aponta Miller (2010), pode ser constituída, em relação à qual tal construção artesanal pode vir a ter função de defesa.

Tendo em vista que o laço social passa pelo mecanismo da paranoia para se constituir, Miller (2010) expõe que a dificuldade de inserção neste passa pela ordem da debilidade, termo presente na obra lacaniana referente ao esquizofrênico como o movimento de “deslizamento subjetivo do discurso até a posição fora do discurso” (p.4). É pela via da abertura ao que é tido como dejetivo pela ordem social dominante que o esquizofrênico tem êxito em fazer de sua posição de dejetivo o início de um novo discurso. Desse modo, é possível observar as vias de possível transformação na relação com o Outro, na medida em que, alocando-se o dejetivo, torna-se viável sua elevação ao nível do que o autor configura como a dignidade de um objeto de troca, isto é, objeto que na relação possibilita ao sujeito o vislumbre da verdade inerente à sua própria constituição e outros modos de lida com a mesma.

Miller (2010) afirma que, no caso da psicanálise, esta prática deseja permanecer em âmbito diverso da ordem social, ao prezar pela dimensão de alocação do dejetivo, a fim de que esta posição — via para salvação que não possível pelo ideal — não deve levada ao desaparecimento. Para ele, o desaparecimento deste fator leva à consolidação, sem possibilidade de deslocamento, deste Outro do gozo, de uma dinâmica paranoica, digamos, inarredável — de modo diverso ao movimento de uma paranoia dirigida, como suporia o psicanalista lacaniano —, Outro do gozo que sustenta sua vontade de modo a ocultar a verdade inerente ao sujeito.

3.3.4 O fazer antes do saber: efeitos da bricolagem

Ao longo do que pudemos acompanhar acerca da perspectiva de salvação pelos dejetos e de construções a partir de restos, os quais possibilitam ao sujeito psíquico um modo de estabilização pela organização da língua e localização mínima de gozo, acreditamos ser importante igualmente nos aproximarmos da noção de bricolagem, próxima à proposição milleriana de invenção ou de artifício sinthomático, como na ótica lacaniana, tendo em vista sua relação com objetos ou palavras tomadas de forma concreta. O termo bricolagem tem sua origem na palavra francesa *bricolage*, a qual designa uma “atividade manual que visa reparar ou fabricar pequenos objetos”, conforme seu significado é encontrado no dicionário de citações do *Le Monde*.

Esse termo foi apropriado, de modo conceitual, pelo antropólogo estrutural Claude Lévi-Strauss (1962/1989), em sua obra intitulada *O pensamento selvagem*. Tal apreensão se deu com o objetivo de aproximação de uma compreensão acerca do modo de construção da realidade realizada a partir de determinados manejos concretos de objetos, concebidos por povos povos indígenas, sobre os eixos da percepção e da sensibilidade que ordenam um mundo em uma estrutura diferente. Para o autor, a noção de bricolagem aponta para uma atividade executada em um plano primeiro, se podemos dizer, da experimentação em seu sentido de conhecer e manejar pela experiência, de modo sensível, materiais que são restos de obras humanas ou elementos indefinidos e que se tornam, a partir da bricolagem, partes de construções semiparticulares ao final do processo do bricoleur.

Lévi-Strauss (1962/1989) analisa, acerca da bricolagem, que esta é constituída por materiais de diferentes âmbitos em uma composição contingente, na qual a destinação de tais materiais pode ser situada em nível muito distante de seu nível de origem. Segundo o autor,

O bricoleur está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas [...] a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os “meios-limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto [...] é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores. (LÉVI-STRAUSS, 1962/1989, p.32)

Por meio dessa observação, Lévi-Strauss (1962/1989) é levado a considerar a particularidade dos objetos da bricolagem funcionarem como signos. O autor indica que o primeiro passo prático do bricoleur é retrospectivo,

indicando que seu trabalho começa por voltar-se para um conjunto já constituído por utensílios, de modo a “entabular uma espécie de diálogo com ele” (LÉVI-STRAUSS, 1962/1989, p.34), a fim de “compreender o que cada um deles poderia ‘significar’” (*idem*). O autor afirma que “nessa incessante reconstrução com o auxílio dos mesmos materiais, são sempre os antigos fins os chamados a desempenhar o papel de meios: os significados se transformam em significantes, e vice-versa” (p.36). Tendo em vista essas transformações constantes, torna-se importante ressaltar uma das funções da construção bricoleira em relação à dimensão clínica à qual visamos voltar nossa atenção aqui. Tal função consiste na possibilidade que o bricoleur tem de narrar, “através das escolhas que faz entre possíveis limitados”, seu caráter e sua vida. “Sem jamais completar seu projeto, o bricoleur sempre coloca nele alguma coisa de si.” (LÉVI-STRAUSS, 1962/1989, p.37).

No âmbito clínico, podemos acompanhar com Lima (2014) o modo pelo qual a concepção de bricolagem pode indicar esclarecimentos quanto às formações do inconsciente. Tal concepção, de acordo com essa autora, pode ser situada como uma maneira de ler as formações dessa dimensão. Segundo Lima (2014), a formação sintomática, assim como o trabalho do bricoleur, trata-se de uma questão de invenção, isto porque são construídos de modo semiparticular por elementos heterogêneos provenientes do âmbito e funcionamento cultural, o que possibilita o advento do sujeito de maneira específica. A concepção de bricolagem, na clínica, aponta para uma construção do ser falante que lhe possibilita, por uma certa disposição, construir uma amarração dos registros do real, simbólico e imaginário da linguagem. (LIMA, 2014).

Nesse sentido, Vieira (2018) expõe que a concepção de bricolagem na clínica constitui uma ferramenta importante para o fazer do analista em tempos de “ocaso do paradigma da neurose e do Nome-do-pai como chave mestra para o real” (p.1 apud VIEIRA et. al, 2019, p.18). Segundo o autor, a concepção de bricolagem, nesse âmbito, abre vias para a produção de intervenções clínicas que suportam o psicótico no engendramento de um lugar para si na dimensão do Outro, visto que, por meio do modo de construção concreta do trabalho da bricolagem, uma via de construção da realidade torna-se possível. Deste modo,

Vieira (2018) pontua que “conta menos que se entenda o que está sendo amarrado e mais a certeza de que está” (p.2 apud VIEIRA et. al, 2019, p.18), o que sinaliza uma realidade que funciona, para além dos sentidos hegemônicos em uma determinada sociedade, para aquele sujeito em particular e torna possível a ele transitar por outros âmbitos sociais por meio de uma construção bricoleira contínua que tem como efeito a construção de um nó.

“[...] a proposta de Lacan, do uso dos nós é justamente a de partir de uma multiplicidade de elementos que se amarram. Só depois que a coisa deu liga, podemos saber um pouco mais sobre o papel de cada um de seus elementos.” (VIEIRA, 2018, p.3 apud VIEIRA et. al, 2019, p.18).

Sobre isso, consideramos importante recuperar igualmente nesse momento as considerações de Schejtman (2015) acerca da construção de um nó. Tomando a noção do nó de quatro elementos e a noção de sinthoma, este autor sublinha a contingencialidade do entrecruzamento dos elementos. Schejtman (2015) considera importante considerar este quarto elo, assim como a bricolagem, como uma solução construída pelo sujeito a fim de amarrar os três elementos diferenciados, vindo o quarto elo a solucionar os lapsos da construção de um nó em que algum elemento da tríade mencionada permaneça como livre. Assim, o quarto elo carrega a função justamente de mediar os lapsos nos quais os entrelaçamentos contingentes da linguagem se dão, vindo a entrecruzar os mesmos, “como um remendo de falha de nó” (SCHEJTMAN, 2015, p.96, tradução nossa). Nas palavras do autor, tendo em vista a perspectiva de que os modos de construção de um nó falham,

[...] destacar aqui que ‘o nó falha’, que o lapso, o erro no desenho do nó é inevitável, — e que, dependendo disso, o simbólico, o imaginário e o real não podem ser ligados por si próprios —, Lacan abre a partir deste momento a possibilidade — mas também a necessidade — de uma clínica das reparações deste lapso estrutural que, em última instância, não se refere senão ao facto de não existir relação sexual. (SCHEJTMAN, 2015, p.98)

Isto é, de haver em torno das relações uma impossibilidade inerente, contornada a partir das construções subjetivas contingentes com base em diferentes modos de estar na linguagem e amarrar seus registros, sendo o âmbito do sinthoma — do quarto elo —, não confundido com esses. Nesse sentido, essa construção unificadora, se podemos colocar nesses termos o quarto elo, remete a

um mecanismo presente nas diferentes estruturas psíquicas, de modo generalizado, que apresenta a função de possibilitar ao sujeito uma via para lidar com o lapso estrutural próprio do encontro do sujeito com a linguagem. Essa construção remete em um primeiro momento à concretude da amarração que lhe é inerente, vindo apenas em um segundo momento revelar o modo como foi possível mediar os lapsos no aspecto borromeano de entrelaçamento entre os elementos envolvidos na linguagem. A isto corresponde a noção da maneira pela qual a bricolagem realiza-se, como uma construção que, apenas em um momento secundário, torna possível um saber sobre seus meios e recursos.

Vieira (2018 apud VIEIRA et. al, 2019) ressalta, a respeito desse modo de constituição de funcionamentos subjetivos, que no processo da bricolagem ocorre uma inversão da temporalidade lógica, de modo que a dimensão do sentido, diferentemente de produzir o efeito de amarração, advém posteriormente à construção desta, como efeito de uma possibilidade de amarração com base em dados recursos. Tendo em vista essa perspectiva na clínica psicótica, a possibilidade de construção de uma amarração vem em primeiro plano, de modo que apenas a partir daí torna-se possível algum saber sobre isto. Segundo Vieira (2018), “a cada vez que estiver amarrado, é preciso saber o que e como isso se deu para poder acompanhar o paciente em suas invenções e eventualmente contribuir” (p.3 apud VIEIRA et. al, 2019, p.18). Assim, o autor enfatiza que, ao falarmos de construção de nós e de amarração, conforme a perspectiva lacaniana, trata-se justamente dos arranjos possibilitados pelo trabalho da bricolagem.

3.4 Construções por meio dos objetos: casos clínicos e modos de organização concretos

Tendo em vista as considerações aqui levantadas acerca das invenções desde a instância real, como modos de amarração e funcionamento subjetivo, e da construção de um lugar no Outro por meio de artifícios inéditos e singulares, o que também podemos entender como construções concretas e em um sentido deslocado na produção de bricolagens, neste momento, gostaríamos de trazer a este espaço dois casos apresentados por participantes do grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Marcus André Vieira vinculado ao departamento de psicologia da PUC-Rio, a fim de possibilitar reflexões quanto aos efeitos de

tratamento possibilitados com base nas ferramentas conceituais aqui levantadas acerca do lugar do Outro.

3.4.1 Endereçamentos a um CAPS e construções de uma proteção social

O primeiro caso, apresentado por Caselli (2019) por meio de um relato oral do Centro de Estudos do Instituto Philippe Pinel, na cidade do Rio de Janeiro, trata-se de um relato de um usuário acompanhado em um CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial voltado para pacientes com questões relacionadas a Álcool e outras Drogas) por uma dupla de profissionais, sendo estes responsáveis a psicóloga Luiza Mariana Reis e o assistente social Raphael Calazans. Chamaremos este usuário aqui de José. O senhor José, segundo os profissionais, teve sua entrada no CAPS AD no final do ano de 2017, o que se deu a partir de um encaminhamento desde um Centro POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua). De acordo com o relato da equipe responsável por este caso, José fazia uso de álcool e estava em situação de rua há cerca de 5 anos, apresentando vulnerabilidades devido a essa situação.

Muitas vezes paranoico, irritado, costumava contrair dívidas e fazer empréstimos, com frequência era ludibriado. O último quarto que alugou por alguns dias tinha uma estrutura precária, com uma vala de esgoto passando dentro do local, e lhe era cobrado um valor de aluguel bem mais alto do que convinha. (CASELLI, 2019)

A equipe responsável relata, segundo Caselli (2019), que José é funcionário da prefeitura do município e trabalha com o cargo de varrição em frente a um Batalhão de Polícia. Isto constitui motivo de orgulho para o usuário, que indica trabalhar neste cargo há 30 anos, sempre chegando bem cedo ao seu local de trabalho, às 6h, sendo este um lugar de afirmação subjetiva diante de um suposto funcionamento caótico. A equipe indica que José chega ao CAPS vestindo todo o uniforme ou partes dele, dizendo aos brados: “Cheguei, cheguei caralho! José Juarez presente. Já limpei o batalhão, tá?, e agora estou aqui” (sic). “Sou José Juarez, rapaz. Não sou maluco. Sou servidor concursado da Prefeitura há 26 anos. E não minto! Pois, quem fala a verdade não merece castigo.” (CASELLI, 2019). Para a equipe, José é uma pessoa conhecida e bem quista pelos locais onde transita na cidade em que mora. Em contraposição a isto, contudo, o

usuário relata ser “humilhado” com frequência, relatando dormir embaixo de uma carreta que fica estacionada em uma rua próxima ao Batalhão, sendo atingido por pedras que meninos que o veem lhe arremessam. Tal relato surgiu em momento curto após sua entrada no CAPS (*idem*).

A lida com o próprio salário, de acordo com a equipe, era caracterizada por um comprometimento com despesas imediatas, relacionadas ao dinheiro que José dava à sua filha e sua ex-esposa as quais iam ao seu encontro nas datas do pagamento, à compra de objetos como relógio e rádio e à compra de várias bicicletas ao longo de cada mês. Além disso, é indicado que José teve a permanência de sua frequência ao CAPS de modo mais regular a partir do advento de um grave quadro de trombose diagnosticado em sua perna, em relação ao qual, entretanto, apresentava uma intensa recusa aos tratamentos que eram oferecidos. Segundo a equipe, José “apostava apenas no banho com folhas de Aroeira que colhia na horta do CAPS AD e onde mais as encontrasse”. Apesar das próprias tentativas de se arranjar quanto a isto, José continuava a apresentar queixas relativas a fortes dores na perna e intenso inchaço na mesma, até que recebeu a indicação de internação por um breve período para administração de medicamentos, observação e repouso, proveniente da Clínica Médica de uma Unidade de Saúde. Sendo internado algumas vezes, Caselli (2019) expõem que José fugiu do hospital todas as vezes, indicando que era “maltratado” pelos médicos.

Conforme acompanhamos a apresentação desse caso a partir do relato do apresentador, José apresenta-se em uma posição em que seu trabalho, indicador de uma espécie de sustentáculo, constitui um fator que lhe traz a possibilidade de ocupar um lugar em um Outro hostil em relação ao qual José parece situar-se à margem, como “humilhado” e “maltratado”. Encontrando-se à margem, mas ainda portando um mínimo lugar, ao lado dos momentos em que se apresentava irritado e paranoico, José, ao longo de seus percursos na cidade, não demonstra uma construção intensa de sentidos que lhe tragam um modo de sustentação de uma relação perante este Outro, mesmo elucubrando saberes sobre este, mas aproxima-se de contínuos arranjos com objetos em um âmbito tangível, por meio de sua própria experiência, como meios de tornar possíveis trocas e lidar com seu próprio

corpo. A possibilidade de arranjar-se nesse âmbito foi encontrada no espaço do CAPS, com o suporte da equipe, o que trouxe a esta conjuntura a viabilidade de um tratamento do Outro que dificultado nas ocasiões em que de José é solicitado o seu dinheiro ou possibilidade de circulação devido às prescrições necessárias à internação.

Caselli (2019), ao apresentar os modos de organização das questões da própria vida utilizados por José, destaca três vertentes a partir das quais essa organização se dava, quais são o âmbito dos objetos, do corpo e dos afetos. Ele destaca, na vertente dos objetos, o uso particular dos itens das vassouras e das bicicletas de José. A equipe indica que, por vezes, José levava consigo as vassouras que utilizava em seu trabalho para o CAPS AD.

Em uma destas situações, carregava uma vassoura em que tinha escrito na madeira o seu nome, feito por ele mesmo. Na ocasião, houve uma confusão com um outro usuário que a utilizou sem saber que pertencia à José. Na resolução do conflito, José presenteou o CAPS AD com a vassoura. As ferramentas de trabalho também se apresentam na hora de guardar seu lugar na fila do banco, no dia de receber seu pagamento. A proprietária do imóvel em que hoje José reside nos contou que para receber o valor do aluguel ela se adianta e vai ao encontro de José no banco. Ela diz que nem sempre José consegue aguardar na fila, que se forma logo cedo, do lado de fora do banco, antes mesmo de abrirem as portas. Para reservar o seu lugar na fila e poder circular, José coloca a lixeira e a vassoura de trabalho na posição que corresponde ao seu lugar. A proprietária do imóvel, então, relata que localiza a posição de José na fila pelas suas ferramentas de trabalho. Acredita que o mesmo acontece com a filha e ex-esposa que também vão ao encontro de José no banco para lhe solicitar uma quantia. (CASELLI, 2019)

Segundo a equipe responsável, como efeito dos valores destinados a essas pessoas, logo nos primeiros dias seguidos do pagamento de José, o dinheiro de seu salário já é totalmente utilizado. Ela relata que a aquisição das bicicletas constitui para José um modo de “materializar o seu salário por algum tempo mais durável, mediante as negociações que faz”. Conforme seu relato, assim que José recebe seu salário, costuma comprar uma bicicleta, a qual se torna objeto de “diversas trocas com os vizinhos da vila onde mora, com os feirantes e os compradores”. Nessas ocasiões, “vende por valores bem menores que comprou; faz trocas por outros objetos ou por outras bicicletas; troca pelo aluguel do mês; faz parcerias com vizinhos a emprestando”. A equipe também indica que, em meio a estas trocas, ocorrem situações em que José pega a bicicleta do vizinho emprestada sem autorização, o que traz ocasiões de problemas com pessoas ao redor (CASELLI, 2019).

Acerca da relação com esse objeto, é relatado que se trata de uma relação especial que, para além da “concretização material fruto do seu salário”, apontada como talvez a única, guarda igualmente uma marca de afeto, de uma possibilidade de circulação e espaço para aqueles que possuem um lugar em seu dia a dia. Isto é refletido na colocação em que ele expressa: “Ainda vou comprar uma bicicleta grande, e vou pôr na frente a Isabel (psicóloga do Centro Pop) e atrás, por ser pequena, a Luiza (psicóloga do CAPS AD) e sair pedalando por aí na cidade” (CASELLI, 2019). De acordo com a equipe,

o “pôr na minha bicicleta e andar por aí” indicava uma maior maturidade na adesão aos cuidados, além da sua fala nos fazer refletir sobre o espaço que começávamos a ocupar na vida de José, pois, ao lado do outro dispositivo, também ganhávamos uma vaga no seu objeto de transição e locomoção na cidade. Vale ainda destacar que a condução era dele. A direção do caminho também: “Coloco vocês na bicicleta e levo vocês por aí”. Mais uma marca das várias contradições (o sujeito autônomo, capaz de decidir por si) que a complexidade do caso oferece. (CASELLI, 2019)

Essa colocação trouxe à equipe o vislumbre de uma via de acesso ao usuário pelo afeto e pela ocupação que o CAPS tinha para José. Ela relata que o CAPS não se tornara uma referência para José em um curto período, já que, anteriormente, essa referência se consolidou em relação ao Centro Pop, sendo uma referência “bastante sólida”. Contudo, esta referência foi se consolidando aos poucos, na medida em que José encontrava neste espaço um suporte para seu modo de existência. Ela também ressalta que “solidez, consistência e regularidade são termos que pareciam não caber ao caso de Juarez” (CASELLI, 2019). Em contraposição ao ordenamento implicado na noção de tais palavras, no caso de José, Caselli (2019) apresenta que “o afeto foi a ferramenta fundamental de acesso” segundo a equipe, o que era expresso intensamente, conforme a vivência de José, por seu corpo, com o qual convocava os profissionais do CAPS a abraços, beijos e risadas, o que dava início às conversações e à escuta acerca de seu cotidiano.

Destacamos também, conforme acompanhamos a apresentação de Caselli (2019) acerca da relação do afeto como a via de acesso em torno do usuário, o modo como foi possível a emergência desse afeto a partir dos movimentos de José com o suporte da equipe. A vassoura, signo de seu trabalho (para além de um mero instrumento) e um dos modos de estar em um lugar, objeto que carrega a

inscrição de seu nome de modo material, ao ser levada ao CAPS por José, parece refletir sinais da recepção que este local lhe pode oferecer, objeto este que também lhe representava na fila do banco. Ao ser utilizada por outro usuário, essa ocasião provoca uma confusão entre José e aquele usuário, em relação à qual seu desfecho é o ato de oferecer ao CAPS este objeto de grande importância para José. A materialização em objetos daquilo que José possui, como o seu nome, seu salário, sua presença, parece ser algo que possibilita a José constituir trocas com outros de modo a instituir relações, um modo particular de estar com o Outro. Ao pensarmos sobre as frequentes trocas e parcerias com os vizinhos, bem como sobre as vendas que José realiza por valores menores que a compra, vislumbra-se que o que está em jogo não é uma mais valia buscada, mas de uma oferta ao outro. Por esta via, advém a possibilidade de emergência afetiva. Presentear o CAPS com seu objeto de trabalho, levar alguém em seu objeto de circulação era a expressão de afeto de José, possibilitada por seus objetos, os quais também permitiam vislumbrar uma marca de autonomia.

De acordo com a equipe responsável, de modo diverso das bicicletas e das vassouras, que pareciam já constituir um modo de organização para José, outros fatores que chamaram a atenção ao longo de seu acompanhamento foram pertences como roupas, documentos e outros objetos que José trazia no corpo de maneira caótica. Caselli (2019) relata a percepção da equipe de que, por José se encontrar em situação de rua, “trazia no próprio corpo parte do que parecia ser a confusão fruto do seu transtorno”. Conforme o relato, José “vestia-se com várias bermudas e blusas, aparência pouco conservada e trazia vários papéis, objetos e documentos, amontoados, sem organização e cuidado.” A partir dessa situação, as conversas iniciais e primeiros contatos com José consistiram em acolher seu movimento e buscar possibilidades de diálogo dentro dele. Com base em um período de acompanhamento de José, a equipe foi levada a observar que o próprio corpo de José consistia em uma tentativa de constituição de um abrigo diante das imprevisibilidades da rua (CASELLI, 2019).

[Foi percebido pela equipe que] toda aquela extravagante confusão da mistura de papéis, roupas, discursos irritados, relacionava-se diretamente ao fato do corpo de José funcionar como sua própria moradia, algo de abrigo, diante do lugar mais instável e inseguro que é a rua. E toda essa “junção de coisas” começou a ser possível de ser acessada mediante a troca de afeto que – no caso dele – também funcionava como exaltação: O beijo.

Após beijar e ser beijado, era possível o acesso de forma mais íntima a José Juarez. Após o choque da extravagância, a senha de acesso ao seu mundo também passava por nossa autorização em se permitir ser beijado. (CASELLI, 2019)

Ao longo do acompanhamento de José, a equipe indica o advento de um novo fator relativo às permutas com bicicletas, as quais envolvem “questões relacionadas ao que ele chama de ‘olho grande’” (CASELLI, 2019). Segundo a crença do usuário, “muitas pessoas têm inveja do seu dinheiro e ‘olho grande’ nele, por ser funcionário da prefeitura, e nas suas bicicletas, por isso acaba desfazendo das mesmas tão rapidamente”, o que nos traz uma outra face de seu arranjo para com a materialização de seu dinheiro e manutenção do mesmo (*idem*). Se os objetos das vassouras e das bicicletas consolidam uma relação com seu próprio ser e seu ter, na existência de José que tem na vassoura o signo de um sujeito, de maneira concreta, ao observamos a colocação acerca do “olho grande”, podemos entrever nesta a emergência de um saber sobre o Outro articulado por José desde seu manejo com esses objetos, esse Outro que, confrontando suas bicicletas, lhe persegue com o olhar para tomá-las, o que lhe traz a necessidade de se desfazer desses objetos rapidamente, como uma tentativa de defesa desse Outro que lhe vê.

José trazia consigo todos os seus pertences, como um efeito da conjuntura de sua situação, fazendo de seu corpo sua própria moradia. Ao reunir todos esses objetos em torno de seu próprio corpo, a constituição dessa moradia funcionava como defesa, como uma proteção concreta. Talvez por meio dessa proteção, por meio da “junção de coisas”, fosse possível a José acessar a equipe de maneira tão pessoal e calorosa como no beijo. A sensibilidade da equipe responsável e a troca de afeto traziam uma abertura à “casa” de José, esta última que possibilitava igualmente a expressividade de José.

A partir da conjuntura da situação de José, o acompanhamento no CAPS AD caminhou em direção a articular uma residência para o mesmo, já que José começava a endereçar parte de seus pertences ao CAPS, após um convite da equipe sobre alocar ali parte do que trazia consigo. A equipe responsável relata que “pensar em uma moradia para ele era pensar também em um modo de garantir um abrigo e cuidado para as suas bicicletas” (CASELLI, 2019). Conforme Caselli apresenta,

A construção de trabalho para alugar uma casa se estendeu por quase um ano, desde que começou a ser acompanhado no CAPS AD. Durante esse processo, José passa a falar sobre estar se sentindo inseguro em dormir nas ruas; além de depender de alguns conhecidos para guardar sua bicicleta. Algumas vezes alugava um quarto de hotel, nos dias em que ainda tinha dinheiro. Apostamos em eleger alguns objetos para sua futura “quitinete”, como lençóis de cama e outros úteis para sua casa, e manter guardados no CAPS AD. Assim como fazia com papéis que encontrava na rua ou cópias de seus documentos que levava ao dispositivo para que guardássemos em seu prontuário, passou a levar também painéis para ir compondo seu “enxoval”. (CASELLI, 2019)

A partir dessa aposta, José começou a expressar outros afetos, sobre a dificuldade e tristeza de morar sozinho. Em suas vivências, está presente sua desterritorialização de sua casa e do terreno de sua família, onde José viveu ao longo de sua infância. Ainda, segundo a equipe, apesar de ser uma pessoa muito conhecida pela cidade, José “sinaliza solidão e a dificuldade em reconstruir um lugar para ele”. Os fatores relatados no caso, pelos autores, das compras, vendas e permutas das bicicletas pareciam incluir José em uma dinâmica de trocas com outros sujeitos que tem como efeito sua reconstrução nessa nova configuração de sua vida, onde é presentificado o sofrimento da separação da família e do terreno onde residia e necessidade de uma resposta a isto (CASELLI, 2019). “Ao invés de economizar nas compras com as bicicletas para alugar um imóvel e morar sozinho, a moradia de Juarez precisava ser, ao mesmo tempo, abrigo para ele e para as suas bicicletas” (*idem*).

Em momento seguinte ao endereçamento ao CAPS de objetos para casa, Caselli (2019) apresenta o relato da equipe de que José chegou ao CAPS contando ter alugado uma quitinete em uma vila. Deste modo

Suas relações vão se configurando neste novo cenário, espaço que dá abertura aos seus sintomas e convivências ora de cuidados, companhias, ora com alguns problemas com a vizinhança. Hoje José anda com a chave amarrada em um cordão no pescoço, um modo também de apresentar e mostrar quando achar necessário. Constantemente, fala no CAPS: “não sou maluco não gente, falo a verdade...”, “não tô mentindo não, aqui minha identidade, aqui minha chave lá da vila...”. (CASELLI, 2019)

José não era maluco, não era desapropriado de um lugar ou um certo saber-fazer. Há que se notar que, da rua para a quitinete, ocorre uma mudança de apropriação de um lugar subjetivo por José. Estar na rua, para o mesmo, parecia não ser apenas de uma questão financeira, mas consistia em uma possibilidade de recuperar vínculos que remediavam sua solidão, questão com a qual, agora, vinha a se deparar. Ao aceitar o convite para destinar parte de seus pertences ao

dispositivo e ao começar a endereçar àquele local objetos que remetiam ao trabalho de construir outra possibilidade de lugar para si, José parece encontrar outro lugar na cidade para além do sustentáculo de seu emprego. Para além do Outro hostil que encontrava nas ruas e pelo qual era olhado e maltratado, a relação com o dispositivo por meio de seus objetos parecia abrir vias a um Outro que suportava a unificação de um lugar para José para além de sua constante circulação pela cidade. Constituíam-se um lugar de retorno, como seria sua casa, diverso das proximidades do Batalhão, onde as intempéries faziam com que o lugar nunca fosse o mesmo. Surge, nesse momento, a tristeza e a solidão. Trata-se, novamente, de um outro modo de territorialização, visto que, após sua saída do terreno de sua família, também nas ruas, por vias diversas, José havia constituído outros tipos de laço e a reconstrução de um modo de existência. Mudar-se para uma casa trazia o confronto com um trabalho subjetivo que, para além da moradia do seu corpo, o confrontava com a lida de uma moradia em um lugar solitário e também com o abrigo de suas bicicletas, signo da possibilidade de algumas de suas relações.

Na perspectiva da equipe responsável, o fator que mais chama atenção no acompanhamento de José é sua “capacidade de conciliação [...] entre sua ‘desorganização’ e sua autonomia e força diante dos inúmeros agravos à saúde e riscos sociais”, conforme Caselli (2019) indica.

José é um homem negro, morador de um dos municípios mais pobres e historicamente violentos do Estado do Rio de Janeiro. Solitário e ao mesmo tempo um ator popular do seu território. Embora em situação de rua desde o momento em que rompeu os vínculos familiares a partir do evento da “traição da sua esposa” – o qual fornece pistas do desencadeamento de sua crise –, é ao mesmo tempo profundamente territorializado em São João de Meriti. Identifica-se com as festas e culturas locais, circula tanto pelas áreas mais estruturadas quanto periféricas da cidade, frequenta bares e casas de prostituição, assim como conhece a história política e social do município. (CASELLI, 2019)

A partir de sua possibilidade de circulação, expressão de afetos e estabelecimento de uma referência no CAPS como um local ao qual endereçava suas conquistas e seu testemunho de que tinha um lugar, José pôde construir sua própria proteção social. Este processo pôde ocorrer mesmo com o surgimento da solidão, segundo Caselli (2019) referencia a equipe. Nas palavras dela,

Reside nisso o encanto que nos provoca a sustentação e superação do seu sofrimento e riscos. Sua exaltação e sua sempre marcante chegada marcada pela

extravagância (na fala, nas vestimentas e no corpo) o retiram da invisibilidade que enclausuram a pobreza na nossa sociedade. Seu trabalho e sua circulação o tornam capaz de resistir à brutalidade dos efeitos das desigualdades raciais e econômicas extremadas nessa conjuntura ultra-neoliberal, marcadas tanto pela agudização da pobreza quanto da formalização do ódio e da gestão de políticas sociais sucateadas e sustentadoras do genocídio em larga escala da população negra e pobre deste país. [...] Acompanhar os cuidados com este usuário nos permite lançar luz sobre outras formas de sociabilidade, ao conjugar sua subjetividade com modos singulares de produção de vida e formas de promoção de saúde produzidas nas esquinas das ruas, debaixo das carretas, em profunda relação com as fragilidades e as potencialidades das redes afetivas e culturais, por vezes invisibilizadas, dos territórios produtores da vida social. (CASELLI, 2019)

3.4.2 O homem dos papéis e a construção de um Outro

O caso a seguir, igualmente apresentado no grupo de pesquisa referido com o objetivo de estudo, trata-se de um artigo publicado por Kelly Siqueira²⁸ intitulado como “O caso dos papéis”. Este artigo foi publicado no livro *Caminhos de estabilização na psicose* (MAURON et. al, 2011), contendo o relato de um acompanhamento realizado pela equipe do CAPS Herbert de Souza. Tal relato, em consonância com a discussão que buscamos sustentar em torno do tema das invenções, nos traz uma reflexão acerca do campo de construções psíquicas e sua conexão com a instituição de um modo de relação com o Outro. Segundo o relato de Siqueira (2011), o usuário, por ela denominado de modo fictício como Alexandre, tinha 33 anos quando chegou ao CAPS. Segundo o relato de Siqueira (2011), Alexandre

Foi encaminhado pela emergência de um hospital psiquiátrico em razão de suas frequentes passagens pelo serviço. Há mais de dez anos frequentava aquela e outras emergências pedindo remédios, banho, alimentação, dizendo ter sido contaminado pelo vírus HIV, ou ser usuário de drogas. Não se expressava bem, gaguejava e os profissionais tinham dificuldade em entender o que estava sendo pedido. Também chegava encaminhado por abrigos com pedidos dos remédios que afirmava usar. Outras vezes, ele próprio pedia papéis de encaminhamento para dormir em abrigos diversos. A equipe do plantão acolhia esses pedidos repetidos, ele tomava banho, almoçava e ia embora sempre com algum papel. Finalmente decidiram levá-lo ao CAPS e a partir de então sempre reencaminhá-lo para lá sem atender aos seus pedidos, o que diminuiu consideravelmente suas idas à emergência. (SIQUEIRA, 2011, p.49)

Também Alexandre realiza uma circulação particular pela cidade, sendo esta marcada por frequentes solicitações que, inicialmente, eram acolhidas. A decisão de encaminhar tais solicitações, segundo Siqueira (2011), marca um primeiro tempo no acompanhamento de Alexandre, o qual é relatado a partir de

²⁸ Coordenadora do CAPS Herbert de Souza/FMS/Niterói.

três momentos segundo a perspectiva dessa autora. “Referir seus pedidos a um mesmo lugar nos permitiu aos poucos recolher algumas pistas de seu constante vai e vem” (SIQUEIRA, 2011, p.49). Siqueira (2011) ressalta que Alexandre não concordava em permanecer por um período longo no dispositivo do CAPS, o frequentando conforme seu tempo particular, indicando assim que o processo de recolher algumas pistas de seu movimento durou um longo tempo e exigiu paciência da equipe. “Ele chegava, pedia ajuda para arranjar abrigo ou para fazer exames, pedia alguma declaração sobre a sua situação, e nada mais dizia sobre sua vida e sobre o que lhe acontecia, ficando impaciente e irritado quando alguém insistia em perguntar” (*idem*).

Nesse primeiro momento do caso, Siqueira (2011) relata a informação de que Alexandre percorria uma série de instituições realizando pedidos referentes a “declarações sobre seu tratamento, sua identidade e suas ações” (p.49). Em relação a tais declarações, presentificava-se uma particularidade acerca de seus pedidos. Alexandre solicitava que cada declaração fosse anotada e carimbada. Em seguida, guardava e carregava isto em uma pastinha junto a outros muitos papéis, os quais consistiam em “certidões de nascimento (pelo menos quatro originais), carteira de trabalho, declarações de internação em várias clínicas, receitas, boletim de ocorrência da delegacia, cartões de passe livre” (*idem*). Outro aspecto que marcava tais solicitações era o de que Alexandre chegava ao serviço sempre com pressa, pois tinha que ir a outros lugares buscar outras declarações, “dar entrada em algum documento, fazer uma queixa, buscar uma receita, e por aí ia. No CAPS pedia ‘papel de médico’, formulário para requerer passe livre, declarações de tratamento, remédio (geralmente levava a receita e deixava o remédio)” (*idem*).

Podemos observar, acerca dessa junção de papéis, a relevância que a mesma tinha para a circulação do sujeito, visto a necessidade de validação pelos carimbos e sua importância em detrimento da medicação. Tal junção aponta a configuração de uma possível invenção subjetiva frente a isso que os papéis vinham a responder acerca do sujeito, como um artifício que promovia sua ancoragem em uma forma de existência subjetiva, na medida em que aqueles papéis de médico, carimbados, diziam algo sobre Alexandre e inscreviam isto de modo concreto, reafirmado várias vezes e reunido numa pasta, em oposição às

fontes diversas e espalhadas pela cidade de tais documentos. Isto se prolongou ao longo de mais de um ano, conforme relata a autora, período em que Alexandre frequentava o dispositivo, porém de maneira irregular, devido ao seu modo de circulação e às suas internações. Acerca das internações de Alexandre, Siqueira (2011) indica que ele

Esteve internado inúmeras vezes em clínicas de diferentes municípios por onde anda, mas a única coisa que dizia sobre o motivo das internações ou sobre seus sintomas é que passa mal, tem um “ataque de nervoso”, grita com as pessoas ou quebra coisas. Quando isso acontece, pede para ficar internado, como também pede para sair quando acha que não precisa mais, e sempre consegue. Suas internações têm em comum o fato de serem breves, mesmo em clínicas onde essa não é a conduta mais comum. (SIQUEIRA, 2011, p.50)

Alexandre afirma que perambula pelas ruas desde pequeno e esporadicamente vai à casa da mãe, conforme o relato de Siqueira (2011). Segundo o usuário, a casa de sua mãe é muito difícil, o que o faz preferir dormir na praça. No entanto, para ele, na rua também não há sossego, sendo um local onde as pessoas “implicam” com ele e roubam suas coisas. Apesar deste fator, na rua “ele pede coisas, consegue comer e se locomover para onde quer, arranja dinheiro (inclusive para tirar fotos e plastificar quase todos os papéis que carrega) e parece contar com a ajuda de estranhos que vai conhecendo em suas andanças” (SIQUEIRA, 2011, p.50). Segundo a autora, a equipe do CAPS, em uma ocasião, foi notificada pela Secretaria Municipal de Assistência Social sobre a tentativa de Alexandre de dar entrada ao seu oitavo cartão de passe livre. No momento dessa tentativa, Alexandre já carregava pelo menos cinco cartões. A característica de cada um deles, entretanto, ressaltada por Siqueira (2011) é que, em cada cartão, o usuário “aparecia com características diferentes nas fotos: com ou sem bigode, variava o tamanho do cabelo, etc” (p.50). Siqueira (2011) relata que

Diante de suas reclamações sobre a insegurança na rua e na tentativa de fazê-lo voltar mais vezes ao CAPS, foi proposto a Alexandre que deixasse os cartões, assim como alguns documentos que carregava, guardados em seu prontuário. Ele concordou, dizendo que ali os papéis ficariam em segurança, não perderia e nem roubariam dele. Passou, então, a voltar ao serviço para trocar seus papéis. Às vezes isso acontecia mais de uma vez por dia: deixava um cartão em que aparecia de bigode, levava outro onde estava de cabelo curto, trocava a declaração da clínica pela cópia da certidão de nascimento, e coisas do tipo. Contudo, Alexandre não precisava mais carregar todos os papéis com ele. (SIQUEIRA, 2011, p.51)

Segundo a autora, nesse primeiro momento do caso,

[...] não há mudança subjetiva significativa [para Alexandre]. Do ponto de vista “externo” sim, pois por decisão do Outro da rede ele passa a ser orientado sempre para o mesmo lugar. Isso produz um efeito de preparação para que algo aconteça, mas do ponto de vista de Alexandre não há mudança, apenas ele passa a endereçar ao CAPS as mesmas demandas que endereçava a todos. Sem dúvida isso contribui para que algo possa acontecer, mas não é o suficiente. (SIQUEIRA, 2011, p.51)

A autora afirma que a partir do momento em que Alexandre deixa sua pasta no CAPS, seu “baú de personas”, inicia-se um segundo momento no acompanhamento do usuário (SIQUEIRA, 2011).

Iniciou-se um segundo tempo do seu acompanhamento, em que a equipe organizou-se de forma a acolhê-lo nesses pedidos de troca e a prolongar seu tempo de permanência no serviço para que alguém pudesse trocar algumas palavras com ele também. (SIQUEIRA, 2011, p.50)

A partir dessa nova articulação com a equipe, uma certa regularidade de frequência no comparecimento de Alexandre ao dispositivo para ter sido consolidada, segundo a autora. E, quando Alexandre sumia por um tempo maior, Siqueira (2011) relata que “a maneira de saber do seu paradeiro era contatar as clínicas, [assim] sua circulação acabava tendo uma espécie de monitoramento” (p.50). A autora indica a percepção de que o CAPS tinha sido incluído na série de lugares por onde Alexandre precisava circular, constituindo-se mesmo como uma espécie de referência para algumas outras instituições. Isto porque, quando ocorriam confusões pelo não atendimento dos pedidos de Alexandre ou não se entendia o que ele falava, o próprio Alexandre começou a indicar em sua circulação o acompanhamento que realizava no CAPS, o que trazia como efeito a entrada do contato com o dispositivo para pedir orientações, informar ocorridos ou encaminhar o usuário de volta. Segundo Siqueira (2011), “nesses momentos, a orientação para a equipe do CAPS era sustentar uma posição que permitisse a Alexandre conferir à equipe algum papel, pelo menos nos momentos mais difíceis” (*idem*).

Siqueira (2011) afirma que Alexandre carregava um número considerável de identidade, certidões de nascimento e papéis dele mesmo, bem como tem várias vias de tudo. Na série de papéis que Alexandre carrega, chama a atenção as diferentes características sob as quais o usuário aparece nas diferentes fotos, assim como a transformação de seus movimentos, de uma dinâmica inicial em que carrega todos os documentos de uma vez para, posteriormente, utilizar da

dinâmica de trocar os documentos e de “características” a cada circulação. A série desses diferentes documentos pareciam exercer a conjunção e inscrição de identificações que conformam um eu, a partir de uma organização de significantes em torno do usuário, e suportam sua história. Também na dinâmica da estrutura neurótica isto é vislumbrado, por meio dos diferentes estados com os quais o sujeito se apresenta no trabalho, em casa ou na praia com os amigos, ou por meio de diferentes fotos de sua vida por meio das quais ele conta sua história e indica que ele está ali, referenciando seu eu a partir daquilo. Esse sujeito não se apresenta como sendo todas as suas identificações ao mesmo tempo, realizando essa troca de maneira abstrata no contexto em que se insere. Tendo isto em vista, Alexandre parecia adentrar esse tipo de movimento em suas trocas de papéis, levando consigo um tipo de identificação a cada momento.

Para Siqueira (2011), “deixar o arquivo no CAPS tem um efeito decisivo que se observa nas emergências. Ele passa a dizer ‘Eu sou do CAPS X’. Produzindo identidades num fazer constante (obra) ele havia se estabilizado” (SIQUEIRA, 2011, p.51). A autora esclarece que as identidades funcionavam como “o armário” de Alexandre, onde ele poderia guardar e organizar o excesso de significantes soltos de sua pasta, bem como trocá-los e usá-los a cada vez. Segundo a autora, “quando ele deposita suas identidades no CAPS parece ter-se criado a possibilidade de fazer-se um nome. Ao dizer que é do CAPS tal, ele tem seu sintoma amarrado com a linha da nomeação, quando antes era a de um fazer constante e interminável” (*idem*). A nomeação tinha como efeito o furo na dimensão significativa que possibilitava sua articulação, sendo o furo o “espaço de pausa e respiração que anima todo o resto” (*idem*, p.52). Isto é, sob a referência do significativo do CAPS como “ordenador de um vazio” (*idem*), o fazer constante com os papéis parece ter sido deslocado para essa instância que parecia lhe assegurar uma unidade e uma garantia de identidade perante os diferentes lugares onde circulava, o que teve como efeito o acalmar da situação, segundo Siqueira (2011).

A autora indica que, nesse momento,

[...] o Outro incide sobre a montagem de Alexandre de outro modo que o anterior. Em vez de buscar totalizar uma só identidade com tantas personas, que não era nada além do que Alexandre já tentava incessantemente — ou seja, em vez de propor uma ajuda musculosa

para fazer mais do mesmo — ele apenas propõe uma distinção: que nem todas as personas sirvam o tempo todo, que nem todas fiquem o tempo todo com Alexandre. [...] a partir deste “descompletar” realizado na série caleidoscópica de identidades, passa a ser possível alternar, compor, construir uma cara para cada situação, o que, aliás, é o que fazemos todos sem nos darmos conta. (SIQUEIRA, 2011, p.52)

Após esse momento de acompanhamento, uma situação instaurou um terceiro tempo no acompanhamento de Alexandre. Siqueira (2011) conta que em uma ocasião Alexandre chegou ao CAPS acompanhado de um rapaz com quem, segundo ele, morava já havia três anos, o que trouxe grande surpresa a todos. Nessa ocasião, Alexandre se apresentava de modo “visivelmente perturbado, falando sobre o fato de ter tentado agredir uma pessoa, que vozes em sua cabeça mandavam que ele esfaqueasse alguém e se jogasse na frente dos carros, que era outro que fazia isso em seu lugar, que não era homicida, mas que do jeito que sua cabeça estava poderia acabar fazendo uma besteira” (SIQUEIRA, 2011, p.50). A autora relata que Alexandre falou sem cessar durante uma hora, explicando as razões de sua ida.

Era a primeira vez que o víamos naquele estado, que provavelmente era parecido com os momentos que haviam antecedido suas internações anteriores. Explicou que tinha sido conduzido a um pronto-socorro algemado por policiais e que a médica o encaminhara a um determinado hospital para internação. Argumentou com a médica que precisava ficar internado, mas que não poderia ser naquele hospital, porque ele era “do CAPS Herbert de Souza” e que o psiquiatra do CAPS é quem poderia encaminhá-lo. Dizia “eu sou muito bem informado e sei que as pessoas do CAPS visitam os pacientes internados... não aceito mais ficar preso e ser maltratado, aquilo lá parece um presídio... um advogado me disse que sou doente, que é só eu pedir um laudo, que minha família é obrigada a cuidar de mim...”. Disse que tinha que procurar o CAPS porque não poderia mais entrar e sair das internações sem que o seu psiquiatra conversasse com o outro psiquiatra sobre o seu problema, que alguém tinha que cuidar dele. (SIQUEIRA, 2011, p.50)

A partir dessa ocasião, Siqueira (2011) entende que

Um novo tempo se instaurou: Alexandre concordou que o rapaz contasse detalhes de sua história e pudesse ser procurado por nós, começou a trazer papéis com nomes e telefones de várias pessoas com quem ele convive, orientando-nos que ligássemos caso ele não aparecesse e passou a aceitar alguns pedidos da equipe sobre seu retorno, sua permanência no CAPS e até sobre sua higiene [...]. A pressa deu lugar a uma presença mais serena e faz algum tempo que Alexandre se mantém fora do hospital. [...] Outro dia, depois de um bom tempo de conversa, ele me perguntou se eu achava que um psiquiatra poderia fazer com que um paciente nunca melhorasse do problema que tem. Explicava que ia procurar um hospital para se internar, mas que eu deveria anotar todos os dados do CAPS num papel, que ele iria plastificar e carregar, “para que o psiquiatra de lá conversasse sobre ele com o psiquiatra de cá”, pois “seu problema”, sem nenhuma dúvida, ainda não sabem o que é. (SIQUEIRA, 2011, p.51)

A partir dessa situação, onde a autora sublinha que há a recusa a se internar a partir da colocação “eu sou do CAPS Herbert de Souza”, indica-se no relato que o usuário fica mais falante e passa mais tempo na instituição, enunciando que alguém precisa cuidar dele. Essa conjuntura abre espaço para a possibilidade de um cuidador, de acordo com Siqueira (2011). “Só agora, com esta referência instituída será possível conhecer sua história, até então em poder do Outro disperso que dele cuidava. Como se vê a equipe só se institui para este sujeito após todo um trabalho” (*idem*, p.52), isto é, após todo um tratamento do lugar do Outro.

Siqueira (2011) testemunha o ensinamento, a partir do acompanhamento do caso de Alexandre, sobre o significado de “acolher a psicose no que ela tem de mais radical”, desde o serviço da instituição. Ela afirma que, durante o acompanhamento, foi necessário a abstenção de ideais acerca do engajamento no tratamento, da função da internação psiquiátrica, dos direitos do cidadão e deveres da família, bem como do papel normatizador da instituição. A autora busca ressaltar que este trabalho envolve profissionais para além do âmbito daqueles cuja formação os remete a um posicionamento específico acerca da clínica com psicóticos (SIQUEIRA, 2011). Conforme Siqueira (2011) aponta,

Ele depende, por isso, do efeito de transmissão de que não há apenas funções a priori da instituição e que muitas vezes no caso da psicose a mais importante não é uma função específica, mais verdadeira ou correta, mas sim aquela que é determinada a cada vez se permitimos que o sujeito encontre o uso que lhe convier da instituição, a partir da sustentação que uma equipe multidisciplinar é capaz de lhe dar em suas andanças e construções artesanais. (SIQUEIRA, 2011, p.51)

No caso apresentado por Siqueira (2011), o dispositivo do CAPS não atua como um Outro que introduz na experiência do sujeito um significante *a priori* para organizar a linguagem e os fazeres em seu cotidiano, mas acolhe a própria experiência do usuário, seu fazer com os papéis como marca principal de seu modo de existência, a fim de suportar o sujeito na criação de uma articulação no lugar do Outro, com o qual o usuário se encontrava às voltas. Isto se dá por meio da possibilidade de um furo em sua circulação constante, repleta do excesso de identificações ao mesmo tempo. Para isso, como Siqueira (2011) ressalta, foi preciso aceitar um “não-saber” inicialmente acerca daquele usuário, presenciando seu fazer com os papéis, para que, a partir de uma intervenção sutil, outra

dinâmica em sua existência se apresentasse. O saber, nesse sentido, vem em um momento posterior. Nessa conjuntura, o tratamento não se dá a partir de um saber sobre o sujeito, mas por meio de uma intervenção sobre esse Outro do sujeito que possibilita outras respostas do usuário. Siqueira (2011) ressalta que a proposta de deixar ali no dispositivo a pasta não significava que se sabia o significado daquela pasta, mas que ela era decisiva nos movimentos de Alexandre e que também ela poderia ser esperada por ele no CAPS. A partir da atuação sobre essa serialização do sujeito alojada em uma pasta, como um vazio de sentido, abriu-se vias para outros encaminhamentos do caso. Segundo Siqueira (2011),

Nessa nova relação o contrato parece possível. Cuidado! Isso não significa que estamos em um novo patamar de humanidade. É impossível para alguém viver sem contratos. O novo é que ele agora pode fazer contratos com a equipe, o que antes era impossível. Até ali, só acordos rápidos e caleidoscópicos, como ele. Agora a coisa muda o que facilita nossa vida, ainda mais porque agora o “problema que tem” Alexandre passa a ser tema de investigação. Nada mal. (SIQUEIRA, 2011, p.53)

Considerações finais

O conceito de Outro na obra lacaniana foi introduzido pelo autor logo nos momentos iniciais das formulações presentes em seus seminários. Tal conceito constitui imprescindível noção nos estudos acerca da constituição subjetiva, a partir da rede de relações em que esta é configurada, por meio da ótica psicanalítica. Como pudemos observar ao longo desse material, o lugar do Outro consiste no lugar dos significantes que constituem o saber do inconsciente, ou o material inconsciente a partir do qual o ser falante, por um manejo concreto do mesmo, vem a construir um artifício por meio do qual um saber emerge. O Outro, como lugar dos significantes, não compreende um significante último que promova sua totalização, o que implica em tal lugar um aspecto de alteridade radical.

No âmbito da estrutura neurótica, a dinâmica que se opera nas relações significantes em torno do ser falante se dá de tal forma que o aspecto de alteridade inerente ao Outro não constitui uma questão no advento do sujeito. Este aspecto é contornado pela transmissão do Nome-do-pai, em um movimento em que o ser falante realiza uma aposta, a partir de uma “escolha forçada”, neste operador, em relação ao qual acredita apontar para aquele que sabe a verdade e realiza um papel decisivo acerca da privação materna. Como Lacan (1957-58/1999) pontua quanto a um dado momento da evolução do Édipo, “coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, [...] de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto” (p.191). Como vimos, a estruturação neurótica se dá a partir da aceitação e da significação dessa privação pela aposta naquele nome que, no próprio discurso da mãe, ocupa um lugar singular, promovendo à criança possibilidades de desassujeitamento da posição de objeto.

Na perspectiva lacaniana, o advento do sujeito neurótico apenas se configura por meio da consolidação de um obstáculo que propicia a saída do ser falante ao assujeitamento que se estabelece na dimensão de uma relação imaginária. Conforme Lacan (1957-58/1999) afirma, é somente após a travessia da ordem simbólica, propriamente dita, que o desejo do sujeito se consolida em direção de seu objeto primordial. Ao longo da transmissão e da inscrição do significante paterno, etapa em que ocorre um modo de significação da alteridade

no lugar do Outro, o sujeito, advindo nesse lugar, renuncia uma parte do gozo em que está imerso na relação materna, apostando na crença de que aquele nome, ao instaurar uma lei, contém a verdade sobre a privação nesta relação e sobre o acesso ao gozo, desde que se situe no lugar do Outro sob determinadas condições. Assim, o desprendimento de uma parcela de gozo pode servir como um objeto de troca que, alocado em Outro lugar, pode funcionar como referência para a localização do sujeito no mundo e para a dimensão de sua busca mítica em torno dos destinos de seu desejo.

No lugar do Outro, lugar dos significantes, a marca do Nome-do-pai realiza um furo no infinito dos significantes, a partir do qual os mesmos se ordenam. Como vimos nesse material, o furo constitui uma ancoragem entre os significantes, realizando um corte a partir do qual é possível que uma cadeia de significantes e a direção de um sentido se consolidem. Podemos também tê-lo como um “ponto de basta”, como observamos. Tal marca é um elemento de incerteza essencial, a partir de onde o sujeito neurótico advém por meio do ato da aposta, isto é, pela fé na tradição depositada nessa marca, ou em outros elementos do campo simbólico que cumpram essa função.

Acerca dos recursos simbólicos como modo de organização da linguagem no âmbito da neurose, como vimos, é possível afirmar que, nessa experiência, não é perceptível a ponderação de que falta algo ao Outro, de que há um aspecto de alteridade radical insolúvel neste âmbito, visto que, pela dinâmica de gozo operada nesta estrutura, para o ser falante, o lugar do Outro marcado pelo operador paterno é uma necessidade para sua existência como sujeito inserido no laço social. Nesse sentido, acerca da ponderação do lugar do Outro no âmbito do tratamento do sujeito neurótico, a construção de um suporte ao ser falante em seus manejos na lida com a estrutura da linguagem passa por pôr algumas de suas certezas em questão, a fim de que seja possível algum deslocamento e atravessamentos da fixidez de posições subjetivas na direção de trabalho com elementos significantes e rupturas com os mesmos, de modo a elaborar possibilidades de vias desejantes.

A marca do Nome-do-pai foi amplamente considerada ao longo de toda a primeira parte da obra lacaniana, quando este autor muito se dedicou à

investigação da instância simbólica da linguagem, correspondendo aquela marca a um centro do Outro na medida em que proporciona sua unidade e constitui algo diferencial entre as estruturas psíquicas, porquanto sua inscrição encontra-se presente ou ausente. No entanto, ao longo dos desdobramentos de suas observações clínicas, Lacan desenvolveu que outros elementos poderiam constituir a função dessa marca, provenientes não apenas da dimensão simbólica, mas imaginária e real igualmente. Assim, o Nome-do-pai, como operador e normatizador do lugar do Outro, torna-se um dentre os artifícios de organização da linguagem.

Na estrutura subjetiva psicótica, a escuta aos arranjos do sujeito para habitar a dimensão da linguagem trouxeram à observação da dimensão do Outro, na ótica lacaniana e milleriana, formulações acerca desse lugar que ultrapassaram a observação da ausência da inscrição do elemento simbólico do Nome-do-pai. Se, como vimos, esse nome e sua dimensão na obra freudiana e na obra lacaniana, inicialmente, constituíam critério principal de investigação do âmbito da linguagem e distinção das estruturas psíquicas, as elaborações acerca do âmbito do real do gozo indicam as limitações da estruturação da linguagem por meio da metaforização paterna, conforme Lacan (1972/2003) indica. Pela observação da instância real, o Outro é um lugar que, em última instância, não é articulável pelo significante, sendo um lugar incompleto.

Não há “Outro no Outro” universalmente, como o seria em um primeiro momento o pai como nome, o que é esclarecido por Maleval (2009) como sendo todo enunciado de autoridade no campo do Outro suportado apenas em sua enunciação. Isto é, em uma aposta sobre algo indizível que “a mobilização significante se esforça por mascarar” (p.91). Isto aponta para a configuração da ordem simbólica estar situada em torno de um buraco. Em se tratando de um lugar incompleto, a marca do Nome-do-pai, tendo sua função na estrutura neurótica, não é passível de ser concebida como um operador universal. Tendo em vista o âmbito do real gozo como uma questão do Outro que retorna para todos, o operador paterno universal na organização da linguagem dá lugar à hipótese de ele ser um dentre um dos muitos artifícios estruturantes de um Outro, tornando-se a metáfora paterna uma função suplementar ao âmbito da linguagem.

Na estrutura psicótica, em que tal função encontra-se forcluída, como pudemos observar, os modos de organização da linguagem perseguem desdobramentos diversos, em suas vertentes paranoica e esquizofrênica. O lugar da linguagem nessa estrutura guarda particularidades em seu funcionamento referente ao aspecto de alteridade radical do Outro. Tal aspecto aí é contornado por dimensões outras da linguagem que suportam o ser falante a inventar recursos próprios para habitar este lugar, a partir da incidência que o mesmo opera sobre o ser.

Na estrutura psicótica paranoica, a dinâmica que se opera nas relações significantes em torno do ser falante, as quais são determinantes para a construção da realidade subjetiva, se configuram de modo imaginário até determinado momento particular da vida, quando a incidência de um significante para além da dimensão da relação dual que marca essa configuração faz a sua aparição. Nesse momento específico, a alteridade do Outro entra em questão. Como vimos, antes do chamado “surto” psicótico, a realidade particular do ser falante é sustentada por “bengalas imaginárias”, isto é, elementos que agem como um operador da castração simbólica, o qual pontua a infinidade de significantes.. No entanto, a incidência de um elemento significante terceiro opera um corte insuportável ao ser falante, propulsionando a dissolução imaginária e uma “catástrofe subjetiva”, de modo a provocar a sensação de fim do mundo.

Nessa conjuntura, a organização paranoica da linguagem, introduzida a partir de uma relação imaginária, tem no significante primordial do desejo materno um ponto de partida particular no que se refere à necessidade da representação de si nas elaborações delirantes e reconstrução de um mundo para habitar. Se, anteriormente às formulações lacanianas, a paranoia era referida unicamente à manifestação patológica do estado mental, posteriormente, torna-se possível apreender tal modo de elaboração subjetiva como originária do próprio âmbito da personalidade e do conhecimento. Trata-se de um modo particular de organização da linguagem que pode igualmente culminar na estruturação de uma metáfora, a partir de recursos imaginários. Em tal modo de organização da linguagem, a fixação e retenção, pelo ser falante, da posição do significante-mestre que propulsiona o sentido promove o congelamento do mesmo e a

ênfase do eu, estando a alteridade do Outro voltada para algo que concerne ao ser falante, a partir de onde podem ser desenvolvidos desdobramentos delirantes que suportem uma barra à invasão que o Outro opera sobre o paranoico.

Como pudemos ver ao longo desse percurso, a estrutura da psicose paranoica exige um delicado manejo da transferência e uma delicada leitura e tratamento do lugar do Outro no suporte à organização delirante, como modo de construção da realidade. O Outro, nessa experiência, constitui uma questão implacável, sem uma referência, portando-se como completo e invasivo diante do ser falante. A questão da construção da realidade na relação com o Outro, para a psicose, consiste em uma questão singular e inédita, para a qual não há uma resposta aceitável e mediadora a priori. Conforme Freire (2002) bem ressalta, para o psicótico, o Outro como portador do significante que opera a linguagem estruturada em seus três registros, de modo entrelaçado e diferenciado, encontra-se excluído. No entanto, a questão que este Outro coloca não deixa de se impôr e constituir um problema para o ser falante pois, a partir do momento que fala, o confronto com o que corresponde ao lugar do Outro apresenta-se como um vazio (LACAN, 1955-56/1998). A autora busca elucidar, conforme a ótica lacaniana, que para além da dimensão imaginária da linguagem em questão na psicose, o problema do Outro “com A maiúsculo”, especificamente, portador desse aspecto de alteridade radical, se impõe sob circunstâncias específicas, sem o qual as dificuldades presentes na experiência psicótica e sua significação inefável não chegariam a existir (FREIRE, 2002, p.84).

Para a psicose, a questão que o Outro coloca, desde um lugar heterogêneo ao ser falante, existe e se apresenta de um modo totalmente particular, o que requer a articulação de um artifício inédito para manejar essa questão. Retomando a psicose paranoica, o delírio que se formula como a tentativa de busca por respostas através de recursos imaginários, de modo diverso à apropriação neurótica de um operador simbólico sustentado por um discurso tradicional. Na busca por reconstruir a dimensão da realidade afetada de modo intransponível pela questão que a alteridade do Outro impõe e frente ao deslizamento incessante de significantes que perpassam o ser falante, os desdobramentos delirantes se apoiam no significante do gozo do Outro e na identificação com o mesmo, de modo a

promover a construção de algum lugar para ele na cultura e em uma realidade. A metáfora delirante, quando alcançada, confere ao próprio paranoico a constituição de um significante de referência a todos outros, suportando assim uma amarração das instâncias da linguagem distintas entre si, de modo a habitá-la.

Os desdobramentos até o desfecho de uma metáfora delirante requerem de um acompanhamento da experiência paranoica uma cuidadosa leitura da relação com o Outro que se configura como uma relação de invasão. Conforme Lacan (1966/1998) indica, tal configuração se dá em virtude da não extração do objeto *a*, o que implica que a estruturação da realidade no lugar do Outro para a experiência da psicose seja uma realidade marcada por aspectos particulares. Tendo em vista a formulação lacaniana ao final de sua obra no que diz respeito à estrutura antecedente a todo ser falante, isto é, a dimensão da linguagem que, ao incidir sobre o ser, propulsiona a geração de um resto irrepresentável por algum significante, o Outro apenas pode ser pensado como não-todo. O ser falante nunca é apreendido no lugar do Outro, sendo o objeto *a* indicador da impossibilidade de uma representação subjetiva total, como condensador de gozo, de um resto da linguagem que, na psicose, não é renunciado e encontra-se em questão.

Para a psicose paranoica, em virtude da identificação do ser falante com a localização do gozo no lugar do Outro, este se apresenta como extremamente consistente e invasivo para aquele. Desse modo, para um tratamento do Outro, a fim de suportar o sujeito a habitar essa dimensão, há que se observar a construção de recursos que viabilizem a localização do gozo em um objeto separado do ser falante, que lhe permita uma mediação na sua relação com a linguagem. Alberti e Ribeiro (2012) ressaltam que “o gozo no lugar do Outro” significa o Outro gozar do sujeito. Acerca disto, faz-se necessário que “o sujeito se ponha a trabalhar para desfazer sua identificação mortífera a este objeto de gozo, resto, dejetivo, que ele é para o Outro” (*idem*, p.201). A partir daí, abre-se a possibilidade de “localizar o gozo em um objeto fora do corpo, um objeto que o represente, que ele possa oferecer ao Outro para aplacá-lo” (ALBERTI & RIBEIRO, 2012, p.201).

Na experiência da psicose na esquizofrenia, por sua vez, de modo diverso à paranoia onde o gozo se encontra no lugar do Outro, nessa experiência o gozo incide diretamente sobre o corpo de modo anárquico. Para o esquizofrênico, a

simbolização do primeiro significante do desejo materno não chega a ocorrer, apresentando-se o campo significativo que incide sobre o ser desde uma dimensão real. Nessa experiência, o Outro se apresenta como inexistente — isto é, como uma existência virtual sem contornos definidos —, sendo precisos artifícios inéditos para que o campo da linguagem seja estruturado a partir de um discurso. Tais artifícios, nessa experiência, partem da própria dimensão do real, os quais podem abrir vias, desde um suporte profícuo, para a invenção de um Outro como um lugar onde o ser falante pode delinear uma localização de sua existência.

Como pudemos acompanhar ao longo deste percurso, na vertente psicótica específica da esquizofrenia, ocorre a experiência de um vazio radical e um fazer com a linguagem de modo totalmente concreto e inédito. A experiência do esquizofrênico aponta para a radical falta de sentido frente ao âmbito da linguagem, na qual o confronto com os significantes, com as relações sociais e com o próprio corpo constitui uma questão conflituosa. O encontro com a linguagem, no âmbito dessa experiência, permanece no nível de um funcionamento mecânico e automático. A ausência de um discurso estabelecido para ser falante, na esquizofrenia, o propulsiona à posição de ser obrigado a inventar seus próprios recursos de manejo e criação de uma função delimitada para o campo dos significantes.

Com base na conjuntura da experiência da esquizofrenia, podemos observar, de modo elucidativo, que o lugar do Outro, como uma linguagem estruturada a partir de um discurso, constitui uma invenção, atrelada à função que se atribui à própria linguagem. Para que ocorra a construção de um funcionamento para o órgão linguagem, faz-se necessário o recurso a algo que faça furo ao Outro e que permita, então, a articulação do âmbito dos significantes em um discurso, como algo que suporte a localização do ser falante no mundo, a partir de um modo de existência particular. Como acompanhamos com Miller (2003), o termo invenção situa para todos nós sua perspectiva de que o Outro não existe, sendo o Outro fruto de uma invenção, de uma atribuição de função, o que traz ao primeiro plano a questão do uso da palavra, que primeiramente delimita o próprio sujeito, e o modo de defesa acerca do real, presente desde a incidência do significante sobre o ser falante.

O Outro, conforme acompanhamos com Miller (1996a), é um lugar que é preciso fazer existir para que não seja real, o que pode ser alcançado, na estrutura psicótica esquizofrênica, pela construção de bricolagens, desde o manejo concreto do real dos objetos ou das palavras. A partir de tais construções, as quais buscamos acompanhar nos casos levantados e nas quais o fazer concreto com objetos abre vias para a construção de saberes e da estruturação de um Outro, podemos observar que o âmbito dos significantes se apresenta como algo desarticulado inicialmente, na incidência sobre o ser falante, o que implica que o lugar do Outro, para que exista, exige que um trabalho com recursos simbólicos, imaginários ou reais seja empregado.

Conforme buscamos sublinhar neste material, com base nas indicações lacanianas e millerianas, ponderar o lugar da linguagem na construção de um tratamento do Outro, considerando o entrelaçamento de seus registros real, simbólico e imaginário, apenas se configura como profícuo ao suporte do sujeito na medida em que se coloca em questão o artifício apropriado pelo ser falante, pela tradição, ou inventado pelo mesmo, o qual opera o enlace dos registros da linguagem, de modo a estruturar o Outro, lugar onde o sujeito se constitui. Este lugar não consiste em uma dimensão dada a priori ao ser falante na incidência do significante sobre o mesmo, mas, apresentando um aspecto de alteridade radical ao ser, coloca em questão o confronto com o real e a função da linguagem. Nos casos aqui observados, a consideração pelos autores dos fazeres que os usuários dos serviços de saúde mental empregavam em seus modos de circulação particulares pela cidade, bem como o suporte e proposições quanto à maneira concreta e singular de relação que os mesmos estabeleciam com as pessoas em seu entorno, trouxeram a possibilidade ao acompanhamento de que aos usuários fosse possível o estabelecimento de laços e outros modos de fazer contratos sociais, que passavam por uma nomeação e pela localização de si frente ao espaço que circulavam.

Tendo em vista o modo de leitura do âmbito da alteridade tecida nos casos aqui levantados, torna-se possível apreender que o lugar do Outro, especialmente na clínica das psicoses, indica a necessidade de um acolhimento singular dos recursos imaginários ou reais que o ser falante emprega, a partir da incidência do

significante sobre si, a fim de lidar com o vazio com o qual é confrontado em sua existência, de modo a inventar contornos para a dimensão do Outro e um lugar para si neste lugar. Na clínica das psicoses, especificamente, o saber que se coloca como questão para o sujeito neurótico não se encontra como aquilo que o Outro porta, mas antes, a questão se volta para a separação do Outro e para a função da linguagem. Para que o Outro venha a existir para o ser falante de modo contornado e para que seja possível se localizar em relação a este de modo sustentável, há que se propor um tratamento a este lugar e suportar os recursos e as dinâmicas em relação à linguagem que o ser falante emprega, a fim de auxiliá-lo em desdobramentos que lhe possibilitem modos de laço social e modos de existência suportáveis. Conforme Freire (2002) propõe,

Acreditamos que é tratando o Outro, despojando-o de saber e, conseqüentemente, do gozo que o suporta, que podemos de alguma forma introduzir uma separação, mesmo que ínfima, entre o sujeito (que se quer objeto do gozo do outro) e o Outro. Eis aí, uma aposta na direção de tratamento. (FREIRE, 2002, p.89)

Referências bibliográficas

ALBERTI, S.; RIBEIRO, P. A. Um caso específico de objeto na paranoia. **Psicologia: teoria e pesquisa**, volume 28, número 2, abril/junho de 2012, p. 197-203.

BERNARD, D. Pelo real. **Stylus Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro — RJ, n.37, p. 37-41, dezembro de 2018.

CASELLI, R. **O caso de um usuário do CAPS AD: a vassoura, a bicicleta, a chave e o beijo** (Texto de Luiza Reis e Raphael Calazans). Apresentação oral do Grupo de Pesquisa “Bricolagens na Psicanálise”. Instituto Municipal Philippe Pinel em parceria com o Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, setembro de 2019.

CASTRO, J. E. A presença do objeto a na neurose e na psicose e o desejo do psicanalista. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, vol.47, no.2, 2015, p. 45-68.

CHAVES, W. C. Considerações a respeito da tese de 1932 de Lacan: da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. **Princípios: Revista de Filosofia**, vol.10, no.13-14, outubro/2010, p.157-169.

COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do seminário 17. **Mental**, ano 4, n.6, Barbacena, junho/2006, p.107-121.

DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura. In: **A escritura e a diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005 (Trabalho original publicado em 1967).

FREIRE, A. B. A constituição do sujeito e a alteridade. Considerações sobre a psicose e o autismo. **Estilos da clínica**, volume VII, número 13, 2002, p. 78-91.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: **Obras completas** (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1912).

_____. A interpretação dos sonhos. In: **Obras completas** (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1900).

_____. Os Chistes e sua relação com o inconsciente. In: **Obras completas** (Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1905).

_____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). In: **Obras completas** (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1911).

_____. O inconsciente. In: **Obras completas** (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1915).

_____. Rascunho H: Paranoia. In: **Obras completas** (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1896).

KALLAS, M. B. L. M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Revista Reverso*, Belo Horizonte - MG, ano 38, n.71, p. 55-64, junho de 2016.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. **Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. (Trabalho original publicado em 1932).

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1955-56).

_____. Documento: o caso Mademoiselle B (Pereira, M. R. trad.). **Psicose: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, ano IV, no.9, novembro/1993, p.3-31. (Entrevista realizada em 1976).

_____. Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1953).

_____. O aturrito In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Trabalho original publicado em 1972).

_____. O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1949).

_____. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1986. (Trabalho original publicado em 1954).

_____. **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1988. (Trabalho original publicado em 1955-56).

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Trabalho original publicado em 1957-58).

_____. **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002. (Trabalho original publicado em 1958-59).

_____. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. (Trabalho original publicado em 1959-60).

_____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1973. (Trabalho original publicado em 1964).

_____. **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1968-69).

_____. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Trabalho original publicado em 1969-70).

_____. **O seminário, livro 22: RSI.** Inédito. (Trabalho original publicado em 1974-75).

_____. **O seminário livro 23: o sinthoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1975-76).

_____. O simbólico, o imaginário e o real. Conferência del 8 de julho 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise. **Biblioteca J. Lacan.** Disponível em: <<https://psicoanalysis.org/lacan/rsi-53.htm>>. Acesso em 27 fev. 2021.

_____. Posição do inconsciente. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1964).

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1966).

_____. Televisão. In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Trabalho original publicado em 1973).

_____. Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan. **Opção lacaniana — Revista brasileira internacional de psicanálise**, no.26/27, São Paulo, abril/2000, p.5-16.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papirus, 1989. (Trabalho original publicado em 1962).

LIMA, F. M. S. Psicose, invenção e sintoma. **Revista Estudos contemporâneos da subjetividade (ECOS)**, 4, no.2, 2014.

MBEMBE, A. Outras fitas: Descolonização, necropolítica e o futuro do mundo. **A fita**, 2018. Disponível em: <afita.com.br/outras-fitas-descolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>. Acesso em: 01 out. 2020.

MALEVAL, J-C. **Lógica del delirio.** Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998.

MILLER, J.-A. A invenção psicótica. **Opção lacaniana**, no.36, maio/2003.

_____. A salvação pelos dejetos (Le salut par les déchets) (Tradução de Helenice Saldanha de Castro). **Mental: Clinique et pragmatique de la désinsertion en psychanalyse**, no.24. Clamecy, abril 2010.

_____. Biologia lacaniana. *Opção Lacaniana*, no.41, 2004.

_____. Embrollos del cuerpo. Buenos Aires: Paidós, 2012.

_____. Esquizofrenia y paranoia. In: **Psicosis y psicoanálisis**. Buenos Aires: Manantial, 1982.

_____. Lições sobre a apresentação de doentes. In: **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996a.

_____. Clínica Irônica. In: **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996b.

_____. **Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica: A Conversação de Arcahon**. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. Lalíngua e sinthoma. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, no.38, jul-dez/2016.

_____. Psicanálise e teatro: o analista-ator. In T. Rivera, L. A. M. Celes, & E.L. Sousa (Orgs.): **Coleção ensaios brasileiros contemporâneos: Psicanálise** (pp. 391-403). Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARMENTO, L. C. M. Sobre autonomia: propondo um diálogo entre os campos da reforma psiquiátrica e da psicanálise. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

SCHEJTMAN, F. (2015). **Sinthome, ensayos de clínica psicoanalítica nodal**. Olivos: Grama Ediciones, 2015.

SIQUEIRA, K. O caso dos papéis. In: Maron, G.; Vieira, M. A.; MUNOZ, N.; BORSOI, P. (Orgs.), **Caminhos de estabilização na psicose**. Rio de Janeiro: ICP, 2011.

VIEIRA, M. A. Por uma epistemologia clínica. **Revista Opção Lacaniana Online**, no.2, 2005.

_____. **Restos: introdução lacaniana ao objeto**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

_____. Estabilizar? In: Maron, G., Vieira, M. A., Munoz, N., Borsoi, P. (Orgs.). **Caminhos de estabilização na psicose**. Rio de Janeiro: ICP, 2011.

_____. Sobre o falocentrismo (ou Notas de psicanálise, sexo e política). **Blog de la asociación mundial de psicoanálisis**, 2019. Disponível em: <<https://uqbarwapol.com/sobre-o-falocentrismo-ou-notas-de-psicanalise-sexo-e-politica-primeira-parte-marcus-andre-vieira-ebp/>>. Acesso em 17 out. 2020.